ex-

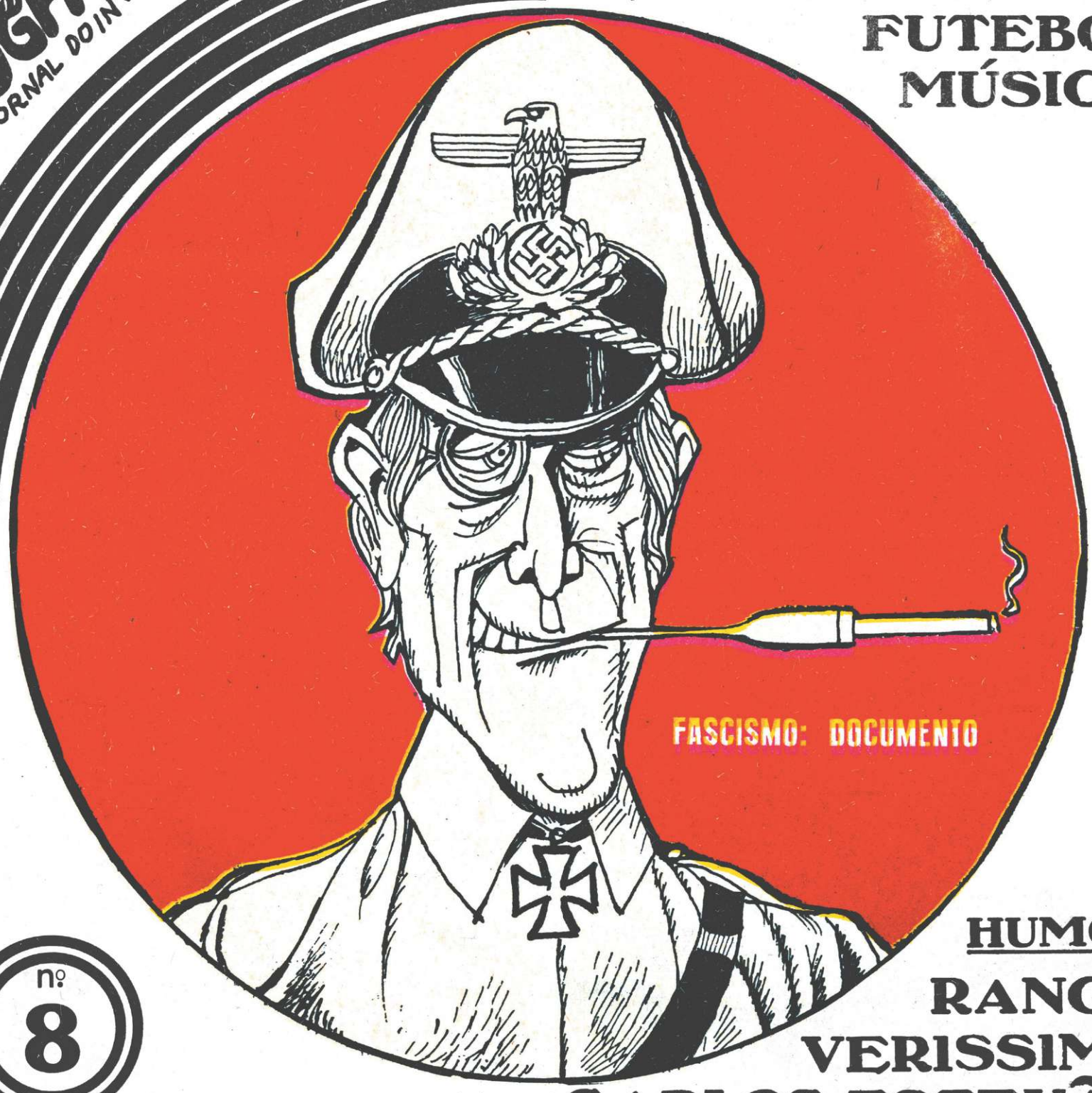
UM JORNAL DE AUTOR

Caetano Veloso
Eduardo Galeano
José J. Veiga
Neruda
Bioy Casares
Borges
Antonin Artaud

DEZEMBRO 1974 NÚMERO 8 CR$ 5,00

ESPECIAL UGH! O JORNAL DO INDIO

LATINOAMERICA
FUTEBOL
MÚSICA



nº 8

HUMOR

RANGO
VERISSIMO
CARLOS ESTEVÃO

Leve um conjunto Milady para a Estrelinha que você tem em casa.

A Estrela está lançando uma aula de manicure doméstica para as menininhas: Conjunto Milady.

Essa aula não tem um pingo de teoria. É todinha prática.

A menina põe duas pilhas na base do Conjunto Milady, liga e aprende sozinha a ter um pouco mais de higiene e carinho com as unhas e as mãos.

O Conjunto Milady tem os acessórios que a senhora costuma usar na manicure: lixas, espátula, removedor de esmalte, vidrinhos de esmalte, secador e polidor. Funcionando em silêncio, carinhosamente.

Ponha essa aula de manicure na frente de sua filha.

O Conjunto Milady Estrela vai despertar na menina a mesma vaidade que a senhora conserva até hoje.

ESTRELA

A LOUCURA NOS JORNAIS

"O último número do jornal Ex-, especial sobre loucura, não está só nas bancas à disposição do público. Está também em várias faculdades de psicologia de São Paulo e do Rio". (Jornal da Tarde, de São Paulo).

"O número 7 do Ex - acaba de sair e, nesta edição, ele assume inteiramente a causa de uma minoria tão anônima quanto o próprio jornal. E que, dificilmente lerá um único exemplar que seja dos 17 mil da edição: a causa dos internos nos hospícios". (José Paulo Borges, Última Hora, de S. Paulo).

DEPOIS DO VENDAVAL

"O Ex _ é um jornal organizado e editado pela turma que trabalhava no Bondinho. O Bondinho desapareceu num destes vendávais que vez por outra se abatem sobre publicações que procuram inovar o jornalismo e as idéias. É o destino... Ex - é uma publicação moderna que complementa não só o trabalho da imprensa diária. E jornal de texto, análise, interpretações sobre assuntos de atualidade". (José Onofre, Folha da Manhã, de Porto Alegre).

FLOR NO CONCRETO

"Ex - surgiu para mim como uma flor brotando do concreto. O n.º 7, Loucura, está uma obra-prima. Infelizmente as pessoas cada vez mais se fecham, botam armaduras e saem às ruas". (Carlos Alberto, Jundiaí).

MAIS LOUCURA

"O Ex-Loucura está muito bonito. Mas não escrevo só para elogios. Sou desenhista, meus trabalhos vogam atualmente sobre o tema citado. Gostaria de saber se os amigos têm outros documentos não publicados que pudessem me ceder: fotos, artigos... Existem livros editados de Qorpo Santo?" Paulo de Tarso, Campinas.

Paulo, temos mais material, e vamos publicá-los. Mas, se você passar por aqui, a gente pode transar alguma coisa. De Qorpo Santo há, por exemplo, As Relações Naturais e outras Comédias, editado graças ao trabalho de Guilhermino Cesar, professor gaúcho.

NUMEROS ATRASADOS

Está nas bancas de jornais de Belo Horizonte o número 7 do Ex - e, dado seu alto nível, estamos interessados em colocar os números anteriores na biblioteca de nossa faculdade.

(Prof. Jorge Enrique Mendoza Posada, da Faculdade de Comunicação da Universidade Católica de Minas Gerais).

Tenho notado à ótima qualidade dos textos apresentados no número 7 do Ex -, o primeiro que nos chegou às mãos. Gostaria de saber coom adquirir os números anteriores.

(João Batista Magro Filho, Vitória, Espírito Santo).

Infelizmente, só temos os três últimos números. Mandem 5 cruzeiros (em dinheiro ou cheque visado) e nos lhe mandamos o Ex.

●

EX-Editora Ltda., r. Santo Antonio, 1043 — SP / NENHUM DIREITO RESERVADO / Ex- está assentado no Cadastro da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF, sob n.º 1.341-P.209/73. Distribuição nacional: Superbancas Ltda. (R. Guaianazes, 248, SP). Tiragem: 17 mil exemplares. Impresso nas oficinas do Jornal Paulista, r. Oscar Cintra Gordinho, 46 São Paulo.

ASSINATURA DE 6 NÚMEMOS DO *EX*—: 45 CRUZEIROS, PARA O EXTERIOR, 30 PARA O BRASIL.

ex-

QUADRINHOS

A estréia de dois cartunistas gauchos no Ex-: L. F. Verissimo (pág. 22) Edgar Vasques (pág. 10). E uma homenagem a Carlos Estevão (pág. 26).

CARTAS

CENTRO ACADÊMICO DE DEBATES E ESTUDOS
DA
ESCOLA SUPERIOR DE PSICANÁLISE
ENTIDADE DIDÁTICA DE UTILIDADE PÚBLICA, FISCALIZADA PELO GOVÊRNO FEDERAL - FILIADA À FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR DO BRASIL
RUA SILVIO N.º 3 - (GRUPO CADEP) - BRÁS - SÃO PAULO

Senhores Editores,

saudações acadêmicas.

Pela coragem, despreendimento e altíssima visão jornalística, demonstrada pela equipe de EX que, em seu último número (Outubro), superou suas próprias perspectivas - filosóficas, para oferecer a população brasileira, um retrato chocante e, ao mesmo tempo sociológico e humano, de nossa - crescente loucura, conseguindo ainda, nesta verdadeira lição de realismo, transmitir aos leitores, o paradoxal lirismo e sensibilidade, que existe e flui através da loucura, a Diretoria do Centro Acadêmico de Debates e Estudos de Psicanálise e a colenda Congregação da Escola Superior de Psicanálise de São Paulo, se unem num mesmo e sincero voto de congratulação, por mais este relevante serviço de utilidade pública, prestado a todos nós, que nos consideramos, (apenas) "estatísticamente" normais.

Por isto mesmo, estudiosos do psiquismo humano, sentimos de verdade, que tão benemérita edição de EX, atingiu seus objetivos de informar e paralelamente, serviu para desmoralizar os preconceitos existentes contra a alienação - mental, abandonada na escuridão medonha e desonesta, dos privilégios que certas categorias profissionais criaram, não para pesquisarem e resolverem o problema da loucura, mas simplesmente para se locupletarem de sua exploração mercantilizadora, num retrocesso científico sumamente inquisicional que, sem a menor dúvida, no futuro, será a vergonha de uma sociedade que se diz civilizada.

Esta mesma comunidade a que pertencemos, esta geração de consciências robotizadas, que na teoria culturalista de E.Fromm, prefere "o mêdo à liberdade", sofreu um rude - mas necessário - choque da realidade, que esperamos tenha sido suficientemente durador, para que nossas Autoridades e todas as criaturas ligadas a Saúde Pública, voltem suas -

O PASQUIM
Editora Codecri Ltda.
Responsável:
Diretor:

● EX- UM JORNAL DE FUTURO

Hamilton de Almeida, que já publicou coisas aqui no pasca manda a revista que ele e uma turma muito boa lá de São Paulo estão editando. O nome é "Ex" (não é difícil imaginar que se trata de uma alusão ao "Bondinho", que foi um dos bons – e por isso mesmo raros – momentos do jornalismo brasileiro, na última década. Dá-lhe, Hamilton, o negócio é não deixar cair a peteca. "Ex" já ultrapassou o fatídico número 4; já está no seu número 7. Está muito bom e está nas bancas. Vamos lá, gente boa. – **(Jaguar)**

INDICE

FASCISMO
Ordem e Tradição, Ordem Negra, Ordem Nova, Alicante, Paladin, Jovem Europa: hoje, qual é a cor da camisa negra de Mussolini? Pág. 4.

FUTEBOL
Os caras saem daqui para conquistar a Europa. Terminam passando vergonha e jogando na várzea belga. Pág. 8

IMPRENSA
Cláudio Bojunga, que já esteve na China, e João Antônio, o cronista dos malandros, falam com tristeza da segunda profissão mais antiga do mundo: o repórter. Pág. 9.

POLÍTICA
Marcos Freire é lançado para governador de Pernambuco num livro de cordel. O autor aproveita o ensejo para elogiar todo mundo neste país. Pág. 11.

Ugh!
Primeiro tablóide ilustrado ameríndio. Pode ser vendido separadamente. Pág. 13.

LATINO AMERICA
O escritor uruguaio Mario Benedetti cai de pau nos seus colegas que vivem na Europa. A seguir, retratos e auto-retratos de 5 caras famosas: Sábato, Garcia Márquez, Neruda, Borges e Bioy Casares. Pg. 17.

OS LUSÍADAS
Uma seção sobre o que está saindo na imprensa de Portugal. Pág. 21.

BAIXA SOCIEDADE
Inverno em Camanducaia; Quando Fininho Dançou; bolas brancas, pretas e murchas: o senhor Percival de Souza, nosso cronista mundano, voltou das férias para a pág. 23.

GAVETA LITERÁRIA
Um calendário para você recortar e vomitar. Pág. 24.

EXPEDIENTE

EDITORES:
Marcos Faerman, Palmério Dória de Vasconcelos, Gabriel Bonduki, Guilherme Cunha Pinto (redação), Cláudio Ferlauto, Cristina Burger e Hermes Russini (arte).

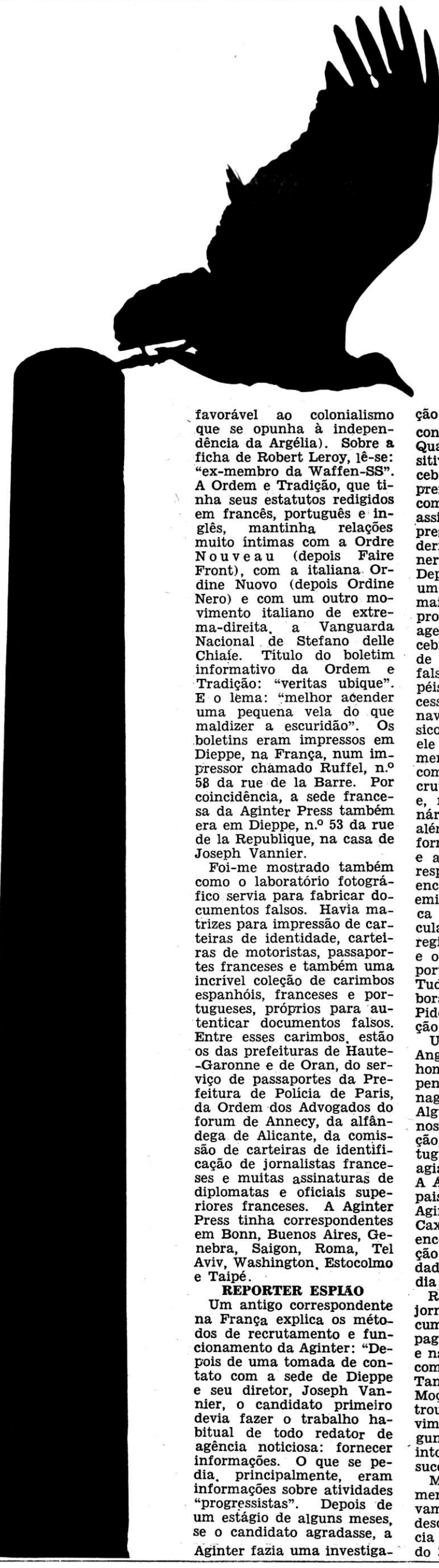
COLABORADORES:
Wilson Moherdaui, Paulo Moreira Leite, Edimilton Lampião, Araken, Jôca, Miranda, Pharaó, Vitor Vieira, Nelson Blecher, Olavo, Vanira Codato, Sandra Adams, Teresa Caldeira, Lina Gorenstein, Luís Fernando Veríssimo, Edgar Vasques, João Antônio.

PUBLICIDADE:
Dácio Nitrini e Paula Plank.

CIRCULAÇÃO:
Luís Guerrero.

ADMINISTRAÇÃO:
Armindo Machado.

OLÊ, OLÁ, O MUSSOLINI TÁ BOTANDO PRÁ QUEBRAR



Espionagem. Conspirações. Atentados. Golpes de Estado. Apesar das recentes derrotas em Portugal e na Grécia, ainda não se pode falar em fascismo como fenômeno do passado. Ele está por aí, protegido e organizado. Em Lisboa, a descoberta dos arquivos de uma agência portuguesa de "informações", dirigida por franceses que fugiram depois da queda de Marcelo Caetano, revelam as ramificações de uma verdadeira conspiração internacional, que quer ver a Ordem numa Europa enfim livre da Democracia, essa "infecção do espírito". A partir desses arquivos, o repórter francês René Backmann começou a decifrar uma charada que já dura 20 anos: hoje, qual é a cor da camisa negra de Mussolini?

Não há mais segredos na ala sul do forte de Caxias. Ali, a 20 quilômetros de Lisboa, uma pequena sala do primeiro andar guarda uma bagunça de dossiers, formulários mimeografados, fichários, recortes de jornais, velhas fotos, caixas de clips, carimbos, grampeadores. São os arquivos de uma pequena agência de notícias, colocados ao lado dos documentos da antiga polícia política portuguesa, sob a guarda da Comissão de Desmantelamento da Pide-DGS. Mas por que tanta importância para os papéis de uma agência noticiosa sem expressão?

No último dia 22 de maio, menos de um mês depois do golpe de Estado que derrubou 48 anos de salazarismo, um comando de fuzileiros navais, tendo à frente o tenente Moniz Matos, investiga um apartamento da Lapa, em Lisboa. É o prédio número 13 da rua das Praças, um imóvel moderno onde os quatro cômodos da sobreloja estão desertos. Os dois primeiros cômodos são mobiliados como escritório, no terceiro há um laboratório fotográfico, no quarto estão classificados os arquivos, divididos em países. Este apartamento é a sede da agência Aginter-Press. O gerente, Jean Vallentin, francês, está ausente. Quanto ao proprietário Yves Guérin-Sérac, outro francês, partiu pouco antes do golpe, sem que ninguém soubesse para onde.

As investigações começaram logo depois de revelações feitas por muitos dos agentes da Pide presos em Caxias. "Nós trabalhávamos", eles contaram, "em estreita ligação com a Aginter-Press que, com a fachada de agência de notícias, funcionava em certos assuntos como filial da DGS".

O tenente Moniz Matos transfere o que foi encontrado nos quatro cômodos para um caminhão militar e volta a Caxias. Uma parte do carregamento — tudo o que estava nos escritórios e no laboratório — é trancada no pequeno cômodo do primeiro andar do forte. Uma outra parte — as caixas e os dossiers com os recortes de jornais — fica amontoada numa grande sala ao pé da escada central, por falta de espaço.

Alguns dias mais tarde, o comandante Abrantes Serra, novo responsável pelo forte, dá ao tenente Costa Correia a tarefa de fazer um inventário do material apreendido e, principalmente, examiná-lo minuciosamente. Os primeiros relatórios do tenente Correia são surpreendentes: na verdade, a Aginter não só escondia um escritório internacional de informação política, como servia de cobertura para uma importantíssima rede de extrema-direita, o movimento Ordem e Tradição, que se define como "uma organização de ação e de combate em todos os momentos e em todos os países".

ORDEM E TRADIÇÃO

Estabelecida na França, Itália, Espanha, Portugal e Alemanha Ocidental, a Ordem e Tradição edita regularmente um boletim de informações enviado a todos os seus seguidores. Folheei alguns desses boletins em Caxias. Formam um monte de propaganda extremista, recheada de literatura política da guerra-fria, temperada com souvenirs da OAS, com fortes odores de nacional-socialismo e, em seu todo, polvilhada de referências ao franquismo, ao salazarismo e ao caído regime dos coronéis gregos.

Pude também consultar o fichário dos membros e as fichas de adesão de certos dirigentes da Aginter-Press, e assim levantar alguns nomes. No boletim de todos eles, estava escrito "antigo OAS" (grupo radical francês favorável ao colonialismo que se opunha à independência da Argélia). Sobre a ficha de Robert Leroy, lê-se: "ex-membro da Waffen-SS". A Ordem e Tradição, que tinha seus estatutos redigidos em francês, português e inglês, mantinha relações muito íntimas com a Ordre Nouveau (depois Faire Front), com a italiana Ordine Nuovo (depois Ordine Nero) e com um outro movimento italiano de extrema-direita, a Vanguarda Nacional de Stefano delle Chiaie. Título do boletim informativo da Ordem e Tradição: "veritas ubique". E o lema: "melhor acender uma pequena vela do que maldizer a escuridão". Os boletins eram impressos em Dieppe, na França, num impressor chamado Ruffel, n.º 58 da rue de la Barre. Por coincidência, a sede francesa da Aginter Press também era em Dieppe, n.º 53 da rue de la Republique, na casa de Joseph Vannier.

Foi-me mostrado também como o laboratório fotográfico servia para fabricar documentos falsos. Havia matrizes para impressão de carteiras de identidade, carteiras de motoristas, passaportes franceses e também uma incrível coleção de carimbos espanhóis, franceses e portugueses, próprios para autenticar documentos falsos. Entre esses carimbos, estão os das prefeituras de Haute-Garonne e de Oran, do serviço de passaportes da Prefeitura de Polícia de Paris, da Ordem dos Advogados do forum de Annecy, da alfândega de Alicante, da comissão de carteiras de identificação de jornalistas franceses e muitas assinaturas de diplomatas e oficiais superiores franceses. A Aginter Press tinha correspondentes em Bonn, Buenos Aires, Genebra, Saigon, Roma, Tel Aviv, Washington, Estocolmo e Taipé.

REPORTER ESPIÃO

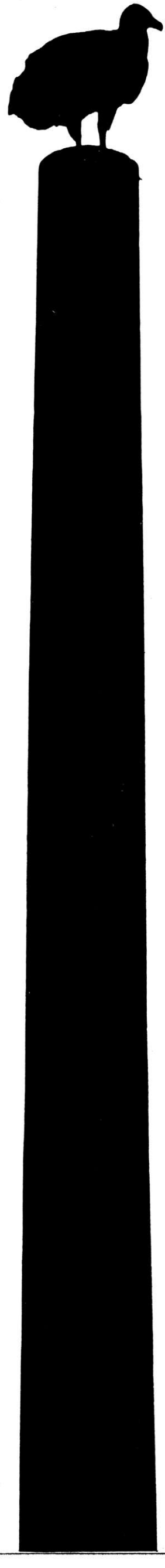
Um antigo correspondente na França explica os métodos de recrutamento e funcionamento da Aginter: "Depois de uma tomada de contato com a sede de Dieppe e seu diretor, Joseph Vannier, o candidato primeiro devia fazer o trabalho habitual de todo redator de agência noticiosa: fornecer informações. O que se pedia, principalmente, eram informações sobre atividades "progressistas". Depois de um estágio de alguns meses, se o candidato agradasse, a Aginter fazia uma investigação para ficar segura de suas convicções anticomunistas. Quando o resultado era positivo, o correspondente recebia uma carteira de imprensa registrada em Lisboa, com a sua foto. Ele virava assim, oficialmente, um empregado da Aginter que poderia ser muito bem remunerado, se fosse produtivo. Depois de alguns meses e uma outra investigação, mais rigorosa, a Aginter lhe propunha que se tornasse agente de informações. Recebia então falsas carteiras de imprensa, documentos falsos e mais todos os papéis que poderiam ser necessários. Seu trabalho tornava-se o de um espião clássico. Mais frequentemente, ele virava pura e simplesmente um auxiliar da Pide, com missões na África, recrutamento de mercenários e, não raro, virava mercenário mesmo. Na França, além do seu trabalho de informação sobre a esquerda e a extrema-direita, o correspondente da Aginter era encarregado de espionar os emigrantes portugueses (cerca de um milhão), particularmente os opositores do regime de Marcelo Caetano e os dirigentes da esquerda portuguesa exilados no país. Tudo isso em estreita colaboração com os agentes da Pide infiltrados na emigração portuguesa".

Um oficial conta que em Angola e Moçambique "os homens da Aginter desempenhavam missões de espionagem ou de provocação. Alguns estavam infiltrados nos movimentos de libertação, outros nas tropas portuguesas. Mesmo ali eles agiam por conta da Pide". A África era um dos principais campos de atividade da Aginter. Nos dossiers de Caxias, o tenente Correia encontrou uma documentação rica e abundante, cuidadosamente mantida em dia.

Robert Leroy contou a um jornalista italiano que tinha cumprido "missões de propaganda" na América do Sul e na África, e que trabalhou com maior profundidade na Tanzânia, Rodésia, Malawi e Moçambique, onde se infiltrou principalmente nos movimentos de libertação. Segundo ele, "o processo de intoxicação era muito bem sucedido".

Mas em Portugal os homens da Aginter não estavam inativos. Documentos descobertos na sede da agência mostram que, na véspera do 25 de abril, duas "opera-

Os turistas entram na Grécia com uma máquina fotográfica nas mãos. Saem com uma arma



ções pontuais" estavam em preparação: um rapto, que deveria acontecer num café de Lisboa, e um assassinato em Villafranca de Xira, a 30 quilômetros da Capital.

O cérebro dessas duas operações foi Yves Guérin-Sérac, aliás Ives Herlou, aliás Ralph Keriou, aliás Yves Guillou. Alto — 1 metro e 78 —, loiro, atlético, 48 anos, Yves Guérin-Sérac, antigo capitão do exército francês, pertenceu à OAS e por isso mesmo foi condenado pela Corte de Segurança do Estado. Primeiro refugiado na Espanha, como muitos outros "oficiais perdidos", em seguida foi para Portugal, onde fundou a Aginter Press em 1966, com um dos seus amigos, Pierre-Jean Surgeon. Ele deixou Lisboa pouco antes do golpe.

Yves é considerado por três magistrados italianos o programador do atentado que provocou 16 mortos e cerca de 100 feridos no Banco da Agricultura, em Milão, no dia 12 de dezembro de 1969. Mas ele não está só. E não são somente uns poucos sanguinários nostálgicos do Duce que estendem suas ações à Espanha, Portugal, Alemanha, França e Grécia; são politicos importantes, uma grande parte dos serviços secretos, oficiais, policiais, agentes duplos, triplos ou quádruplos, especialistas em ação psicológica que gostariam muito de um regime à moda grega ou chilena.

50 MORTOS

Nos últimos cinco anos, os nazi-fascistas — como eles se denominam — provocaram mais de 50 mortos e muitas centenas de feridos: 16 mortos e 100 feridos em Milão; 8 mortos e 95 feridos no dia 28 de maio, em Brescia; 12 mortos e 48 feridos no expresso Roma-Munique, incendiado por uma bomba de magnésio na noite de 4 de agosto. Depois de um período de pânico, começou-se a descobrir um fio que ligava todos esses atentados, graças às pesquisas da imprensa e da justiça italianas.

A primeira data é 1967, quando os coronéis tomam o poder em Atenas. Entre os primeiros visitantes oficiais do novo primeiro-ministro Pattakos está Pino Rauti, fundador do movimento Ordine Nuovo, jornalista, no matutino romano de extrema-direita "Il Tempo". Considerado "linha dura" entre os próprios néo-fascistas do Movimento Social Italiano, Rauti criticou violentamente os dirigentes do partido que queriam apresentar candidatos às eleições legislativas: "A democracia é uma infecção do espírito", justificou. Em Atenas, Pino Rauti encontra também o coronel Agamemnon, do KYP (serviço secreto grego).

Nos meses seguintes, um funcionário da Embaixada Grega começa a distribuir convites e, assim, centenas de fascistas italianos vão à Grécia em visitas turísticas que sempre terminam num campo de treinamento, no norte do país. No dia 15 de novembro de 1969, o Ordine Nuovo junta-se oficialmente ao Movimento Social Italiano, e Pino Rauti torna-se membro do comitê central do partido.

Em junho do mesmo ano, um importante documento tinha sido enviado ao embaixador da Grécia em Roma. É a cópia de um relatório de um agente da KYP na Itália, endereçado ao chefe do governo da Grécia e que revela estreitas relações entre os serviços secretos gregos e os oficiais superiores italianos. O relatório fala, com palavras claras, numa "ação" a ser realizada: "O único ponto de discórdia é quanto à fixação das datas precisas de ação.

Isso porque, segundo os italianos, eles estão em um nível ainda baixo no plano organizacional". A conclusão do agente: "Aumentar o número de cidadãos que, no plano exterior, reclamam uma melhoria nas relações com a Grécia e, no plano interior, desejam ordem e tranquilidade".

Como se diz, a melhor maneira de aumentar a necessidade de ordem e tranquilidade é simplesmente perturbá-las. "Quanto mais forte for a perturbação, mais forte é a necessidade". Em agosto de 1969, três meses depois da chegada desse documento a Roma, 10 atentados destróem material ferroviário no norte e no centro da Itália. Em dezembro, é a bomba da Piazza Fontana, em Milão. No mesmo dia, três outras bombas explodem em Milão e Roma.

Indignada, a imprensa volta-se contra a extrema-esquerda e reclama mais firmeza do governo.

SUICINATOS

Dois dias depois, Pietro Valpreda, beatnik e anarquista, é preso pelo atentado da Piazza Fontana. Foi denunciado por um motorista de taxi que morre logo em seguida, vítima de uma "pneumonia fulminante". Daí em diante, uma estranha maldição acompanha as pessoas que poderiam inocentar Valpreda: uma testemunha suicida-se com gás, depois de moer-se de pancadas; uma outra dispara sobre o próprio corpo mais da metade de um carregador de pistola automática; outras ainda sofrem terríveis acidentes de trânsito. Com sua inocência provada, Valpreda hoje está tão livre quanto os verdadeiros culpados.

Sobre todos esses assuntos, um homem, hoje preso na Itália, sabe muito. Seu nome é Guido Giannettini, 43 anos, antigo especialista do MSI em problemas militares. Trabalha agora para o SID (Serviço de Informação e Defesa), ao lado de dois mil agentes que saltam da extrema-direita à extrema-esquerda, espionando aqui, manipulando ali. Entre esses agentes estão 200 oficiais das três armas e dos **carabinieri.**

Há 10 anos, uma comissão parlamentar tinha revelado os curiosos métodos de trabalho do SID (na época chamado SIFAR). Acusado de espionar e conspirar por conta própria, o chefe do SID, general Di Lorenzo, foi substituído pelo almirante Eugenio Henke e logo em seguida se elegeu deputado pelo Movimento Social Italiano. Os deputados pediram que os relatórios e dossiers do SID fossem destruídos, mas eles foram trancados nos arquivos, com informações sobre todos os politicos, ativistas de extrema-direita, sindicalistas, jornalistas, magistrados, oficiais superiores, cardeais, bispos e industriais italianos.

Nesse emaranhado há um bom lugar para Giannettini. Durante 12 anos, ele percorreu todos os caminhos do néo-fascismo europeu, a partir de 1961, quando foi identificado numa missa, na Espanha, ao lado de representantes da Falange e de futuros dirigentes da OAS. Depois de intensa atividade em muitos países, Giannettini é encontrado novamente numa conspiração descoberta no fim do ano passado, a da Rosa dos Ventos. Foi ele quem convenceu o industrial aposentado Andréa Mario Piaggio, um dos 10 industriais mais ricos da Europa, a entregar 180 milhões de liras aos conjurados da Rosa dos Ventos.

A volta de Salo

Com o apoio do Ordine Nuovo e da Vanguarda Nacional, um Comitê de Ação para o Despertar Nacional e um grupo que se intitula Justiceiros da Itália se preparam para tomar o poder. Seu programa: o da República de Salo (a mesma que Mussolini tentou fundar quando o país foi ocupado pelos aliados). Para isso, tinham quatro comandos de 250 homens, mais o apoio de setores do exército e dos carabineiros.

A conspiração foi descoberta. Entre os muitos oficiais superiores inculpados estão o tenente-coronel Amos Spiazzi e o general-de-brigada Ricci, que comanda a região militar de Salerno.

Também nesse caso o SID estava muito bem informado. O caso é tão grande que em julho seu diretor, o general Micelli, que sucedera ao almirante Henke, é substituído pelo general Mario Casardi, e as fichas das personalidades políticas são queimadas. O industrial Andréa Mario Piaggio foi preso em 23 de agosto de 1974, inculpado de "participação em associação subversiva" e de "conspiração política".

Nesse meio tempo uma outra conspiração foi descoberta e neutralizada. Seu chefe é um aventureiro de 49 anos, Carlo Fumagalli. Profissão: destruidor de automóveis. Em 1943 ele tinha criado em Valteline um grupo de partisans "autônomo e apolítico", os Chat-Huants de Valteline, depois de uma campanha nos serviços sociais do V Exército Norte-Americano que lhe valeu a Estrela de Bronze. Conta-se que sob a fachada de seu grupo de partisans escondia-se uma organização que fazia os judeus italianos passarem para a Suiça; e conta-se também que Fumagalli despojava os judeus de todos os seus bens e os entregava aos alemães.

Em 1962 Fumagalli cria o Movimento de Ação Revolucionária (MAR), que pretende instaurar na Itália uma república presidencial. Para isso, recorre várias vezes aos explosivos. As explosões nos vales de Valtelini e o tráfico de armas com a Suiça são obras de Fumagalli. Em 1970, seu objetivo é atacar casernas e lançar a responsabilidade pelos atentados sobre a extrema-esquerda,

Paladin, uma agência de emprego para espiões, assassinos e mercenários

para convencer o exército a sair às ruas. Fala de seus planos a oficiais e abre-se também com um jornalista do "Corriere de la Sera" e agente do SID, Giorgio Zicari.

No dia 8 de março, sua audiência já é maior: Fumagalli expõe seu projeto a representantes de 10 organizações, reunidos em Milão. Um mês depois acontece o primeiro de uma série de 100 atentados. Procurado, Fumagalli passa para a clandestinidade durante um ano, quando será absolvido pelo tribunal de Luca. Em março passado, Fumagalli assiste, como convidado, à criação do Ordine Nero em Cattolica, ao sul de Rimini. Lá estão, além dos dirigentes da nova organização, Mario Peccoriello, Ricardo Occasio, Clemente Graziani, antigo conjurado da Rosa dos Ventos. O objetivo do Ordine Nero é suceder ao Ordine Nuovo, dissolvido a 23 de novembro de 1973. "Aterrorizar com bombas os antifascistas, criar uma situação de violência, de acordo com os métodos da grande e inesquecível OAS", continuam sendo seus princípios. O congresso é também uma conferência de cúpula, porque Fumagalli planeja um golpe de Estado, que é aprovado para o dia 10 de maio de 1974.

Mas no dia 9 de maio, às duas da manhã, ele é preso. Um verdadeiro arsenal é encontrado no carro de um de seus amigos. Nas horas seguintes, os amigos de Fumagalli deveriam assassinar políticos, os dinamitadores deveriam fazer saltar diques, vias férreas e estradas, e os comandos deveriam encerrar uma reunião do PCI com rajadas de metralhadoras.

Novo Golpe

A última conspiração descoberta fez menos barulho. Soube-se apenas, no começo de outubro, que cerca de 40 pessoas, entre elas várias personalidades italianas conhecidas, estão sendo acusadas de terem preparado um golpe de Estado que deveria acontecer no dia 2 de junho passado.

Entre essas personalidades conhecidas está Edgardo Sogno, conselheiro nacional do Partido Liberal, que, passando à clandestinidade, disse: "É indispensável reagir contra a ação comunista que tende a fazer da Itália uma democracia popular, com o objetivo de constituir no Estado o equilíbrio essencial de uma democracia ocidental". Admirador do general De Gaulle, Edgardo Sogno pretende uma república presidencial. Diz um jornalista italiano que, "de todos os complôs descobertos, esse é o mais realista".

Sogno não é um aventureiro, nem um saudosista de retro-política. Adido militar italiano junto à OTAN, nos anos 50, ele foi consul-geral da Itália na França, depois embaixador na Romênia. A CIA parece depositar grandes esperanças nesse diplomata, pois muitos agentes americanos assistiram à reunião de 27 de setembro de 1970, numa **villa** perto de Varese. Além de Edgardo Sogno, dela participaram um alto magistrado, um banqueiro e vários políticos, a maioria ligada a organizações de resistência anticomunista.

Se todos esses dados ainda não são suficientes para ligar os fios da "trama negra", o procurador D'Ambrosio, encarregado da investigação do atentado do Banco da Agricultura em Milão, desvendou algumas ligações interessantes. Em abril de 1971, por exemplo, dois dos responsáveis pelo atentado são presos: o procurador Franco Freda e o livreiro-editor Giovanni Ventura. E dois outros homens voltam à cena, inculpados: Pino Rauti e Guido Giannettini.

Rauti, o amigo dos coronéis gregos, aproveita sua liberdade provisória para se candidatar às eleições para deputado. Eleito sob a legenda do MSI ele reivindica o privilégio da imunidade parlamentar. Inutilmente, porque depois do atentado de Brescia foi suspensa a imunidade de todos os deputados do MSI.

Giannettini ainda passaria por uma última aventura. Quando, no dia 5 de maio, os magistrados batem à sua porta, ele estava desaparecido já há um mês. Fugiu para Paris, onde ficou no hotel Claridge. O aviso de busca ordenado pela Interpol não tinha por que inquietá-lo: "Fui ajudado pela proteção dos serviços franceses", disse mais tarde à revista italiana "L'Europeo". Mas, abandonado por seus superiores que o consideram incômodo, Giannettini é logo deixado de lado também por seus amigos franceses e, no dia 24 de junho passado, ele deixa Paris rumo à Espanha e aos Estados Unidos.

É encontrado um pouco mais tarde em Buenos Aires, onde, depois de um mês de permanência, rende-se às autoridades consulares italianas, até hoje não se sabe porque. Interrogado agora, ele se escuda em seu papel de agente de informações. "Eu participava dos complôs apenas para informar os meus superiores". Segundo revelações que um antigo agente secreto espanhol fez à imprensa italiana, um documento da Direção Geral de Segurança de Madri indica que Giannettini fez, em julho e em outubro de 1973, três viagens a Alicante, na Espanha. Nelas, teria estado em contato com Harmut von Schubert, diretor de uma estranha agência de propaganda e recrutamento chamada Paladin. Encarregada de recrutar e utilizar por sua conta — ou por conta dos prudentes serviços oficiais — espiões, assassinos e mercenários, a Paladin, que tivera até então sede em Paris, transferiu suas atividades para Alicante. Segundo alguns militares portugueses, a Paladin poderia ser o "braço armado" da Aginter-Press em certas operações.

Mas existem coisas mais surpreendentes ainda. Um magistrado, o juiz Sica, abriu uma investigação contra a Paladin por suspeita de cumplicidade com os autores de um atentado assassino no aeroporto de Fiumicini. De acordo com os documentos que o juiz tem, o atentado de 17 de dezembro de 1973 — que provocou 32 mortes e foi atribuído a uma organização palestina — teria sido preparado em Alicante, sede da Paladin.

Fundada em 1970 por Gherard Harmut von Schubert (que foi adjunto de Johannes von Leers, antigo chefe do departamento de propaganda no ministério de Goebbels), a Paladin produz textos bem claros para anúncios classificados, como este publicado no "International Herald Tribune" de 23 de junho de 1971: "O grupo Paladin precisa de: um piloto, um comandante de navio, um navegador, três especialistas em explosivos, dois experts em camuflagem, dois especialistas em língua vietnamita, dois especialistas em língua chinesa". Os candidatos são avisados de que suas missões podem ser perigosas e que elas podem levá-los além das "cortinas de ferro ou de bambu". As propostas devem ser endereçadas a Alicante ou a outro endereço de Zurique.

OS ÁRABES?

Mais surpreendente ainda: juízes italianos descobriram estranhas ligações entre homens ou organizações de extrema-direita e representantes de certos países árabes. Tanto assim que o representante em Roma da Al Fatah e da OLP, Nail Zwaiter, que foi assassinado pelo serviço secreto israelense no dia 16 de outubro de 1972, frequentava assiduamente os dirigentes da organização de extrema-direita Luta do Povo, que agora aumentou o seu nome para Organização de Luta do Povo.

Essa organização tinha estreitas ligações com Jeune Europe, dirigida por Claudio Orsi, sobrinho do general Balbo e amigo pessoal de Franco Freda, que dinamitou a Piazza Fontana. Aliás, foi o próprio Freda quem organizou, em Pádua, o primeiro congresso italiano da Al Fatah, em 1969. Quando Freda foi preso, muitas organizações de estudantes árabes publicaram um panfleto em Roma, reclamando sua libertação e proclamando: "Viva Freda, valoroso combatente da revolução palestina".

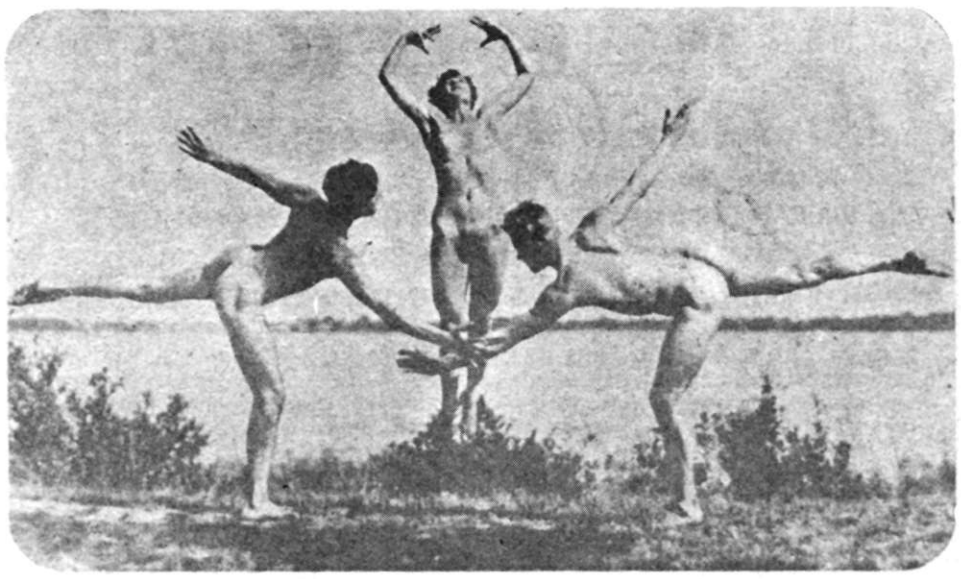
Mais: a Assosciação Itália-Líbia é presidida por Claudio Mutti, 28 anos, professsor de romeno, tradutor de Corneliu Zelea Codreanu, chefe dos fascistas romenos no período entre as duas guerras. Hoje, Claudio Mutti está na prisão, por atividades subversivas fasçistas. Entre os responsáveis pela Associação está também Aldo Gaiba, 35 anos, amigo de Orsi, antigo animador dos comitês pela libertação de Freda. Conta-se que agentes do governo líbio teriam assistido, em setembro de 1972, em Munique, ao primeiro congresso da extrema-direita européia, em que a França estava representada pela Ordre Nouveau.

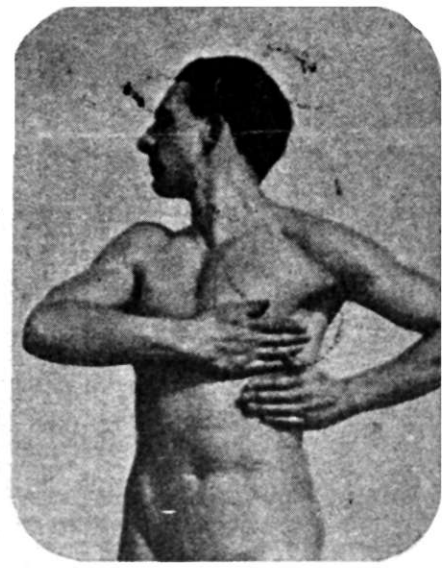
Certos de que todos esses elementos, esparsos, não chegam a constituir provas, os juízes italianos esforçam-se para identificar um erro nesta enxurrada de informações. O que não impede que, hoje, alguns deles tenham a convicção de que o financiamento da extrema-direita italiana não vem só dos patrões do açúcar e do petróleo, mas também de um país árabe que encontraria no antisemitismo dos neo-nazistas italianos um éco do seu antisionismo.

Ontem, a Itália estava cercada de ditaduras. Hoje, Caetano caiu, os coronéis gregos foram banidos e tudo pode acontecer na Espanha depois de Franco. Na Itália em crise o PC está às portas do poder, dizendo-se disposto a trabalhar lado a lado com os homens da democracia cristã. "É a nossa única chance de evitar o fascismo", dizem alguns; "se o PC chega ao poder, o país vira um Chile três meses depois", pensam outros. Mas o que ninguém duvida: na Itália, as dificuldades colocadas no trabalho dos juízes, a passividade cúmplice dos serviços secretos, de uma parte da polícia e da maioria do exército diante da agitação "nazi-fascista" e mais a presença da CIA mostram que, nostalgia à parte, ainda se dança pela orquestra negra.

FOTOS ARAKEN

Ingrid nunca duvidou que seus pais fossem franceses mortos em campo de concentração. Um dia descobriu que era filha de um oficial SS e de uma sueca, escalados para fazer "amor" e produzir mais guris purinhos para o papai Hitler educar. Como Ingrid, há na Europa 100 mil pessoas que nasceram para viver no III Reich.





Os filhos do Fuehrer

POR PAULO MOREIRA LEITE

Pega-se um alto, forte e cruel oficial da SS. Junta-se a uma moça da boa sociedade, racialmente pura, loura e de olhos azuis, como devem ser as boas arianas. Leva-se os dois para a cama, onde irão prestar, de graça e de boa vontade, mais um serviço pela grandeza do III Reich. Se tudo correr bem, nove meses depois, a Alemanha ganha mais um soldado, o Fuehrer fica contente, e o casal é dispensado.

A idéia de produzir crianças para Adolf Hitler — para a morte num campo de batalha ou para qualquer tarefa necessária ao Estado — foi de Heinrich Himmler, o chefe da SS; a receita, criada e aperfeiçoada pelas clínicas da Lebensborn, foi espalhada pela Europa ocupada pelos alemães; o resultado foram 100 mil crianças produzidas por nazistas fanáticos até o espermatozóide.

Mas, algumas vezes, os oficiais da SS estavam ocupados demais, perseguindo, torturando e matando os adversários do regime, para poderem se dedicar a essas tarefas mais amenas — igualmente de sua exclusiva competência. Entretanto, nunca faltou tempo aos médicos, enfermeiros e funcionários da Lebensborn de dar uma olhadinha nas crianças dos países ocupados. Depois de um exame detalhado, decidiam se elas eram dignas de "germanização" ou se não mereciam nada além da morte.

Assim, na Polônia, 2,5 milhões de crianças, a maioria judia, foram assassinadas. Outras 200 mil foram levadas para os viveiros especiais para estrangeiros, onde sua educação, alimentação e comportamento eram fiscalizados diretamente por Himmler. Famílias da Noruega, Holanda, França e Checoslováquia também tiveram seus filhos mortos ou raptados.

Hoje, na Europa, homens e mulheres entre 30 e 40 anos têm razões para suspeitar de sua origem — se não puderam conhecer seus pais verdadeiros. Uma morena de 30 anos, Ingrid, nunca duvidou que fosse filha de francesses mortos em campo de concentração. Por isso, sempre odiou os alemães.

SURPRESA!

Um dia, remexendo alguns papéis, na casa de seus pais adotivos, em Bordeaux, descobriu o documento de sua adoção. Ali, seu sobrenome constava como De Fouw, de sonoridade estranha demais para ser francês. Depois de percorrer escritórios e registros, Ingrid foi parar na Cruz Vermelha, em Genebra, onde ficou sabendo a verdade: não tinha nascido num campo de concentração, mas numa clínica da Lebensborn, em Paris, a 31 de julho de 1944. Era filha do cruzamento de um oficial da SS com uma sueca, escalados para fazer carinho e trocar afetos pelo tempo estritamente necessário para que ela fosse gerada.

Puro Sangue. Este foi o título de um longo documentário que a BBC passou há pouco tempo na televisão inglêsa. Nele, o jornalista Marc Hiller e sua mulher, Clarissa Henry, mostravam os resultados de uma viagem de 20 mil km pela Europa, à procura de pessoas como Ingrid. Ao lado dela, muitas mulheres, principalmente checas e polonesas, contaram sua vida como "crianças do Fuhrer", como Himmler gostava de chamá-las.

Mas os chefes da Lebensborn não quiseram dar entrevistas: o coronel Max Sollman, da SS e administrador da Lebensborn; Inge Viermetz, agora escondida pelo sobrenome Klingsporn, de seu casamento, responsável pelas clínicas estrangeiras; o doutor Gregor Ebner, do Departamento Médico; e Guenther Tesch, do Departamento Legal. Eles fazem questão de desfrutar da conveniência do anonimato.

ARIANÍSSIMOS

Diante do Tribunal de Nuremberg, juraram que foram enganadas por todos aqueles anos. Garantiram que nunca lhes passou pela cabeça ,enquanto selecionavam mães e pais, que seu objetivo era a criação de cidadãos "arianíssimos". Ao contrário: sempre pensavam que estavam trabalhando em clínicas dedicadas ao estudo da natalidade e do aborto, com fins beneficientes. Ao menos os juízes acreditaram nisso, e eles foram absolvidos.

Na Europa, muita gente achou estranho o veredito de Nuremberg, principalmente o advogado de acusação, que concluiu: "a Lebensborn era o núcleo central da utopia nazista, o sonho de um reino milenário de super-homens louros. Se era preciso exterminar as raças "inferiores" — ou aproveitá-las como mão-de-obra escrava em alguns campos de concentração, a serviço das grandes empresas, não poderia haver mal nenhum em se estimular o crescimento das "superiores".

Tudo era feito com baixo custo, extremo cuidado e máxima discrição. Foi em Mônaco — "capital da nova ordem e da família", segundo Himmler —, que se instalou a primeira clínica oficial da Lebensborn, em 1942. Não se tem notícia de nenhum general cortando a fita inaugural, mas sabe-se que logo apareceram voluntárias de várias partes do mundo.

Mas trabalhar com um oficial da SS era privilégio que Himmler fazia questão de distribuir com cuidado. Se a mulher era solteira ou casada, ninguém ia se preocupar com isso: "estavam trabalhando para a pátria". Mas sua árvore genealógica era examinada criteriosamente, para que não pairassem dúvidas sobre a qualidade do filho que estava sendo gerado. Assim, as mulheres precisavam preencher um questionário, provar a ascendência ariana, fornecer um certificado de boa saúde e apresentar referências.

MACHOES

A Lebensborn dava preferência aos filhos dos oficiais da SS. Por quê? Dizem que Himmler fez questão de experimentá-los antes de concluir que eles eram "machos verdadeiramente válidos" para a missão. O médico Kerstein, para quem a discrição da história reservou apenas o papel de "massagista" e confidente do chefe da SS, ouviu, certa vez, explicação um pouco diferente. Além de racialmente "irrepreensíveis", eles eram soldados que "partem em batalhas e não podem saber se voltarão ou se cairão por sua pátria". Talvez por isso é que merecessem moças tão bem tratadas.

"O surpreendente era que a maior parte das moças", conta um obstrata da Lebensborn, "eram secretárias, filhas da burguesia, vinham de um estrato da sociedade onde os nascimentos ilegítimos são menos comuns. Talvez para elas fosse mais fácil apresentar-se do que as do povo, que se deixam seduzir mais por uma pessoa do que por uma ideologia. Fosse por amor ao Fuhrer, posse por excesso de conformismo, a verdade é que moças belas, saudáveis e sempre dispostas era o que não faltava nas clínicas da Lebensborn. Elas se espalhavam por apartamentos — havia muitos deles em Mônaco —, em pequenas chácaras e sítios. "Eram moças altivas, distantes, muito diferente de nós", lembra uma vizinha do número 95 da Lamaningenstrasse.

Quando apareciam os garanhões da SS — conhecidos, oficialmente, como "assistentes para procriação" — a animação era grande. As festas e os banquetes iam até alta madrugada. Antes de executar o serviço, podia-se namorar um pouco. Em Mônaco, havia um sítio com uma casinha rodeada de árvores onde os casais chegavam a parecer românticos em seus passeios de aquecimento.

RITUAL

A SS chegou a imaginar um ritual para comemorar o nascimento de cada criança. Em vez do batismo, as mães do dia vestiam suas melhores roupas, se reuniam numa sala enfeitada de flores, bebiam café, comiam doces, escutavam música. De repente, a mãe dizia: "Te chamo Hartmut, para que você seja um homem duro e forte". A partir desse instante, o menino era propriedade exclusiva da SS, que se encarregaria de registrá-lo em seus arquivos particulares. A mãe ficaria com ele por três meses, depois seria entregue a uma família de sangue ariano e princípios nazistas, que se encarregaria de educá-lo até os 18 anos. À falta de famílias, a própria clínica se encarregaria disso.

Segundo os funcionários da Lebensborn, a vida nas clínicas era "relaxada, familiar, muito diversa da de um hospital". As mães e filhos recebiam o melhor tratamento possível. Não se sabe se a Lebensborn chegou a receber doações de grandes empresas que ganharam bom dinheiro com a guerra, como a Krupp; ou se os laboratórios que tiveram grandes lucros aperfeiçoando, fabricando e vendendo gases para os campos de extermínio de judeus, comunistas, socialistas, democratas contribuiram com boas somas para o bem estar de mães, filhos e funcionários. Parece que bastavam as pilhagens nos países ocupados para garantir remédios, ótima alimentação e muita higiene para todos.

Nem por isso todos guardam lembranças muito agradáveis da Lebensborn. A começar pelas crianças que, para infelicidade de Himmler, podiam ser louras e ter olhos azuis, mas eram absolutamente iguais às de qualquer parte do mundo. "Como em todos os lugares, havia as muito inteligentes, as normais e as deficientes", disse uma freira encarregada de tomar conta de uma clínica, depois da chegada das tropas aliadas. Se, muitas vezes, sinais claros de algum problema mais grave bastavam para que os filhos do cruzamento arianíssimo fossem enviados a um campo de extremínio, os estrangeiros sofriam um pouco mais.

Para serem admitidas, eram submetidas ao seguinte exame: medição antropométrica da fronte, do nariz, do perfil; análise de um chumaço de cabelos, um teste de inteligência, um exame de sangue. Depois disso, as crianças aprovadas eram confiadas às clínicas para estrangeiros. Em Oberweiss, na Áustria, haviam uma. Lá, poloneses, húngaros e austríacos deviam esquecer a língua de seu país, aprender o alemão e esquecer-se de seus pais. Atos de desobediência comum eram punidos com castigos especiais — por exemplo, passar algumas horas ajoelhado num quarto escuro, sozinho.

Terminada a guerra, pouquíssimas foram repatriadas; era difícil saber quem era alemão de nascimento e quem aprendeu a ser por obrigação. A maioria jurava que tinha nascido na Alemanha. Mas nem sempre eram tão dóceis assim: um rapazinho da clínica de Oberweiss, não conseguia esquecer que nascera na Polônia. Um dia, esse menino se recusou a saudar seu instrutor alemão, e foi assassinado na hora por Johanna Sander, a diretora da clínica, sempre muito preocupada em manter a ordem.

FOOTBALL

A ARAPUCA DOS CANARINHOS NA BÉLGICA

A POUCO MAIS DE MIL QUILÔMETROS DE MARSELHA, ONDE PAULO CÉSAR E JAIRZINHO VIVEM COMO REIS, 32 JOGADORES BRASILEIROS SOFREM NO SUBMUNDO DO FUTEBOL BELGA. O REPÓRTER GUILHERME CUNHA PINTO SOFREU COM ÊLES.

Zedelgen é uma cidadezinha belga habitada por velhinhas ranzinzas e máquinas de fliperama. Como em quase todo o interior da Bélgica, os olhares se fuzilam de janela a janela e, mesmo durante o dia, todos os gatos são pardos. Pois foi em Zedelgen, e nos lugarejos à sua volta, que o futebol brasileiro conquistou as suas menores glórias.

Nessa região estão espalhados, pelas 4.ª, 5.ª e 6.ª divisões do campeonato belga, 32 talentos da várzea paulista. A maioria foi trazida pelo empresário paulista Zezé Gambassi, um especialista em promessas: nos bares de pinga da periferia de São Paulo, arregalava os olhos dos craques do Corintinha de São Caetano ou do Boca de Rudge Ramos com histórias magníficas sobre a vida do outro lado do oceano; nos pequenos clubes belgas, aparecia com álbuns de fotos mostrando o que ele chamava de "as maiores revelações do futebol brasileiro", coisa fina por pouco dinheiro. Como jamais conseguiu agradar qualquer uma das partes, depois de alguns anos Zezé caiu em descrédito no mercado e, em agosto passado, chegou à desgraça.

Como sempre fazia nos meses de férias — julho, agosto e setembro —, Zezé organizou este ano uma excursão pela Europa. Nos outros anos reunia uns 15 brasileiros em Zedelgen, Zottegen e Bruges, e saía para os estádios da Espanha e da Itália com os BB (Brasileiros da Bélgica), time com o uniforme da CBD e a eficiência do Zaire. Mas naqueles tempos o que o público queria era o futebol do Brasil, nem que fosse o Madureira. Irritado com o fracasso da seleção brasileira na Alemanha, Zezé achou que o vexame exigia uma nova tomada de posição: arrumou uns uniformes brancos e juntou um grupo de belgas que formaram o "Santos", sem Pelé, numa excursão pela Franca, a preços nunca vistos.

Depois de ser massacrado em Nice por 14 a 2, o "Santos" só foi dar na vista em Rouan, onde perdeu por 10 a 0. Enquanto os torcedores comemoravam a maior vitória do futebol local, os dirigentes, que conhecem bem os jogadores que têm, correram ao vestuário: "Não vamos pagar a cota acertada até que vocês mostrem seus papéis". A um grito de Zezé, os companheiros de Pelé pegaram suas roupas e, ainda com os uniformes sujos pelos tombos, escaparam do estádio como puderam.

Mas há anos, quando ainda era respeitado, Zezé fez grandes negócios. Do subúrbio de São Paulo trouxe Souzinha, Paulo, Toninho, Lourival, Batata I e Batata II (são irmãos) e muitos outros craques da várzea. Antecipando-se ao futebol total adotado pela Holanda em 1974, Zezé já sabia que no futebol moderno ninguém mais pode ter posição fixa em campo. Um ponta direita poderia virar lateral esquerdo, um zagueiro central poderia ser também um ponta de lança, tudo dependendo da necessidade do clube belga interessado. Mas Zezé exagerou: um dia vendeu Collela, goleiro do juvenil do São Paulo, como "centro avante rompedor, estilo Vavá", a um time da 4.ª Divisão.

No ano passado houve um treino no Zottegen, time do ponta de lança Gilberto (ex-Santos, trazido à Belgica por um outro empresário). O Zottegen estava numa das últimas colocações da 2.ª divisão, Gilberto jogando entre os reservas porque era boicotado pelos titulares. No fim de um coletivo, cansado de pedir a bola sem receber, Gilberto reparou o técnico conversando no centro do campo com Zezé, que fazia grandes gestos. Irritado com aquilo — além de jogar ele tinha que trabalhar num posto de gasolina — Gilberto finalmente se viu diante da bola, e com toda a raiva deu um chutão para cima. Ia saindo do campo, de volta para o Brasil, quando viu o técnico cochichar pela última vez com Zezé e se aproximar:

"Meu filho", ele disse com voz suave, "eu estava vendo você em campo e fiquei pensando numas coisas. Vi que você anda cansado desse mundo sujo do futebol, e até dou razão. Quer saber de uma coisa? Eu também ando cansado disso tudo. Então pensei, quando vi esse chute que você deu: que tal formar um time de rugby?".

Talvez tirando Valter Zum-Zum, ponta direita do São Paulo na década de 60, e Peixe-Galo, Madureira dos anos 50, nenhum outro brasileiro faça sucesso no futebol belga. Os outros 30 estão ameaçados de demissão a qualquer momento, como aconteceu com o Souzinha e Pelezinho no ano passado, quando perderam seus lugares para dois cavalões brancos ho-

Todos os craques costumam se reunir nos barzinhos de fliperama, quando não aguentam mais ouvir os mesmos discos do Martinho da Vila e Roberto Carlos, nem folhear as revistas "Amiga" que recebem de mês em mês e já conhecem de cor. Às seis da tarde do mês que vem, por exemplo, pode ser que ninguém toque na vitória do MDB, mas seguramente Lourival vai lembrar 20 vezes a morte do Erlon Craves e, se estiver no quinto uísque, talvez Toninho chore.

Baixinho, muito forte, ruivo, Toninho vive sonhando como em Santo André. Quando ele se apóia no balcão com os olhos meio fechados, todos sabem quem está com o camisa 5 do Olimpique de Marselha ou do Paris Saint-Germain, jogando seu futebol elegante para um grupo de manequins e magnatas. Em vez disso, trabalha como um louco na fábrica de bicicletas de Zedelgen que sustenta dois times da cidade.

"Trabalho manso", prometeu Zezé Gambassi, "coisa leve só pra você ganhar o ordenado pelo futebol, porque os times de 5.ª divisão não podem ser profissionais." Cedinho ,ele e quase todos os craques entram num trabalho que só pára no almoço — sanduíche — e vai até as quatro da tarde. Três vezes por semana tem treino — 50 piques pelo campo todo, ginástica, chute a gol, depois uísque. Então fábrica, sanduíche, fábrica, treino, uísque, jogo, por um dinheirinho igual ao de Santo André.

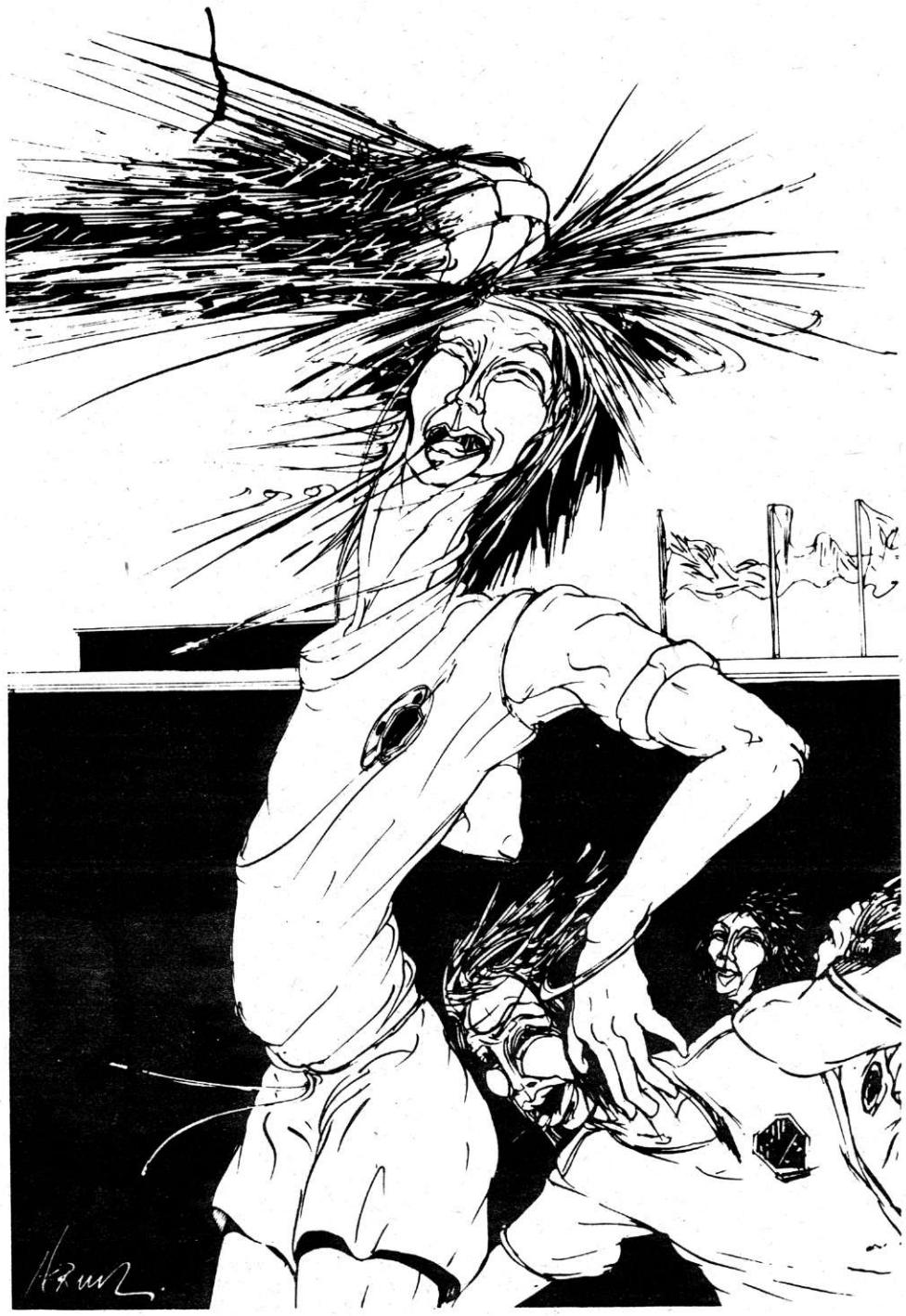
No começo, Toninho tentou mostrar seu estilo refinado: quase quebraram a sua perna. Aí resolveu aceitar o conselho de Paulo, que já estava lá há mais tempo: "Alguém te lança uma bola, você vê que não vai dar pra parar. Então corre feito um louco, se esborracha atrás da linha de fundo. A massa gosta. Chegou perto da área, manda de qualquer jeito pro gol. Se estiver cara a cara e jogar a bola pra fora do estádio a negada vai te aplaudir: mas se tentar driblar o goleiro e perder, os homens te matam".

Foi-se adaptando, acabou aceito pelos torcedores, mas confessa que teria vergonha de jogar assim em Santo André, onde todos estão muito orgulhosos com seu sucesso. Sempre pedem para ele aparecer no Brasil pelo menos uma vez, nas férias. O Paulo César e o Jairzinho vira e mexe não estão no Rio, só para um fim-de-semana? Foi tanta a pressão que Toninho não aguentou e mandou um recado para casa: "Mãe, estou morrendo de saudades, mas não dá mesmo para ir aí: acabei de ser convocado para a seleção belga". Balança a cabeça. "Imagine, eu na seleção, eu". Só pára de rir quando Airton entra correndo no bar de Liv, empurrando os bêbados dos fliperama.

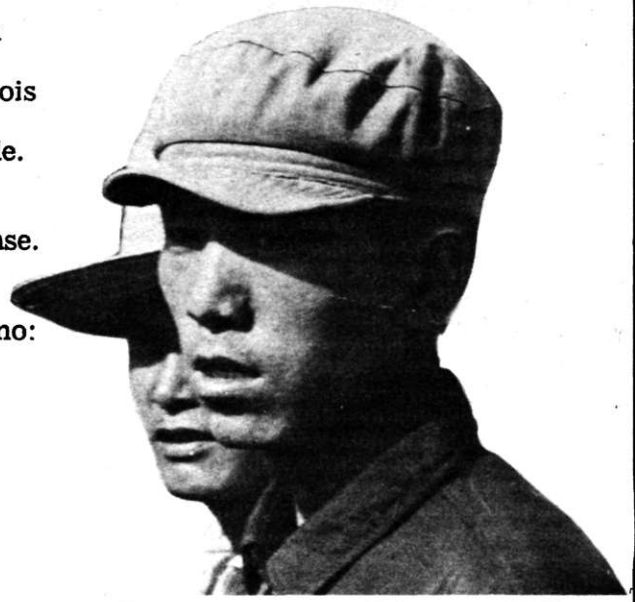
"Toninho, Toninho, os marroca tão aí."

Os marroca são os marroquinos, argelinos, tunisianos e todo mundo que vier da África, gente que entre os nossos craques tem fama de violenta e traiçoeira. Onde há um marroca, há uma briga e um punhal, costuma dizer Airton (ex-Portuguesa), o líder dos jogadores. No sábado anterior o Souzinha arrumou uma confusão no dancing, justamente com a mulher de um marroca. Ela começou a gritar "minha bolsa, roubaram minha bolsa", apontando para Souzinha, que fugiu e foi procurar os companheiros no fliperama. Os craques limparam o nome de Souzinha com o dono do dancing e ainda deram um pau nos quatro marroca que encontraram no salão. Agora eles queriam vingança. Em três carros, já tinham fechado as saídas do bar de Liv.

"Os marroca!", repete Toinho, apavorado, já agachado atrás do balcão. "E agora, Airton, o que é que nós vamos fazer?".



Cláudio Bojunga é um repórter brasileiro que foi à China e depois escreveu uma série para o Jornal da Tarde. As reportagens agora estão num livro, editado pela Brasiliense. E é falando nelas que Bojunga defende um estilo de jornalismo:



REPORTAGEM NA ESTANTE

O que é a sua reportagem sobre a China?

Seria impossível tentar fazer algo exaustivo na China em apenas 15 dias. Além disso, a bibliografia internacional sobre a China de Mao deve ultrapassar a casa dos três mil livros. Fora os livros escritos sobre a civilização e história chinesa. Prefiro então, relatar minha viagem em forma de diário — um diário seletivo, de várias dimensões e muitos interesses. Um diário que não exprimisse opiniões, reflexões ou sentimentos, que apenas usasse a forma **diário de bordo,** e que poderia ter como epigrafe essa frase de Malraux: "que interessa o que só interessa a mim?" Não, o que interessa ao leitor é a China.

Aliás, acho que os antigos viajantes (Vaz Caminha, Gandavo) eram grandes repórteres. Não tinham nenhuma voracidade por "furo" (já imaginou: Brasil descoberto!), nenhum sensacionalismo em suas "coberturas". Tinham mais o olhar do fotógrafo Cartier-Bresson do que dos fotógrafos premiados porque conseguiram fixar o momento-em-que-o-avião-em-chamas-atinge-o-solo. Tinham olhos novos e atônitos, uma curiosidade imensa, estavam mais interessados no que está ao alcance do homem do que no que sensacionalmente escapa ao seu alcance. Eram mais profundos, mais repórteres.

Você parece ter certa preferência pelos não repórteres que fazem reportagens?

Não, isso é exagero. Mas, veja, há uma linha de literatura não ficcional (que não exclui certos elementoss de ficção) que parte dos viajantes da época das descobertas, percorre uma certa literatura científica dos séculos XVII e XVIII e serva de base para o grande romance do século XIX. Balzac era um grande romancista, mas também um grande repórter. Mesmo Stendhal. Hemingway dizia que a única coisa que o interessava em toda a Cartuxa de Parma era a descrição da batalha inicial que, mais tarde, Fabrizio descobre ser Waterloo. Opinião um tanto radical, o livro todo é maravilhoso. Esse processo de pesquisa e trabalho sobre a realidade foi feito por todos os grandes romancistas do século passado: Dickens, Hardy, Flaubert, Checov, Tolstoi. O jornalismo do século XX (nos seus grandes momentos pôde assim herdar muitas de suas tarefas e métodos, liberando a literatura que procurou novos caminhos (Proust, Kafka, Joyce). O mesmo processo que ocorreu com a pintura em função da fotografia.

Mas, assim como a fotografia não se contentou em ficar meramente registrando as coisas, a reportagem no nosos século foi aos poucos descobrindo que o importante era o olhar que fotógrafo e repórter lançam sobre a realidade.

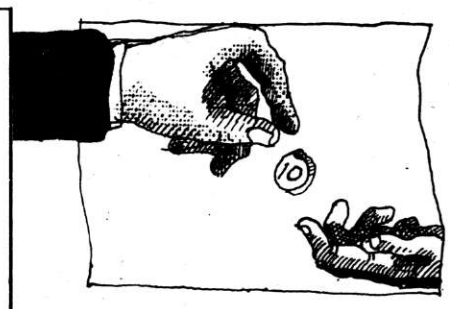
E como foi êsse processo?

Os americanos foram importantes. Muitos trabalharam na confluência da literatura com o jornalismo: John Dos Passos, James Agee (And Now Let Us Praise Famous Men), Truman Capote (A Sangue-Frio). Não esqueçamos de Euclides da Cunha; a terceira parte dos Sertões foi publicada pelo **Estado de São Paulo.** Depois ele acrescentou A Terra e O Homem, o que há de mais chato no livro.

E já que falamos de Agee: uma grande reportagem está muito próximo do trabalho dos grandes antropólogos: Tristes Tropiques de Levy-Strauss; Os Filhos de Sanchez, de Oscar Lewis. A escola que floresceu em torno da revista Esquire e que hoje foi em parte para a revista New York é quentíssima: Breslin, Sak. Wolfe. Não esquecer Norman Mailer e Helen Lawrenson. Franceses? Lacouture, K. S. Karol, Chris Marker, meu mestre. Grandes escritores são ótimos repórteres: Morávia; ótimos repórteres são esplêndidos escritores: Eduardo Galeano. Os sociólogos em geral são chatos, mais ainda do que os economistas. Existem pelo menos três economistas que escrevem bem: Marx, Keynes, Galbraith.

E no Brasil?

Sem entrar no mérito do que o repórter pensa da vida, existe muita gente fazendo um bom trabalho. Saiba que David Nasser, com todas as suas artimanhas e vulgaridades é um dos maiores estilistas da imprensa. Do livro recentemente editado Reportagens que Abalaram o Brasil, a sua, sobre os últimos momentos de Barreto Pinto é uma obra-prima. Mario Filho inventou o jornalismo esportivo brasileiro, a dramaturgia de Nelson Rodrigues (péssimo cronista mas grande autor) saiu toda da crônica policial. Paulo Francis é um esplêndido polêmico, Luis Edgar de Andrade fez boas reportagens. Muitos nomes: Antonio Callado, Hamilton de Almeida, Sérgio de Souza, Narciso Kalili e a equipe da primeira fase de Realidade que, hoje em dia, virou uma espécie de Seleções. Não esquecer a equipe do Jornal da Tarde, onde a grande reportagem se refugiou: Percival de Souza, Vital Bataglia, Marcos Faerman, Fernando Portela, Fernando Moraes, Moisés Rabinovitci, José Maria Mairynk. Impossível citar todo mundo. Mas uma coisa é certa: as empresas jornalísticas tendem a sufocar a grande reportagem, colocar a personalidade de quem tem personalidade em moldes confeccionados por gente que não tem personalidade e nem quer ter. E, afinal, a imprensa só poderá escapar do esquecimento da História graças ao talento de alguns poucos. Repórteres, claro.



Até cinco anos atrás, o repórter era a alma da redação. O jornalista João Antônio conta porque o repórter está virando

Um apanhador de dados

DEPOIMENTO A NELSON BLECHER

A reportagem deu uma parada há cinco anos, quando desapareceu a coesão da equipe que participava da melhor fase da revista Realidade. Os fatos determinaram então o aparecimento de vários tipos de censura que acabam inibindo, limitando e até emasculando o repórter. As exceções continuam gloriosas e raras, ainda se faz reportagem no Brasil. Temos, pelo menos em alguns setores, por sinal muito corrompidos, alguns elementos que não se corromperam. É o caso das editorias de esporte e polícia. São áreas muito corruptíveis nos jornais. Fala-se que a reportagem morreu e eu me arrisco a perguntar se não estão sendo os próprios gurus das redações que a estão matando. Hoje não se motiva, não se pauta, não se orienta os jovens que querem fazer jornalismo. O repórter vai para o fato e o fato não consegue mais surpreendê-lo.

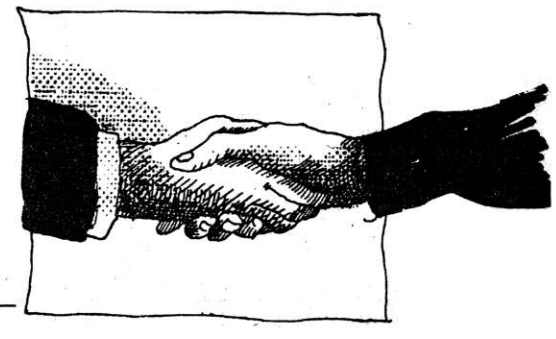
O papel do repórter seria altamente modificador, além de verificador de dados. Acontece que não está sendo porque cada vez mais ele está se tornando um apanhador de dados bem educado, comportado, omisso e morno de press releases. O repórter virou recado de luxo de fontes oficiais que nada esperam da sua pessoa e menos ainda do empresário além de uma boa obediência. A reportagem não pode ser nenhum ato de piedade com a sociedade que que aí está. A impressão que eu tenho diante de certas revistas é que elas são feitas de empresários para empresários, isto é, de donos da empresa para seus anunciantes. Tudo nelas poderia ser até perfeito, se não existisse o leitor. O leitor está sendo esquecido. A reportagem está sendo burocratizada, enquanto se esperava dela — se continuasse os caminhos iniciados há cinco anos — um papel reformulador, de protesto, de denúncia, de apelos, de novas propostas. Ela se conformou a um farisaismo, a uma impessoalidade típica de quem aceita a omissão diante dos fatos. O repórter Percival de Souza, um dos poucos homens de imprensa que fazem polícia neste país e que não enriqueceram no caminho fácil e tão à mão da corrupção, declarou que o papel do jornalismo seria o de remexer na lata de lixo da sociedade. Acho bom começar a pensar sobre isso. É preciso compreender que os nossos preconceitos culturais, nossa falta de raízes, nossa aristocracia (aristocrotice?) nós impedem de aceitar o exercício da profissão com a devida humildade e dedicação.

Temos uma falsa noção de bom gosto, que não passa de uma importação cultural. No momento em que nos aproximávamos do nosso povo, das suas dores, lutas, esperanças, misérias crônicas, nós nos sentíamos como que envergonhados e cheios de distância. Isso nos impede de aceitar que é tão importante fazer jornalismo de cidade ou político, como fazer polícia, esporte, ou caderno feminino, com dignidade. Tudo aquilo que não cheira o bom perfume de nossa intelectualidade, faz mal ao nosso nariz. Nós estamos cheios de uma importância de sabidice e de teorismo inúteis que não queremos nos aproximar daquilo que está diante de nosso nariz, nas ruas, nas conduções coletivas, nas gerais dos campos de futebol, nos trens suburbanos, porque tudo isto fede e fere o nosso chamado bom gosto, que eu não sei de onde veio: somos afinal uns mestiços luso-afro-tupiniquins com incríveis problemas de povo pobre, mas pensamos em termos de uma civilização cristalizada e que pode se dar ao luxo de pesquisar e divagar sobre problemas esotéricos antes de resolver os problemas da existência mais imediata: a alimentação, a habitação, saúde, educação, etc. Somos uns deslumbrados daquilo que nem conhecemos: América do Norte e Europa.

O exemplo vivo da inoperância, da omissão bem comportada, deu-se na despedida do Pelé. Os jornais e revistas, salvo exceções, resolveram falar todos a mesma coisa ao mesmo tempo: a apologia de um herói bastante discutível, o endeusamento de um homem que no momento pode ser discutido sobre todos os aspectos, e que nós insistimos em dizer que é apenas um rei. Um jovem de 24 anos hoje não tem mais nada para ler nos jornais tradicionais. O substantivo e o verbo, que significam o fato e a ação estão sendo substituídos pelo adjetivo e o advérbio, que afinal são elementos de reforço.

Diria que é bom não deixar que certas marés chegem até nossas praias. Se isto acontecer, todos nós vamos nos arrepender muito porque tudo o que sabemos, teremos que esquecer. É preciso forçar a barra. A reportagem tem de se intrometer mais e até fora dos jornais e das revistas. Ela tem que pular para o livro, para o filme, para a aula. Nos EUA ela já significa um novo gênero literário, que é um dos maiores corpo a corpo com a vida de que se tem notícia até hoje. Exemplos: Norman Mailer, Truman Capote, Heminghway.

No Brasil há muitos preconceitos depreciativos diante da reportagem, como se ela fosse um produto ameno, inconsequente, escrito para a indiferença dos leitores. O seu sentido e objetivo podem, no entanto, devido à sua penetração nas massas, ganhar força de um dos depoimentos mais vivos e modificadores da sociedade que aí está. Uma política de salários inteiramente injusta fez com que o grande repóter se afastasse da reportagem, passasse aos poucos cargos, ou de chefia, ou simplesmente administrativos. É preciso lutar contra essa política mesmo que se tenha de voltar à reportagem. Em tempo: não é preciso ressuscitar a reportagem. É preciso fazê-la.



RANGO, O FAMINTO

O Rango é um grilo. Que foi crescendo dentro da minha cabeça. A partir do seguinte: quem é esse cara que anda esfarrapado, com aquela porção de cachorros em volta, pô, cheio de mosca em cima dele, e os pés dele, que gozado, parecem bolo inchado, e só diz coisas engraçadíssimas e sem nexo, esse cara andou bebendo, a gurizada deita e rola e ele não reage e por que é que ele tá comendo aquele resto de pão duro e sujo? (Isto é mais ou menos o que passava pela minha cabeça aos 9 anos de idade, brincando na rua). Quem é esse guri, o "menorabandonado", quem é esse que não tem o que vestir, onde morar e o que comer, que cata lixo, que dorme nos portais dos edifícios, que quando pode se atira na cachaça pra sobreviver ao frio e à realidade, que os cachorros protegem da solidão mas não protegem da loucura, e por que é que eu o vejo todos os dias multiplicado e todo mundo acha que vai tudo bem? (Pensamentos dos 18 anos, no caminho da faculdade).

Este cara está à margem de tudo, por que é que ninguém se importa? Por que é que eu tenho o básico e o supérfluo e ele não tem nada? Como é que se resolve isso? Não sei. Vou perguntar aos outros. (E, com 20 anos, fiz a primeira história do Rango. Tenho agora 25 anos. As perguntas estão de pé).

Edgar Vasques

Herói do nosso tempo

Eis um humorista autêntico em que anedota e traço são da melhor qualidade. Edgar Vasques é um caricaturista de primeira ordem.

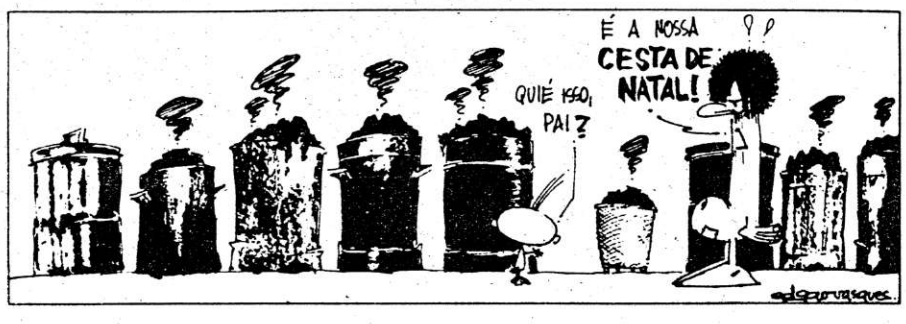
Dirão os felizes acomodados da vida que suas estórias nos deixam um ressaibo amargo. Claro! Vasques é o campeão do marginal, do homem que sofre de fome crônica. Faz no reino do humorismo o que Josué de Castro fez no da sociologia, isto é, chama a atenção do mundo para o trágico problema dos famintos. Cada uma das suas pequenas estórias em quadrinhos vale por um editorial de jornal — mas um editorial realista, corajoso e pungente.

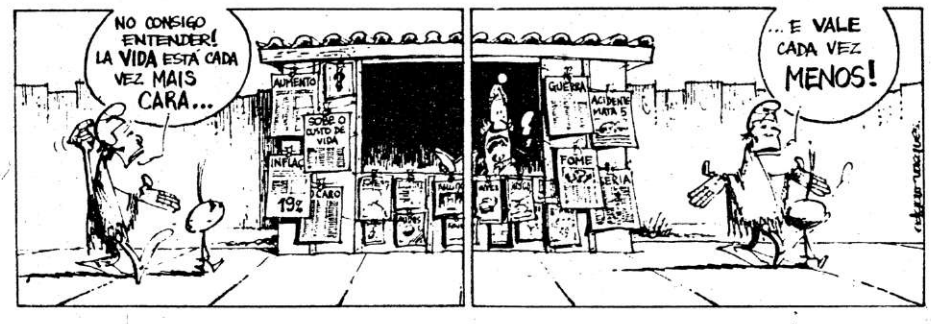
Rango é um herói de nosso tempo, de todos os tempos.

Se há sarcasmo neste pequeno livro que nos faz rir e pensar, esse sarcasmo será menos do artista do que uma imposição inelutável dos temas de que ele trata.

Recusando a alienação, o caricaturista Vasques combate a miséria com as grandes e nobres armas de que dispõe: pena ,tinta, espírito de solidariedade humana... e talento.

ÉRICO VERÍSSIMO





José Soares - poeta-reporter

MARCARAM MARCOS

A Esmagadora Vitória de Marcos Freire

Dia 15 de novembro
o eleitor acordou cedo
botou o título no bolso
sem ter truque nem segredo
penetrou numa cabine
votou sem ódio e sem medo

Quem votou em Marcos Freire
agora está exultante
dizendo que no Senado
tem um Senador vibrante
prá defender Pernambuco
de uma maneira optante

O povo de Pernambuco
do Sertão, Brejo e Agreste
escolheram um candidato
como quem fazia um teste
elegeram Marcos Freire
o Senador do nordeste

2

Ninguém interplete mal
a frase que vou dizer
se a Arena ganhar
continua o meu sofrer
Se o M. D. B. ganhar
não vem me dar de comer

Mesmo Cleofas perdendo
o povo está confiante
na atuação do governo
Dr. Moura Cavalcanti
que vai fazer um governo
convicente e retumbante

Não vou dizer nem de longe
que João Cleofas não presta
não julgo sua conduta
é difícil cair nesta
que nem o bom nem o mau
traz uma estrela na testa

Como eleitor na ativa
no dia da eleição
vou para as urnas cumprir
o dever de cidadão
como brasileiro nato
fazer minha obrigação

3

Porque o povo do mundo
parece uma mosca tonta
sem zero no quociente
não tira a prova da conta
Se Deus fosse um candidato
o povo votava contra

Para fazer continência
a Deus eu tiro o chapéu
os homens faz a receita
mas o remédio é do céu
ninguém conhece o carrasco
aqui todo mundo é réu

Um bebado estava dizendo
eu não voto em João Cleofas
porque vou perder meu voto
e vai servir de "gaiofa"
e eu não gosto de gente
que conta muita "farofa"

Sucedeu um fato em foco
uma coisa muito rara
Marco ganhou prá Cleofas
coisa que estava na cara
pois um cego é quem não via
por essa cerca de vara

4

Ninguém vá tomar por crítica
nem dizer que incinuei
o que vi nos bastidores
das eleições eu contei
faltou somente um detalhe
não dizer em quem votei

O meu entento foi esse
espor a situação
embora sem gabarito
para apontar solução
que na vontade dos outros
não posso meter bicão

Um doido disse a um moço
Dr. Marcos Freire ganha
vai levar de ponta a ponta
nem precisava campanha
só com os votos das moças
ele ganha e reganha...

Um pescador disse a outro
falando dentro de um barco
se Marcos Freire perder
nesse navio eu embarco
no dia da eleição
marco Marcos, marco, marco

5

Olhando evidentemente
a triste situação
o povo viu-se forçado
votar na oposição
pensando que Marcos Freire
baixava o preço do pão

Em São Lorenço, primeiro
iniciou a contagem
logo nas primeiras urnas
Marcos levava vantagem
tinha nego que dizia
Cleofas leva lavagem

As eleições é um jogo
quando um perde outro ganha
se gasta tempo e dinheiro
esgota numa campanha
prá no fim sair logrado
com a surpreza tamanha

Tinha gente que lembrava
as eleições de atraz
dizendo que João Cleofas
estava velho demais
embora com muito peito
faltava o folego e o gaz

6

Fazendo uma panoramica
da guerra dos eleitores
vi muita coisa engraçada
por detras dos bastidores
que coloriu os meus versos
com relevos multicores

Por exemplo um poliglota
dizia para um rapaz
Cleofas está muito velho
não sabe mais o que faz
pode ficar tranquilo
de queda não morre mais

Quem é o lado de Marcos
está com muita euforia
em quase todos os estados
obteve a maioria
p'ra mim não foi surpresa
era o que o povo previa

No interior Cleofas
começou levar vantagem
um eleitor da Arena
disse em tom de pabolagem
esse tal de Marcos Freire
vai levar uma lavagem

7

No jogo Marcos - Cleofas
Cleofas levou olé
Marcos Freire bom na voz
bom na urna bom no pé
o povo marcou Marcos
como quem marca Pelé

Agora depois de tudo
o jogo foi terminado
um lado saiu sorrindo
o outro lado encabolado
Cleofas está todo são
e Marcos todo marcado
O que mais surpreendeu
consernente a eleição
sem sombra de dúvida foi
a fraquesa do sertío
além da expectativa
fora de cogitação

Diceram que Marcos Freire
fez um negócio ingraçado
antes de abrir as urnas
estava tão cofiado
que no dia da eleição
já foi dormir no Senado

8

Marcos Freire é uma sigla
da terra de Joaquim Nabuco
além de ser precavido
não bota mão em combuco
e volta em 78
prá governar Pernambuco

Marcos vai para Brasília
mas quando sair de lá
não vai haver diferença
pois tem o vice VAVÁ
quando um sair outro fica
é aquele lá e cá

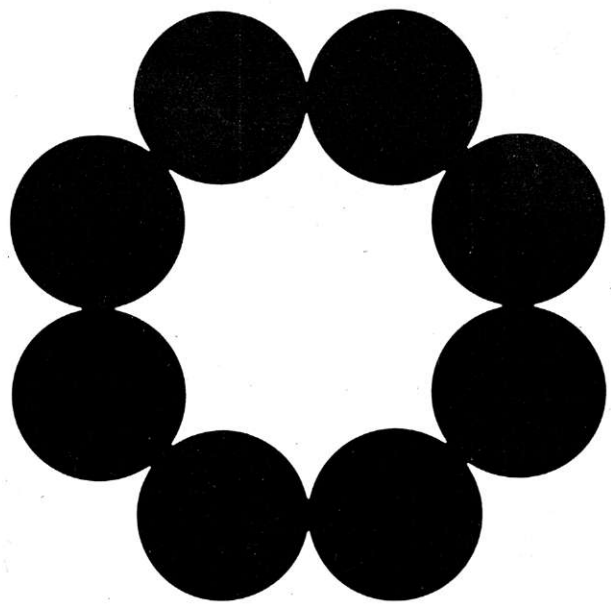
O senador Marcos Freire
receba minha homenagem
defenda meu Pernambuco
com sensatez e coragem
para amanhã ou depois
não distorcer sua imagem

UM PAPEL DE RESPONSABILIDADE

A SELECTA RESPONSABILIZA-SE PELO PAPEL QUE VENDE: SÓ TEM DO IMPORTADO. E PELO PREÇO QUE COBRA: 40% MENOS QUE AS OUTRAS LOJAS. POR ISSO, PESSOAS DE MUITA RESPONSABILIDADE DIRIGEM-SE À SELECTA: PUBLICITÁRIOS, ARQUITETOS, ENGENHEIROS, ESTUDANTES.

VEGETAL SCHOELLER, EM ROLOS E FOLHAS MILIMETRADO, ONION-SKIN (BLOCOS), PARASSOL, OPALINE, CARMEN, CARTÕES DE DESENHO SCHOELLER, EM TODOS OS TAMANHOS, FOLHAS CORTADAS OU MARGEADAS, TODOS OS TIPOS DE BLOCOS DE DESENHO NUMERADOS.

DIRIJA-SE À
SELECTA
UMA LOJA PARA UMA CLASSE SELETA
Marquês de Itú, 134 (esq. Bento Freitas) Fone 37-7988



QUEM FAZ O EQUIPE SEMPRE TEM ALGUMA COISA PRÁ DIZER.

EQUIPE VESTIBULARES/COLEGIO EQUIPE/COLEGIO EQUIPE SUPLETIVO
Rua Marquês de Paranaguá 111 - tel.: 257 0177/257 0375

"FALAR SOBRE MÚSICA É UMA BESTEIRA; TOCAR É UMA LOUCURA"

1 — A idéia de produzir um disco de Walter SMETAK nasceu em mim no dia em que fiquei conhecendo a série de instrumentos que ele inventou e fabricou. É um conjunto tão extraordinariamente fascinante de objetos compostos com uma variedade de materiais que vai da cabeça ao isopor, é um mundo tão grande de sugestões plásticas e sonoras, que me pareceu absolutamente necessário documentar o trabalho desse homem singular.

2 — SMETAK vive em Salvador-Bahia há muitos anos. Eu já o conhecia de vista desde 1963: um curioso senhor sobre uma motocicleta, um músico entre os outros na orquestra sinfônica da Universidade. Em 1961, Gil e Rogério foram procurá-lo e desde então mantém contato permanente com ele. O flautista e compositor Tuzé Abreu já era, a essa altura ,um frequentador da oficina do velho. Refiro-me aqui somente a alguns amigos muito próximos: muita gente na Bahia (e de fora) vem atentando há muito mais tempo para o trabalho de SMETAK do que eu. Mas foram esses amigos que me levaram a entrar em contato com ele. Faço questão de frisar que Gil, Rogério e Tuzé são mais responsáveis do que eu pela existência do LP.

3 — A produção foi uma viagem. A espontaneidade de uma criança conduzindo uma mente sofisticada.

FOTO GABRIEL BONDUKI

SMETAK cria dificuldades no plano prático que apontam sempre para veredas de elevação espiritual, de modo que o trabalho se dá numa corda bamba de delícia e de susto. Um outro amigo (produtor dos primeiros espetáculos que eu, Gal, Bethânia e Gil fizemos na Bahia), Roberto Santana, treinadíssimo em acabar qualquer "cerca-lourenço" no grito, transformou a produção do disco numa produção e o disco num disco. Ele foi de fato quem produziu esse disco, tornando possível a transação material entre os instrumentos de SMETAK e o equipamento de Maurice. Quanto a mim, na engrenagem dessa produção, me entrei em algum lugar entre o sonho de Gil e os gritos de Roberto.

4 — A música de SMETAK me estimula e eu acredito que deva ser do mesmo modo estimulante para tanta gente que, no Brasil hoje, tem tantos interesses e preocupações semelhantes às minhas. Estou totalmente por fora dos planos internos da música erudita contemporânea. Não conheço mesmo nada direito de música clássica de qualquer época. "Porque este novo gênero que surge é uma fusão do oriente e do ocidente e não é erudito nem popular", disse SMETAK falando do seu próprio trabalho e me parece sensato espalhar sementes de sonho por aí.

CAETANO VELOSO
Bahia, 1974

"UAH, VALE A PENA SER POETA"

POR EDINILTON LAMPIÃO

Um cantador cego, maltrapilho e armado com um violão velho caminha por uma certa rua escura. De repente é cercado por bêbados e ladrões, espancado e obrigado a contar histórias sob a mira dos inesperados visitantes. Está começando **Amuleto de Ogum**, filme de Nelson Pereira dos Santos, e o cantor acossado é Jards Macalé, que além de ator providenciou também a trilha sonora. Boa parte da história foi filmada em Caxias, no sítio de Tenório Cavalcante.

Quem foi assistir **Smile**, o show que Macalé apresentou durante quatro dias no Teatro 13 de Maio, teve a confirmação de que ele e seu novo grupo — Marlui Miranda, violonista, compositora e Pedro dos Santos, percussionista criador — continuam muito próximos do papel que Macau aceitou como abertura de **O Amuleto.**

Em Santa Teresa, convivendo com Macalé, o cidadão pode sentir o que é o dia-a-dia de um cara que se dispõe a fazer exatamente aquilo que gosta e da maneira que mais lhe convence.

O pessoal que trabalha com ele neste momento não poderia estar desvinculado do drama de um "faquir da dor". Todos os que o cercam são faquires da dor.

Começa por Xico Xaves, o novo parceiro. Parceiro em tudo: letras, luta para que a gravação ao vivo de **O Banquete dos Mendigos** venha logo para as ruas. Banquete dos Mendigos foi um show realizado no ano passado no MAM do Rio, com participação de Jorge Mautner, Gal Costa, Paulinho da Viola, Chico Buarque de Holanda e muitos outros. A RCA já comprou a fita e o disco deve sair logo:

— Só mais uns detalhezinhos — diz Macalé, sorrindo com aquele mesmo riso que as pessoas decifram na capa de **Aprender a Nadar.**

A união com Marlui Miranda foi através de Ana Maria Miranda, mulher de Macalé, atriz e pintora. Marlui é dessas que ficam horas e mais horas debruçada sobre partituras, musicando textos de Xico Xaves, treinando e aliando técnica com sua incrível sensibilidade musical. O entrosamento Marlui-Macalé foi lento e gradativo, começando com curtições na casa de Macau, diálogo de violão para violão, de coração para coração.

E Pedro dos Santos estava lá em Santa Teresa mesmo, disponível, vizinho de Macalé, num quarteirão onde os artistas dominam. Quem viu Pedro mostrar sua criação no 13 de Maio teve uma ligeira idéia do que é sua figura incrível, cheia de energia. Pedro é capaz de falar horas seguidas sobre aquilo que mais o apaixona: a vida e como ela pode fluir livremente no ato da criação que ele impõe.

E no mais Santa Teresa é a própria dureza do **underground.** Pintores, poetas, artesãos, uma batalha que certamente vem influenciando todo o trabalho de Jards Anet da Silva — ou pior, da Selva, ou melhor, da vida.

O último show no 13 de Maio mal deu para pagar os dois músicos que o acompanharam. Mas o trabalho foi apresentado.

Por enquanto Macalé prefere não falar de **O Banquete dos Mendigos.** Todo o trabalho que está sendo feito em cima do disco ainda é expectativa, dependência de mil fatores:

— Esse disco está na ponte aérea — disse Macau uma vez, referindo-se aos vai e vem da fita pelo Brasil afora.

Smile foi uma verdadeira montagem, com aproveitamento de tudo o que servisse para a idéia do espetáculo. No Rio — montado por Xico, Flor Maria e mais colaboradores — **Smile** foi mais vibrante, mais sentido. De qualquer forma, após as apresentações aqui em São Paulo, Marlui, Macalé e Pedro dos Santos não pareciam decepcionados. Marlui, por exemplo, sentiu que suas músicas em parceria com Xico possuem realmente muita força. E Pedro dos Santos faz um tipo de trabalho que não se pode medir pelos aplausos — talvez muito mais pelo silêncio, pois sua percussão é atemporal. em cima de todos os ruídos, baseada no verdadeiro transe de Pedro, em busca de vidas passadas, presentes e futuras.

Embora não faça a menor questão de sair da semi-marginalidade, a mudança de gravadora talvez venha a influir muito na repercussão da produção que Macalé vai apresentar em disco daqui para a frente: excetuado, evidentemente, o tão aguardado, **Banquete dos Mendigos** (cujo primeiro nome sugerido era **Poeira de Estrelas).**

Macalé saiu da Philips e passou para a **Sigla**, gravadora que leva disco ao povo através da televisão, via Rede Globo. Por enquanto Macalé não tem nada preparado para a Sigla.

Uma coisa é certa: o envolvimento de Macalé com o ouvinte brasileiro tende a ser maior. Essa tentativa fica clara em **Smile**, onde os músicos estiveram descontraídos, agredindo é acariciando ao mesmo tempo, num clima de compreensão, sem deixar de lado a crítica, tema permanente de Jards Macalé enquanto existerem pregos para os muitos faquires.

Mas o que mais toma o tempo de Macalé e do pessoal que está com ele é o lançamento do **Banquete dos Mendigos**, em verdade o primeiro disco ao vivo feito nó Brasil com um objetivo determinado, realizado no dia em que se comemorava a carta da ONU sobre os Direitos do Homem. Tão logo o disco fique livre e pronto para o público, Jards Macalé vai contar com exclusividade para **Ex** toda a emocionante história que o envolveu.

Um encontro de índios, no Paraguai. Um relato de Artaud sobre os teimosos Tarahumaras, do México. Galeano fala de um mundo que acabou. E um conto de José J. Veiga.

UGH!

O JORNAL DO ÍNDIO

TREINO PARA A ONU

POR ANA MARIA CAVALCANTI

Em São Bernardino, uma cidadezinha paraguaia, a 50 quilômetros de Assunção, 32 índios sul-americanos se reuniram, entre 8 e 14 de outubro, para falar de seus problemas e de uma idéia que surgiu no Canadá: uma representação indígena na ONU.

Havia índios da Bolívia, Argentina, Venezuela, Brasil e Paraguai. Alguns — o único representante brasileiro, por exemplo — souberam durante o encontro o que era a ONU, mas logo entenderam por que precisam dela:

"Assim, todas as nações verão o que passamos e dirão **basta**" (Cirilo Quispe, índio boliviano).

"Não temos direito de votar, sabendo escrever ou não" (Domingos, índio paraguaio).

"Somos 800 mil, mas o governo diz que não há índios na Argentina, só camponeses" (Elias Medrano, índio argentino).

"Estamos desaparecendo. Só uma representação na ONU pode nos salvar" (Daniel Hatenho, índio brasileiro).

Desse debate saiu o Parlamento Índio do Cone Sul, constituído no hotel onde eles estavam hospedados, ao som de "Índia" e "Recuerdos de Ypacarai", que as rádios de São Bernardino não param de tocar. O Parlamento se reunirá de novo no Canadá, no ano que vem, no Congresso que reivindicará um lugar para os índios das Américas na ONU.

Por trás dessa idéia estão várias entidades religiosas, católicas e protestantes. Talvez para se desculpar de todo o mal que fizeram à cultura índigena até recentemente, elas se esforçam agora para defendê-la.

"Quem entende o problema do índio é o próprio índio. Mas ele está isolado, as tribos não têm comunicação entre si, o índio de um país não conhece os problemas do índio de outro país", explica o representante da Universidade Católica de Assunção, que promoveu o encontro.

"Como os índios não têm dinheiro para se organizar e promover encontros como este, temos um fundo apenas para isso", diz o reverendo José Chipenda, do Conselho Mundial da Igreja (protestante), sediado em Genebra, que financiou o encontro.

José Chipenda, um negro de Angola, participou da reunião de São Bernardino como observador do Programa de Combate ao Racismo, do Conselho Mundial da Igreja. Para ele, "é fundamental que os índios de todo o continente se unam para recuperar a dignidade perdida."

Isso porque eles são sempre marginalizados em seus países, sejam maioria ou minoria. "Nenhuma tribo brasileira botou um índio na universidade", diz Daniel Hatenho, da tribo dos parecis — 400 índios que vivem numa reserva às margens da rodovia Cuiabá—Porto Velho.

Daniel é um caso raro: fez quase todo o ginásio num patronato indígena. Aos 17 anos, no entanto, voltou para sua

tribo, que tem 200 anos de contato com os brancos, mas ainda cultiva sua cultura. Entre os parecis, Daniel era chamado de "branco".

"Sinto orgulho de ser índio e quero que meu povo continue a viver sua vida. Os brancos podem nos ajudar ensinando melhores meios de trabalhar dentro do nosso sistema comunitário. Mas devem evitar o choque cultural, que só nos destruirá como povo".

No Parlamento Índio do Cone Sul, Daniel falou sobre a necessidade de se criar no Brasil uma Federação Indígena. "Nela, os índios poderiam discutir os seus problemas e ficar mais seguros de si".

Na Bolívia, os índios são maioria — 85 por cento da população. "Quando elegemos um representante, ele se volta contra os índios, vira branco", diz Cirilo Quispe, um dos líderes da Minka, que reúne mais de 5 mil índios em seu país.

Para Cirilo, a Minka, criada em 1969, é o começo da organização dos índios bolivianos em defesa de seus interesses. "A maior parte vive nos campos cultivando a terra, cuidando das ovelhas, de animais; não temos chance de entrar na universidade nem mecanismos para nos desenvolver, mas se protestamos contra isso, dizem que somos extremistas".

Em 1952, a reforma agrária de Paz Estenssoro desarticulou ainda mais o sistema comunitário deles ao dividir a terra em minifúndios. "Mas as melhores terras ficaram com as companhias estrangeiras, como a Hansa, e os militares bolivianos. Na verdade, mais da metade das terras não foram divididas entre os índios".

Por isso, num dos principais pontos do documento divulgado no fim do encontro, os índios pedem que "os governos devolvam as terras para as tribos ou comunidades de índios, juntamente com os títulos de propriedade".

Eis alguns dos pontos tratados nesse documento:

Terra — O índio é dono da terra, com ou sem títulos de propriedade. Os governos, além de assegurar esse direito, devem apoiar as cooperativas indígenas e dar facilidades de crédito, assessoramento técnico e meios de transporte até os mercados de consumo para as comunidades".

Trabalho — "Exigimos a segurança e a liberdade de trabalho que deve gozar todo ser humano no século XX. Não somos animais para viver trabalhando sob a tutela de patrões ou de missionários. O produto do trabalho realizado pelos indígenas nas reservas estatais e missões religiosas devem pertencer, em sua totalidade, a nossos irmãos. Essas reservas estatais e missões religiosas devem pertencer, em sua totalidade, a nossos irmãos. Essas reservas ou missões devem ser administradas por nós, ou pelo menos com a nossa participação direta.

Política — Não pertencemos às organizações políticas da civilização colonizadora, pois sabemos que os partidos políticos estão à parte de nossa realidade.

Educação — Tentaram — os brancos, os mestiços e os índios que renegaram seu povo — destruir nossos valores culturais. No entanto, graças às tradições transmitidas de geração em geração, proclamamos a vigência de nossa cultura. A experiência nos mostrou que os funcionários e os missionários só transmitiram a sua cultura e não a nossa. Assim, a educação nas zonas indígenas deve dada na nossa própria língua.

Saúde — Queremos participar com nossa experiência da solução dos problemas que nos atingem; que se eliminem o controle da natalidade nas comunidades indígenas; que se tomem medidas para evitar ao máximo a propagação das enfermidades infecto-contagiosas, transmitidas pelas sociedades nacionais, de acordo com o maior ou menor risco que correm os indígenas; que se montem postos sanitários nas comunidades, com enfermaria e assistência médica permanente; que se implante nas universidades, o estudo das medicina indígena com a participação direta dos índios.

Organização — As comunidades devem se organizar em organismos regionais. Assim poderão defender melhor seus direitos e sua cultura. Estas federações regionais devem procurar por sua vez, integrar-se o mais rápido possível em confederações nacionais e internacionais.

400 anos de teimosia

Antonin Artaud

Ao norte do México, a 48 horas da Cidade do México, vive uma raça de puros índios vermelhos, os Tarahumaras. Quarenta mil homens vivem aí, como viviam antes do Dilúvio. Eles são um desafio a este mundo, onde se fala tanto em progredir, pelo desespero que traz o progresso.

Esta raça, que deveria estar fisicamente degenerada, resiste há 400 anos a tudo o que veio atacá-la: a civilização, a mestiçagem, a guerra, o inverno, as feras e a floresta. Vivem nus, no inverno, em suas montanhas cobertas de neves, desprezando todas as teorias médicas. A igualdade existe entre eles, como um sentimento de solidariedade espontânea.

Por incrível que pareça, os Tarahumaras vivem como se já tivessem morrido... Eles não vêem a realidade e tiram forças mágicas do desprezo que sentem pela civilização.

Aparecem algumas vezes nas cidades, empurrados por não sei que vontade de zombar, ver, dizem eles, **como são os homens que são enganados.** Para eles, **viver nas cidades é um erro.**

Eles chegam com mulher e crianças, através de impossíveis trajetos que nenhum animal ousaria tentar.

Ao vê-los passar por suas estradas, através das torrentes, da terra que racha, da mata espessa, pelas escadas de rocha, os muros a pique, não posso deixar de pensar que eles souberam conservar a força da gravitação natural dos primeiros homens.

À primeira vista, é impossível chegar à terra dos tarahumaras.. São apenas algumas ligeiras pistas que de 20 em 20 metros parecem desaparecer na terra. Quando a noite chega, quem não é pele-vermelha deve parar. Porque só um pele-vermelha sabe onde botar os pés.

Quando os Tarahumaras descem às aldeias, eles mendigam. Mas são mendigos surpreendentes. Param à frente da porta das casas e ficam de perfil, com um ar de desdenho soberano. Eles tem a cara de quem diz: "Tu é rico, mas és um cão, eu valho muito mais do que tu, eu cag... para ti."

Ganhando ou não ganhando a esmola, eles vão embora, sempre no mesmo tempo. Se a gente dá a esmola, não dizem obrigado. Porque dar àquele que nada tem é menos do que um dever, é uma lei de reciprocidade física que o Mundo Brando traiu. A atitude deles parece dizer: "Obedecendo a esta lei, fazes um bem a ti mesmo, não tenho porque te agradecer."

Os índios praticam naturalmente essa lei de reciprocidade física que chamamos de caridade. Naturalmente, e sem nenhuma piedade. Aqueles que nada têm, porque perderam a colheita, porque o milho queimou, porque seu pai nada lhes deixou ou por qualquer outra razão, não precisam se justificar. Simplesmente vão às casas daqueles que têm alguma coisa. Imediatamente, a dona da casa lhe dá tudo o que tem. Ninguém olha nem aquele que dá, nem o que recebe. Após ter comido, o mendigo vai embora, sem agradecer nem olhar ninguém.

FIM DO MUNDO

POR EDUARDO GALEANO

Em 1581, Felipe II disse, em Guadalajara, que um terço dos indígenas da América já haviam sido aniquilados, e que os que ainda viviam eram obrigados a pagar tributos pelos mortos. O monarca disse, ainda, que os índios eram comprados e vendidos. Que dormiam na intempérie. Que as mães matavam seus filhos para salvá-los do tormento das minas.

Mas a hipocrisia da Coroa tinha menos limites que o Império: ela recebia uma quinta parte do valor dos metais que seus súditos arrancavam em toda a extensão do Novo Mundo hispânico, além de outros impostos; e outro tanto ocorria, no século XVIII, com a Coroa portuguesa em terras do Brasil.

A prata e o ouro da América penetraram como um ácido corrosivo por todos os poros da sociedade feudal moribunda da Europa e, ao serviço do nascente mercantilismo capitalista, os empresários mineiros converteram os indígenas e os escravos negros em um numerosíssimo "proletariado externo" da economia européia. A escravidão greco-romana ressuscitava em um mundo distinto; ao infortúnio dos indígenas dos impérios aniquilados na América hispânica, soma-se o terrível destino dos negros arrebatados das aldeias africanas para trabalhar no Brasil e nas Antilhas. **A economia colonial latino-americana dispôs da maior concentração de força de trabalho até então conhecida, para tornar possível a maior concentração de riqueza de que jamais dispusera civilização alguma na história.**

Aquela violenta maré de cobiça, horror e bravura não se abateu sobre estas comarcas senão ao preço do genocídio nativo: as investigações recentes mais fundamentadas atribuem ao México pré-colombiano uma população que oscila entre os 30 e 37 milhões de habitantes, e calcula-se que havia uma quantidade aproximada de índios na região andina; a América Central tinha entre 10 a 13 milhões de habitantes. Astecas, incas e maias somavam entre 70 e 90 milhões de pessoas quando os conquistadores aparecem no horizonte; um século e meio depois, eram apenas 3,5 milhões. Segundo o Marquês de Barinas, entre Lima e Paita, onde viveram mais de 2 milhões de índios, não restavam mais do que 4 mil famílias indígenas em 1685. O arcebispo Liñan y Cisneros negava o extermínio dos índios:

— Eles se escondem — dizia — para não pagar tributos, abusando da liberdade que gozam e que não tinham na época dos incas.

Jorrava sem cessar o metal das minas americanas, e da Corte espanhola chegavam também sem cessar, ordenanças que outorgavam uma proteção de papel e uma dignidade de tinta aos indígenas, cujo trabalho extenuante sustentava o reino. A ficção da legalidade amparava o índio; a exploração da realidade o sangrava. Da escravidão à **encomienda** de serviços, e desta à **encomienda** de tributos e ao regime de salários, as variantes da condição jurídica da mão-de-obra indígena não alteraram mais que superficialmente sua situação real.

A Coroa considerava tão necessária a exploração inumana da força de trabalho indígena, que em 1601 Felipe III ditou regras proibindo o trabalho forçado nas minas e, ao mesmo tempo, enviou outras instruções secretas ordenando continuá-lo "no caso daquela medida diminuir a produção". Da mesma maneira, entre 1916 e 1919, o juiz e governador Juan de Solorzano fez uma investigação sobre as condições de trabalho nas minas de mercúrio de Huancavélica:

"... o veneno penetrava na medula, debilitando todos os membros e provocando um tremor constante, morrendo os trabalhadores geralmente no espaço de quatro anos", informou ao Conselho das Índias e ao monarca.

Mas, em 1631, Felipe IV ordenou que fosse mantido ali o mesmo esquema; e seu sucessor, Carlos II, renovou tempos depois o decreto. Estas minas de mercúrio eram exploradas diretamente pela Coroa, ao contrário das minas de prata, que estavam em mãos de empresários.

A MÁQUINA DE MATAR

Em três séculos, o cerro Rico de Potosí queimou, segundo Josiah Conder, 8 milhões de vidas. Os índios eram arrancados das comunidades agrícolas e conduzidos junto com mulheres e filhos, rumo ao cerro. De cada dez que marchavam até os altos páramos gelados, sete não regressavam jamais.

Nas comunidades, os indígenas tinham visto "voltar muitas mulheres aflitas sem seus maridos e muitos filhos órfãos sem seus pais", e sabiam que as minas reservavam "mil mortes e desastres". Os espanhóis percorriam centenas de milhas em busca de mão-de-obra. Muitos índios morriam no caminho, antes de chegar a Potosí. Mas a maioria morria por causa das terríveis condições de trabalho na mina.

O frei dominicano Domingo de Santo Tomás denunciava ao Conselho das Índias, em 1550, que Potosí era "uma boca do inferno" que tragava anualmente milhares e milhares de índios, tratados como "animais sem dono" pelos mineiros. Os caciques das comunidades tinham a obrigação de substituir os **mitayos**, que iam morrendo, por novos homens de 18 a 50 anos de idade. O curral de partilha, onde os donos de minas e engenhos arrematavam os índios, uma gigantesca concha de paredes de pedra, serve agora para que os trabalhadores joguem futebol; o cárcere dos **mitayos**, um monte de ruínas, ainda pode ser contemplado na entrada de Potosí.

Na recompilação de Leis das Índias não faltam decretos daquela época, estabelecendo a igualdade de direitos dos índios e espanhóis para explorar minas e proibindo expressamente que se lesassem os direitos dos nativos. A história formal — letra morta — não tinha do que se queixar, mas enquanto se debatia entre papeladas infinitas a legislação do trabalho indígena e estalava em tinta o talento dos juristas espanhóis, na América a lei "se acatava mas não se cumpria". Numerosos indivíduos reivindicavam ante os tribunais sua condição de mestiços para que não os mandassem para as escavações, nem os vendessem e revendessem no mercado.

Nos fins do século XVIII, Concolocorvo, por cujas veias corria sangue indígena, renegava assim os seus:

— "Não negamos que as minas consomem número considerável de índios mas isto não procede do trabalho que têm nas minas de prata e mercúrio mas sim da libertinagem em que vivem."

O testemunho de Capoche, que tinha muitos índios a seu serviço, é ilustrativo nesse sentido. As glaciais temperaturas da intempérie alternavam com o calor infernal do fundo dos carros.

Os **mitayos** faziam o minério saltar à ponta de picareta e logo subiam carregando-o nas costas, por escadas, à luz de vela. Fora da escavação, moviam os engenhos ou fundiam a prata e o fogo, depois de moê-la e lavá-la.

Era uma máquina de triturar índios. O emprego de mercúrio, para a extração da prata por amálgama, envenenava tanto ou mais que os gases tóxicos do ventre da terra. Fazia cair o cabelo e os dentes e provocavam tremores incontroláveis. Os "azougados" se arrastavam pedindo esmola pelas ruas. Seis mil e quinhentas fogueiras ardiam à noite nas ladeiras de cerro Rico, e nelas se trabalhava a prata valendo-se do vento que enviava o "glorioso São Agostinho" do céu. Por causa do fumo dos fornos, não havia pastos nem plantações num raio de 40 quilômetros ao redor de Potosí, e as emanações não eram menos implacáveis com os corpos dos homens.

OS ÍNDIOS SÃO "JUDEUS"

Não faltavam as justificações ideológicas. A sangria do Novo Mundo se convertia num ato de caridade ou de razão de fé. Junto com a culpa nasceu todo um sistema de justificações para as consciências culpadas. Transformava-se os índios em bestas de carga porque aguentavam um peso maior que o que podia suportar o débil lombo da llama, e assim se comprovava que os índios eram de fato bestas de carga.

O vice-rei do México achava que não havia melhor remédio que os trabalhos nas minas para curar a "maldade natural" dos indígenas. Juan Ginés de Sepulveda, o humanista, sustentava que os índios mereciam o trato que recebiam porque seus pecados e idolatrias consistiam uma ofensa a Deus. O conde de Buffon afirmava que não se registrava nos índios, animais frios e débeis, "nenhuma atividade da alma". Bacon, De Maistre, Montesquieu, Hume e Bo-

Arco &

O artesanato indígena pode ser encontrado em sete lojas organizadas pela FUNAI, em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Cuiabá e Manaus. Essas lojas estão localizadas em pontos estratégicos, de preferência onde o movimento de turistas é grande: estações rodoviárias e aeroportos.

Em **São Paulo**: Lojas Artíndia — Rua Augusta n.º 1371, Loja 5, Galeria Ouro Velho; no **Rio de Janeiro**, em dois lugares: Museu do Índio, na rua Mata Machado (ao lado do Maracanã) e numa loja no saguão do aeroporto Internacional do Galeão.

Os preços são bem razoáveis (foram até rebaixados recentemente). Você pode comprar, por exemplo: cocares **kaiapó**, 170 cruzeiros; diademas dos **borôro**, 15; arcos, de 10 a 80; flechas, 15; saias, a 55; tangas de penas e redes a 60; esteiras, de 17 a 35; mais cestos, lanças, potes e bonecos de cerâmica de todas as tribos.

A balconista da Artíndia garante que os melhores trabalhos estão em Brasília, onde os diplomatas "só querem do bom e do melhor para sua coleção".

Eis o que as principais Livrarias têm à disposição dos interessados no assunto "índios", segundo nossas pesquisas:

Dois de Darcy Ribeiro: Uirá sai à procura de Deus **(Ed. Paz e Terra, 175 pgs., por 25 cruzeiros)** e Os índios e a Civilização **Ed. Civ. Brasileira, 450 pgs., 45). 3 livros de Roberto Cardoso de Oliveira**: A Sociologia do Brasil indígena **(149 pgs., 23)**, O índio e o Mundo dos brancos **(139 pgs., 25)** e Urbanização e Tribalismo **(237 pgs., 6). De Claude Lévi Strauss**: Tristes Trópicos **(520 pgs., 50)** e Antropologia Estrutural **(456 pgs., 36). De Silvio Coelho dos Santos**, Índios e Brancos no Sul do Brasil **(300 pgs., 30). De Pedro Agostinho**, KWARUP, Mito e Ritual no Alto Xingu **(250 pgs., 50). Egon Schaden** Aculturação Indígena **(333 pgs., 25)**. Índios do Brasil, **de Júlio César Melatti (35).**

Em tradução espanhola, muitos e bons. Alguns: Religion y Magias Indígenas, **de Alfred Métraux (266 pgs., $80,00)**; Los Argonautas del Pacífico **(Bronislaw Malinowski, 505 pgs., $95.00).**

Ilustração: RICARDO PAPPA

din se negavam a reconhecer como semelhantes os homens degradados do Novo Mundo. Hegel falou da impotência física e espiritual da America e disse que os indígenas haviam perecido ao sopro da Europa.

No século XVII, o padre Gregório Garcia sustentava que os índios eram de descendência judaica, "porque, como os judeus, são preguiçosos, não crêem nos milagres de Jesus Cristo e não estão agradecidos aos espanhóis por todo o bem que lhes têm feito". Pelo menos este sacerdote não negava que os índios descendessem de Adão e Eva: eram numerosos os teólogos e pensadores que não ficaram convencidos com a bula do Papa Paulo III, publicada em 1537, que declarou os índios como "verdadeiros homens".

O padre Bartolomé de Las Casas agitava a corte espanhola com suas inflamadas denúncias contra a crueldade dos conquistadores da América: em 1557, um membro do conselho real respondeu-lhe que os índios estavam muito baixos na escala da humanidade para serem capazes de receber a fé. Las Casas dedicou sua fervorosa vida à defesa dos índios contra os desmandos dos mineiros e dos **encomenderos**. Dizia que os índios preferiam ir para o inferno, para não encontrar os cristãos.

"Encomendavam" indígenas para catequizar, aos conquistadores e colonizadores. Mas como os índios deviam ao **encomendero** serviços pessoais a títulos econômicos, não sobrava muito tempo para introduzi-los no caminho cristão da salvação. Em recompensa por serviços prestados, Hernan Cortez havia recebido 23 mil vassalos; repartiam os índios entre si, ao mesmo tempo que outorgavam a si mesmos as terras, mediante favores reais ou por despojo direto.

Desde 1536 os índios eram outorgados em **encomienda** junto com sua descendência, pelo espaço de duas vidas: a do **encomendero** e seu herdeiro imediato; a partir de 1629 o regime se estendeu a três vidas; e desde 1704, a quatro vidas. No século XVIII os índios, os sobreviventes, já asseguravam a vida cômoda de muitas gerações. Como os deuses vencidos persistiam em suas memórias, não faltavam justificações santas para o usufruto de sua mão-de-obra por parte dos vencedores: os índios eram pagãos, não mereciam outra vida.

A ASSOMBROSA TÉCNICA INCA

Quando os espanhóis irromperam na América, estava em seu apogeu o império teocrático dos incas, que se irradiava sobre o que hoje chamamos Peru, Bolívia e Equador, abarcava parte da Colômbia e Chile e chegava até o norte argentino e à selva brasileira; a confederação dos astecas havia conquistado alto nível de eficácia no vale do México, e em Yucatán e na América Central a civilização esplêndida dos maias persistia nos povos herdeiros, organizados para o trabalho e a guerra.

Estas sociedades deixaram numerosos testemunhos de sua grandeza, apesar do largo tempo de devastação; monumentos religiosos levantados com maior sabedoria que as pirâmides egípcias, eficazes criações técnicas para domar a natureza, objetos de arte que indicavam grande talento. No museu de Lima podem ser vistos centenas de crânios que foram objeto de trepanações e tratamento com placas de ouro e prata, operações dos cirurgiões incas.

Os maias foram grandes astrônomos, calcularam o tempo com precisão assombrosa, e também o espaço, descobriram o valor da cifra zero (antes que qualquer povo na história). Os açudes e as ilhas artificiais criadas pelos astecas deslumbraram Hernán Cortez, embora não fossem de ouro.

A conquista rompeu as bases daquelas civilizações. Pior consequência que o sangue e o fogo da guerra foi a implantação da economia mineira. As minas exigiam grandes deslocamentos de população e desarticulavam as unidades agrícolas comunitárias; não só extinguiam inumeráveis vidas, através do trabalho forçado, como também, indiretamente destruíam o sistema coletivo de cultivos. Os índios eram conduzidos às escavações, submetidos à servidão dos **encomenderos** e obrigados a entregar por nada as terras que deixavam.

Na costa do Pacífico, os espanhóis destruíram ou deixaram morrer enormes cultivos; o deserto devorou rapidamente grandes extensões de terras que receberam vida da rede incaica de irrigação. Quatro séculos e meio depois da conquista só resta a mata no lugar da maioria dos caminhos que uniam o império. Ainda que as gigantescas obras públicas dos incas tenham sido, em sua maior parte, destruídas pelo tempo ou pelas mãos dos usurpadores, restam ainda, desenhados na cordilheira dos Andes, os intermináveis terraços que permitiam e ainda permitem cultivar as ladeiras das montanhas. Um técnico norte-americano calculou, em 1936, que os terraços incas custariam 30 mil dólares por acre se fossem construídos neste ano.

Tanto os terraços como os aquedutos de irrigação foram possíveis, naquele império que não conhecia a roda, o cavalo, nem o ferro, graças à prodigiosa organização e à perfeição técnica obtida através de uma sábia divisão do trabalho, mas também graças à força religiosa.

Também foram assombrosas as respostas astecas ao desafio da natureza. Em nossos dias, os turistas conhecem por "jardins flutuantes' as poucas ilhas sobreviventes no lago dessecado onde agora se levanta, sobre as ruínas indígenas, a capital do México.

Estas ilhas foram criadas pelos astecas em resposta ao problema da falta de terras no lugar escolhido para a criação de Tenochtitlán. Os índios transportaram grandes massas de barro da margem e prenderam as novas ilhas de limo entre delgadas paredes de cana, até que as raízes das árvores lhes deram firmeza. Entre os novos espaços de terra deslizaram os canais de água. Sobre estas ilhas inusitadamente férteis cresceu a poderosa capital dos astecas, com suas amplas avenidas, seus palácios de austera beleza e suas pirâmides escalonadas: brotada mágicamente da lagoa, ela estava condenada a desaparecer ante os embates da conquista estrangeira. O México demorou quatro séculos para alcançar uma população tão numerosa como a que existia naqueles tempos.

Os indígenas eram, como diz Darcy Ribeiro, o combustível do sistema produtivo colonial.

"É quase seguro — escreve Sérgio Bagu — que nas minas espanholas foram lançados centenas de índios escultores, arquitetos, engenheiros e astrônomos, confundidos entre a multidão escrava, para realizar um ordinário e esgotante trabalho de extração. Para a economia colonial, a habilidade técnica desses indivíduos não interessava. Eles só eram contados como trabalhadores não qualificados."

"Mas não se perderam todos os resquícios daquelas culturas. A esperança de dignidade perdida iluminaria numerosas sublevações indígenas. Em 1781, Tupac Amaru cercou Cuzco.

TODOS ESQUARTEJADOS

Este cacique mestiço, descendente direto dos imperadores incas, encabeçou o movimento messiânico e revolucionário da maior importância. A grande rebelião irrompeu na província de Tinta. Montado no seu cavalo branco, Tupac Amaru entrou na praça de Tungasuca e ao som de tambores anunciou que havia condenado à forca o corregedor real Antonio Juan Arriaga.

A Província de Tinta estava ficando despovoada por causa do serviço obrigatório nas escavações de prata de cerro Rico. Poucos dias depois, Tupac Amaru decretava a liberdade dos escravos. Aboliu todos os impostos e a partilha de mão-de-obra indígena em todas as suas formas. Os indígenas se somavam, milhares e milhares, às forças do "pai de todos os pobres e de todos os miseráveis e desamparados". À frente de seus guerrilheiros, o caudilho se lançou sobre Cuzco.

Marchava pregando e discursando: todos os que morressem sob suas ordens nessa guerra ressuscitariam para desfrutar as felicidades e as riquezas de que foram despojados pelos invasores. Sucederam-se vitórias e derrotas; por fim, Tupac Amaru foi traído e capturado por um dos seus chefes. O juiz Areche entrou em seu calabouço para exigir, em troca de promessas, os nomes dos cúmplices da rebelião. Tupac Amaru lhe respondeu com desprezo:

"Aqui não há nenhum cúmplice a não ser você e eu; você como opressor, eu como libertador, merecemos a morte."

Tupac foi submetido a suplício, junto com sua mulher, seus filhos e seus principais partidários, na praça de Wacaypata, em Cuzco. Cortaram-lhe a língua. Ataram seus braços e pernas a quatro cavalos, para esquartejá-lo, mas o corpo não se partiu.

Decapitaram-no ao pé da forca. Enviaram a cabeça a Tinta. Um de seus braços foi para Tungasuca, e o outro para Carabaya. Mandaram uma perna para Santa Rosa e outra para Livitaca. Queimaram-lhe o dorso e jogaram as cinzas no rio Watanay.

Recomendou-se que fosse extinta toda a sua descendência, até o quarto grau.

(extraído do livro "Veias abertas da América Latina")

Flecha

Dario Nin-Su Sales é o único eleitor dos 1.237 índios caingangue que vivem no Posto Indígena Cacique Nonoai, no Rio Grande do Sul. Em troca de seu voto, na última eleição, exige que os eleitos expulsem os nove mil brancos que invadiram as terras do posto. Ele já tem opinião formada sobre os políticos: "Antes das eleições, falam muito; depois das eleições, não fazem nada".

Séculos antes de Sigmund Freud, os índios iroqueses dividiam a mente humana em dois "reinos": um iluminado e outro escuro (consciente e inconsciente ?). Quem afirma isso é o psicanalista norte-americano E. Fuller Torray, em The Mind Game. Segundo ele, os bruxos dessa tribo também sabiam que os sonhos eram representações simbólicas de desejos reprimidos e que, com a livre associação, podia revelar-se seu significado. E praticavam a "terapia de grupo" em certos bailes rituais, quando os iroqueses expressavam suas fobias, medos e desejos.

DOMINGO DE FESTA

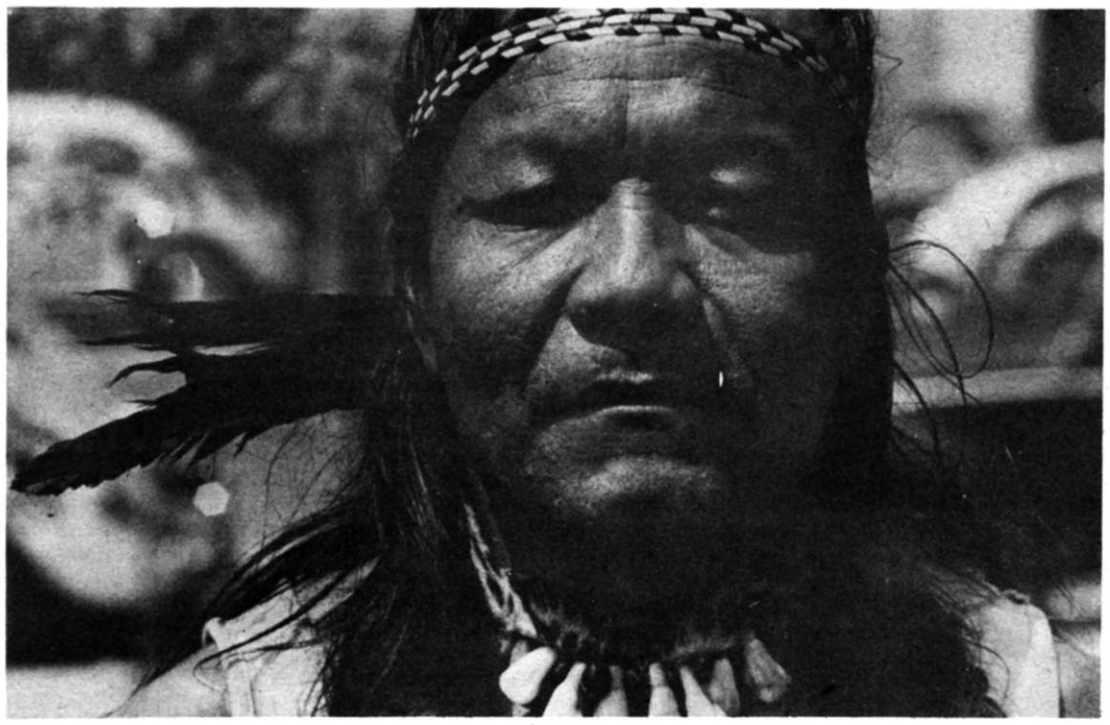


FOTO GABRIEL BONDUKI

CONTO DE

JOSÉ J. VEIGA

Aritakê tinha uns quinze anos quando foi ao Posto pela privez. O pai ainda hesitava em mandá-lo, os rapazes que iam ao Posto voltavam entusiasmados e sem cabeça para qualquer trabalho na aldeia, muitos fugiam e sumiam de vez, ou apareciam anos depois, tristes e calados; mas desta vez o velho Ipinauí não teve outro remédio, precisava de sal, machado, rapaduras, e ele mesmo não estava podendo andar por causa daquela dor nas cadeiras, sinal de que a terra já começava a puxá-lo para ela.

Quando Aritakê chegou ao Posto estava lá um homem branco não exatamente branco mas vermelho, como se tivesse passado tinta de tucum na cara, no pescoço, nas mãos. O homem manejava uma caixa preta, aberta no meio, punha uma chapa redonda numa banda da caixa, mexia lá numas coisas e a caixa começava a soltar música. O brinquedo era tão bom que não só os índios mas os brancos também se juntaram para ver e escutar, os índios um pouco mais atrás, por desconfiança.

Aritakê ficou no Posto até que o homem branco fechou a caixa e pegou na alça para levar. Aí Aritakê se lembrou das encomendas do pai, mas o empregado do armazém disse que não podia mais atender ninguém, estava na hora de fechar, agora só amanhã. Aritakê rodou pela vila, um espalhado de casas na beira do rio, encantou-se com o viver dos brancos que aparentemente se resumia em beber cachaça, tocar viola ou sanfona e dar tiros a esmo ou em galinhas que ciscavam nos barrancos; aprendeu mais algumas palavras da língua dos brancos, deviam ser palavras engraçadas, todos riam de se quebrar quando ele as repetia; aceitou cachaça de uns e outros, embriagou-se, caiu largado num capinzal, onde foi encontrado por outro índio mais experiente que o levou para o rancho do posto. No dia seguinte ele voltou para a aldeia com o machado, o sal e meia rapadura, a outra meia ele comeu aos poucos pelo caminho. Ipinauí achou que ele tinha se saído muito bem para uma primeira missão e não o repreendeu nem pela demora nem pela falta de meia rapadura. Aritakê voltou outras vezes ao Posto e acabou fazendo amizade com o homem da caixa de música, que frequentemente aparecia lá comprando e vendendo.

Um dia esse branco, Seu Santonis, perguntou a Aritakê se ele não o queria ir para a cidade frequentar a escola, aprender ofício e viver como branco. Aritakê queria, muito, ia agora mesmo, sabia que Seu Santonis já estava de viagem armada para o dia seguinte. Seu Santonis explicou que não podia ser assim de repente, primeiro era preciso falar com o pai de Aritakê. Aritakê ficou desapontado mas se conformou.

Ipinauí ouviu o pedido do filho sem dizer nada, parece que já estava esperando uma coisa assim; desde que instalaram o Posto ali perto, os índios estavam perdendo o gosto pela vida na aldeia; muito triste, muito ruim; mas como é que se ia evitar? Ipinauí levantou-se ainda calado, preparou fumo, encheu o cachimbo e não deu resposta, não falou com Aritakê o resto do dia. No dia seguinte cedo ele chamou o filho e disse que fosse. Queria ir, fosse. Ipinauí ia ficar triste, mas não fazia mal. Queria ir, fosse. Aritakê foi.

Seu Santonis ficou feliz de ter um índio em casa, chamava Aritakê para mostrar aos amigos, queria que eles vissem que índio não é nada do que o povo pensa — gente porca, estouvada, sem preceitos; era gente sadia e limpa, capaz de aprender tudo que os brancos aprendem.

Seu Santonis mandou fazer roupas para Aritakê iguais às dos rapazes da cidade, e contratou um mestre particular para ele. A mulher de Seu Santonis fechava a cara e dizia que ele estava perdendo tempo e facilitando muito, índio não pode ser tratado como filho de família.

— Veja você — dizia ela às amigas — depois de tantos anos de casada arranjei um filho que não sabe comer com garfo nem dormir em cama. E nem sei se ele é batizado.

Quando ouviu isso de batismo pela primeira vez Seu Santonis explicou que Aritakê tinha sido batizado pelo bispo no Posto e recebera o nome de Ari para aproveitar o nome antigo. Isso deixou a mulher engasgada porque para ela batismo de bispo devia ser mais forte do que batismo de padre.

Mas Seu Santonis viajava muito, e a mulher aproveitava as ausências dele para cortar as asas do índio, como ela dizia. Numa dessas viagens Seu Santonis ficou, comido pelas piranhas no afundamento de uma canoa carregada de peles. Quando a mulher de Seu Santonis deu a notícia a Aritakê ele não chorou, o que para ela provava que índio é mesmo gente sem sentimento.

Com a morte de Seu Santinis a vida de Aritakê mudou muito. Para começar, a viúva achou que era muito desaforo pagar uma pessoa para carregar água do chafariz, quando tinha ali um índio sacudido, que podia fazer o serviço em paga da casa e da comida. E por que não emprestá-lo também a outras famílias? Índio parado em casa fica reinando maldade.

Quando o par de botinas dada Seu Santonis se gastou, Aritakê teve de andar descalço, e quando as roupas foram se acabando a viúva lhe dava roupas velhas do marido, elas ficavam engraçadas em Aritakê porque o morto era mais alto e muito mais gordo; e quando essas também se estragaram, Aritakê só vestia molambos, que a viúva só remendava quando o rasgão era em lugar inconveniente. Um dia, vendo-o entrar na cozinha para encher uma vasilha d'água com a roupa muito rasgada, ela achou que não ficava bem ter um índio seminu trançando pela casa, e mandou fazer um cubículo de tábuas de caixotes para ele morar e dormir no quintal. A única parte da casa onde ele entrava agora era na cozinha, assim mesmo só para despejar água.

De noite, sentado num caixote na porta do cubículo, Aritakê enchia o cachimbo com o fumo que as famílias lhe davam em gratificação pelo carreto de água e ficava como dormindo, daquele jeito que os índios gostam de ficar. Que ele não estava dormindo via-se pela atenção que dava ao cachimbo para conservá-lo aceso. Quando o cachimbo afinal chiava e parava de dar fumaça, Aritakê batia-o no caixote para despejar a cinza e recolhia-se ao cubículo. É possível que no colchão de capim, furado e cheio de percevejos, com o pescoço duro do peso das latas e potes, Aritakê sonhasse com a aldeia; não havia meio de saber porque ele não tinha com quem conversar, as crianças fugiam dele, ouviam dizer que índio come gente, e os homens não tinham tempo a perder com um um índio maltrapilho e morrinhento.

Quantos anos ele passou nessa vida seria difícil dizer. As pessoas que o viram chegar foram morrendo ou se mudando, os meninos cresceram e sumiram, a viúva Santonis morreu, outra família foi morar na casa, Aritakê continuou lá porque era necessário. Até o dia que ele fez aquela bobagem com o paletó de pijama.

Era um paletó de listras vivas, estendido com outras roupas numa corda. Aritakê passou, viu o paletó, achou bonito. Olhou a camisa do corpo, rasgada, sem cor: decidiu-se. Ninguém viu Aritakê apanhar o paletó, mas muitos o viram andar pelas ruas com ele, parando de vez em quando para levantar uma aba até a altura dos olhos (não podia baixar a cabeça por causa da vasilha de água).

O dono do paletó, homem correto e respeitador das leis, fez o que achou que devia fazer: levou o caso ao delegado, mas fez questão de explicar que não era pelo valor da peça, era pelo princípio; o paletó ele nem queria mais, não ia vestir roupa que andou em corpo de índio.

Achando que o assunto era de importância secundária o delegado entregou-o ao cabo do destacamento e partiu num caminhão cheio de cachorros para uma caçada que ia durar dias. O cabo gostou, havia muito tempo que não funcionava como autoridade.

Aritakê enchia um pote do chafariz quando o cabo chegou com dois soldados armados de sabre, chegou e deu ordem para agarrar e algemar. Aritakê deve ter pensado que eles o estavam presenteando com alguma coisa, ficou olhando as duas pulseiras niqueladas e sorrindo. Mas quando os soldados o puseram para diante a empurrões, aí ele não entendeu e apontou o pote com as duas mãos. O cabo, homem experiente, não ia se atrapalhar, resolveu o problema quabrando o pote com uma botinada, a água se espalhando entre os cacos pela laje do chafariz.

De empurrão em empurrão, o cabo atrás com os polegares no cinto explicando aos curiosos o motivo da prisão, Aritakê foi jogado no calabouço, lugar reservado a presos perigosos. A porta foi fechada com a chave enorme, Aritakê ficou no escuro.

Afora os empurrões, que ele não entendeu, parece que Aritakê não se importou com a prisão. Sentado no parapeito da janela, atrás dos barrotes de quase um palmo de largura reforçados com chapas de ferro, ele passava o tempo entretido em olhar as listras do paletó, prova do pouco caso que fazia da justiça.

Lá um dia o queixoso procurou o delegado para saber em que pé andava o processo, o delegado disse que não andava em pé nenhum, processo de índio é complicado, segue legislação especial, ele não ia mexer em casa de marimbondo por um assunto tão trivial: bastava o criminoso gramar uns tempos na cadeia para deixar o vício; depois, as famílias todas estavam pedindo a liberdade de Aritakê, precisavam muito dele para a baldeação de água.

Os dias passavam iguais e sem sentido mesmo para um índio, a comida chegando com atraso porque os meninos escalados para levá-la não tinham pressa, o soldado que a recebia também não ia interromper a história que estivesse contando ou ouvindo, e Aritakê curtindo fome calado. De tempos em tempos um soldado chegava com uma lata d'água e despejava no pote por cima do lado antigo. Aos domingos os soldados levavam os presos para despejarem o barril dos detritos e tomarem banho se quisessem. O povo ficava olhando de longe, quem estivesse na janela se retirava por causa do mau cheiro, ninguém aproveitava a ocasião para dar aos presos um pedaço de fumo, uma peça de roupa, dinheiro; achavam que preso tem de tudo na cadeia.

Uma tarde de festa — procissão, foguetes, banda de música — os soldados se descuidaram na vigilância. Aritakê notou a porta do calabouço mal fechada, subiu os degraus de pedra como quem não quer nada, empurrou a porta e foi saindo. Os soldados estavam discutindo sobre armas de fogo em uma sala, do corredor se ouvia a conversa.

Aritakê não levou nada, não tinha o que levar, nem sabia para onde ia. Desceu o largo, parou um pouco na porta da igreja, não se interessou pela barulheira, continuou andando, passou a ponte e foi acompanhando o rio. Já na estrada, passada a máquina de arroz e a cerca do matadouro, ouviu tropel e gritos atrás.

— Pega o preso! Vai fugindo!

Aritakê olhou para trás, viu os soldados, entendeu que era com ele. O jeito agora era correr.

— Pega! É preso fugido! Pega!

Sentado na porta de sua casinhola com uma criança nos braços um homem ouviu o apelo. Depressa ele entregou a criança a alguém lá dentro e tentou cercar o fugitivo. Aritakê quebrou cangalha fácil e passou.

— Pega ! Não deixa fugir!

Tranquilamente o homem levou a mão à cintura, puxou uma arma, atirou. No baque do tiro Aritakê perdeu o passo, focinhou de lado e caiu de ombro na beira da estrada, uma perna adiante da outra na posição de correr.

Os soldados já vinham chegando, elogiaram a pontaria.

— Vai atirar bem assim na praia — disse um.

O homem e os soldados foram ver o efeito da bala, o homem ainda com a arma na mão — a queda podia ser truque de índio treteiro.

Um soldado virou o cadáver com o pé. A bala tinha entrado nas costas e saído no peito.

— Conheceu, tapuio safado! — disse o soldado.

O outro estava interessado era na arma.

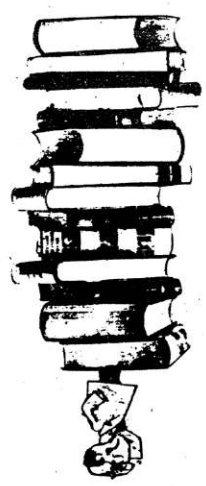
— É ximite, não é? Dá licença? — examinou e completou, entendido: — Logo vi. Bicho que não faz vergonha. Quer negociar?

LETRAS LATINAS AO PORTADOR

O melhor perigo por que passa atualmente a literatura hispano-americana no Brasil é o da formação de um mercado, ou melhor, o da apropriação mais ou menos definitiva de uma parcela do mercado editorial.

É o melhor: um mercado supõe continuidade. E o que nos chega sob o rótulo de "literatura hispano-americana", é, via de regra, do bom e do melhor. Se de um lado o recente delírio desenvolvimentista arrastou os olhos agressivos de nossa empastelada classe média para os Estados Unidos e a Europa, enchendo os super-mercados de uísques escoceses, **foie gras** e outras dondoquices de "país em vias de desenvolvimento", de outro lado o também recente "estouro" da literatura hispano-americana no mercado brasileiro dava sua contribuição (entre muitos outros fatores, é claro) para fortalecer, em nosso consenso cultural, as vinculações com o "terceiro mundo" e a consciência de que fazemos parte inalienável de um continente "subdesenvolvido". Que, no fundo, somos um país "subdesenvolvido"

O público leitor voltou-se para os latinos **de más allá** também em busca de uma literatura que mostrasse um melhor comprometimento intelectual com a realidade. Bons escritores não faltam no Brasil. O diabo é que muitos desses bons escritores acabam entrando para a Academia Brasileira de Letras: se satisfazem em ser o florilégio da sociedade. Do outro lado nos chegam notícias de escritores combativos, voltados para a História e não para as Academias, que fazem pronunciamentos lembrando a todos a necessidade de libertar o continente. Trata-se, como se vê, de uma questão menos **literária** do que de anseio por uma



vida intelectual atualizada e atuante. O que, certamente, não invalida coisa alguma: só acrescenta à literatura um tanto de dignidade.

Por que, então, **perigo?** Ora, trata-se de um **mercado,** e o mercado possui certamente razões que o nosso melhor coração desconhece. O destino do mercado é iludir o consumidor, propiciar-lhe a sensação de **liberdade** quando, na verdade, o sujeita por dependência. Para tanto esta entidade — **o mercado** — recorre a certas artimanhas tão perigosas quanto detectáveis. Por exemplo, em termos de cultura: a simplificação das questões, ou sua transposição para um plano genérico, vago, inócuo. Recordo-me que a primeira grande pedra-de-toque dessa atualização do mercado em relação ao continente foi **Cem anos de solidão,** de Garcia Márquez. Criou-se, imediatamente, uma polaridade tão ingênua quanto ilusória: na literatura hispano-americano haveria "dois modos" de criar. De um lado, o **realismo mágico** de Márquez. Do outro, as **experiências** de Júlio Cortazar, que então também arribava em grande escala por estas bandas. Tratavam-se os escritores e seu modo pessoal de criar como se fossem partidos a tomar. O mercado, ofertando ambos "livremente", exibia com disfarçada malícia seu caráter "democrático", ao mesmo tempo que propunha o leitor como juiz dessa "importante", "decisiva" questão: vendia-lhe, pois, a ilusão de liberdade. E contribuía para atrapalhar o juízo crítico desse mesmo leitor, diminuindo-lhe os parâmetros de julgamento, dando-lhe o produto e, de mão beijada, o modo "correto" de consumi-lo: a estéril "polêmica". Curiosa maneira de neutralizar (ou de assim tentar) seus inimigos literatos e literários. E não se trata aqui de acusar o livreiro tal, o editor, ou o escritor A por tais contradições. Existe apenas uma série de "culpados" eu, tu, ele, nós, vós, eles. Ah, sim: e Você.

Mas é, sem dúvida, **o melhor perigo:** sempre é estimulante o encontro direto com o inimigo. Neste caso particular, da literatura hispano-americana no mercado brasileiro, o saldo é altamente positivo. Pouco a pouco livros generosos, combativos e de execlente qualidade tomam seus postos nas estantes, nos ônibus, nas faculdades, nas escolas, e dali espalham seus diferentes modos de criar. E há tantos outros perigos piores: o esquecimento, as proibições, a autocensura, o fogo, as inquisições — apenas para citar alguns.

Flávio Aguiar

POR QUE ESTAMOS AÍ

Estas coisas são muito complicadas, a gente sempre corre o risco de esquematizar. Mas ocorreram muitas coisas, e nós precisamos deixar de lado qualquer maniqueísmo. É evidente que se cruzam muitas coisas. Por exemplo, uma das que se cruzam são os escritores que estão na América Latina e os escritores que se vão para a Europa, e sua obsessão em escrever sobre temas latino-americanos, ou sobre o que eles imaginam que seja a América Latina. Também acontece de muita gente escrever com os olhos postos na Europa. Bem, eu acho que é difícil fazer as coisas de longe. É preciso substituir o testemunho pela imaginação. Mas é claro que toda a dinâmica da vida destes países atinge de certa maneira mesmo aqueles que, aparentemente, estão mais alheios. Afetam porque, é uma coisa que está no ar que respiras todos os dias, dos ruídos que ouves todos os dias. Ou todas as madrugadas... sobretudo ultimamente. E isto, o cara que está longe tem de substituir pelo que escrevem as agências noticiosas internacionais, os jornais estrangeiros. Tens que substituir pelas cartas da família, muitas vezes inteiramente subjetivas. E, também, com a imaginação. E há uma coisa que não se pode substituir nem pela imaginação: a vivência direta. Uma vivência direta pode ser incomensuradamente enriquecida pela imaginação, mas sem esta vivência, a imaginação golpeia no vazio. Pode existir de tudo na literatura que se faz na Europa sobre a América Latina. Mas acho que falta mais "carne" — isto é, uma coisa quase inevitável.

De outro lado, estão os escritores que vivem na América Latina. Algumas vezes assinalei uma manobra para mitificar o êxito do escritor latino-americano no estrangeiro. Penso que esta é uma das manobras mais hábeis da penetração imperialista na cultura latino-americana. É aquela coisa de pensar que nesses países todos vivemos frustrados, que o escritor não tem compensação, que não consegue ir adiante, que é obrigado a competir com outros ofícios, em sua própria vida, etc., e que, em troca, o escritor que fez nome no estrangeiro, bom, é um cara que evita todos estes inconvenientes, que tem tranquilidade para escrever, etc. E, se em parte isto é certo, em parte também há uma mitificação deste êxito. Porque eu te digo — e estive vivendo em Paris um ano, na época em que apareceram as novelas mais destacadas da literatura latino-americana escrita na Europa, e, bom, elas apareciam em agosto, por exemplo, quando os críticos estão de férias, quando as páginas literárias não se ocupam de literatura, quando os leitores também não estão na cidade. Então aparecem as novelas latino-americanas. E quero dizer que as melhores também aparecem assim e nesta época. Uma novela como Rayuela ("O Jogo da Amarelinha") é comentada no suplemento literário do **Times** de Londres, em uma nota que trata de 10 novelas. Para **Rayuela,** o **Times** dedicou 8 centímetros — e trata-se de uma novela importante, na qual o autor trabalhou muitos anos, e que merecia outro tratamento.

Além disto há o problema das traduções. As traduções de Vargas Llosa feitas na Alemanha, por exemplo, são um desastre. Ou seja: este **boom** da novela latino-americana na Europa só existe na América Latina. É um reflexo não só condicionado mas intencional, que deforma uma realidade, que tenta fazê-la mais importante do que é. O que procura isto? Que os escritores jovens pensem que precisam sair da América Latina para escrever, e até para ver o continente na sua totalidade. Penso que estar em nossos países pode ter desvantagens, é claro. Isto depende do que nos interessa, porque, assim como há prioridades na vida, também para o escritor, a política pode ser mais importante, em certo momento. Mas eu não sou esquemático nisto. Escrever sobre temas políticos é como escrever poemas de amor. A política, afinal, é apenas uma das formas do amor.

Mario Benedetti

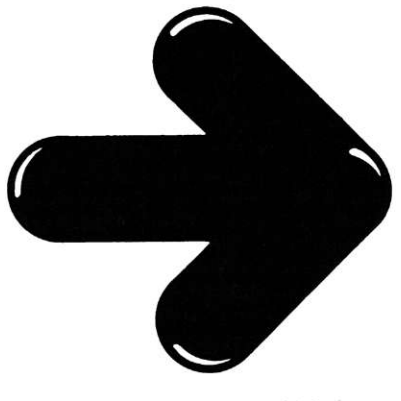
Jorge Luis Borges

Pablo Neruda

Ernesto Sábato

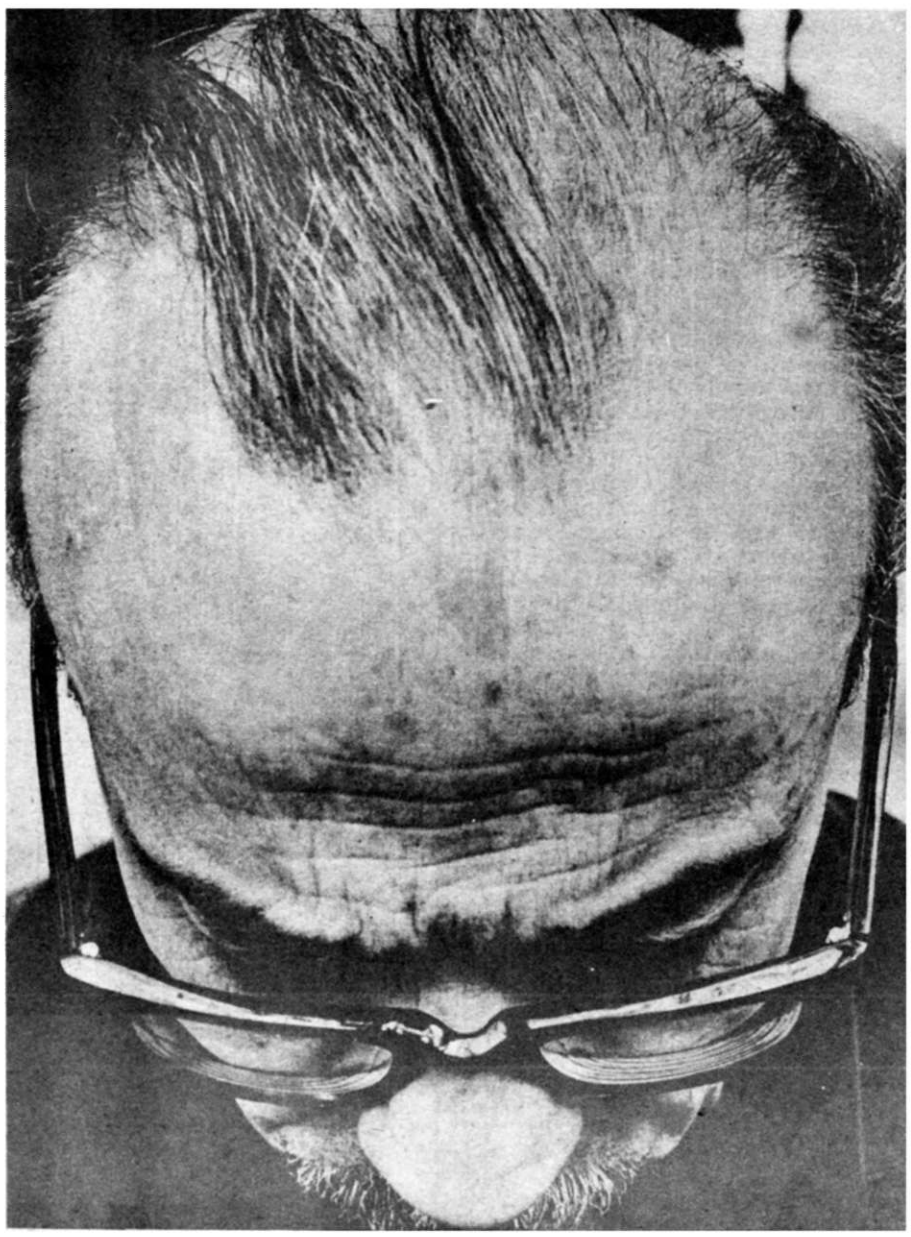
Adolfo Bioy Casares

Gabriel Garcia Marquez



YO Y MI CARA

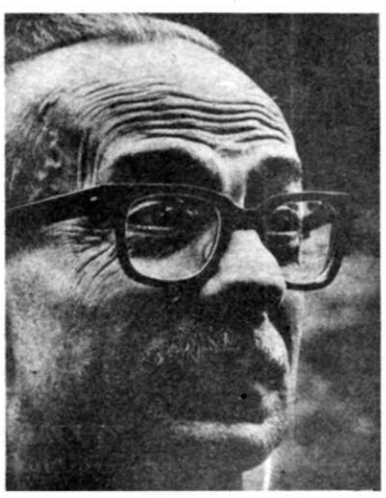
ELES POSARAM PARA DUAS FOTÓGRAFAS ARGENTINAS — SARA FACIO E ALICIA D'AMICO. E DEPOIS, A PEDIDO DELAS, FALARAM DA CARA E DO JEITO QUE TÊM. FOTOS E TEXTOS FORAM PUBLICADOS NUM LIVRO — RETRATOS E AUTO-RETRATOS.

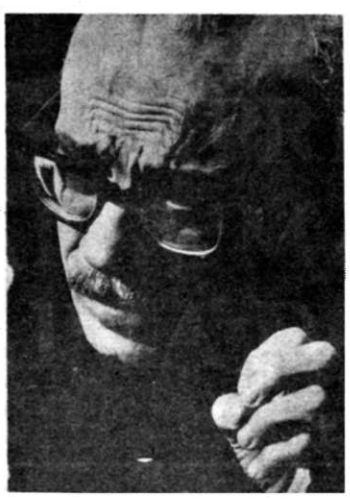


Acho que foi Leonardo quem afirmou que aos cinquenta anos a gente tem a cara que merece. Sobre ela foram — lenta mas inexoravelmente — deixando suas pegadas os sentimentos e as paixões, os afetos e os rancores, a fé, a ilusão, os desencantos, as mortes que vivemos ou pressentimos, os outonos que nos entristeceram ou desanimaram, os amores que nos enfeitiçaram, os fantasmas que nos visitaram (de mortos nos sonhos, de personagens que nos arrastam, e também os mascarados de nossas próprias ficções, que ao mesmo tempo nos expressam e nos traem). Esses olhos que revelam com suas lágrimas as tristezas, essas pálpebras que se fecham de sono o pudor ou de astúcia, esses lábios que se apertam por obstinação ou impiedade, esses cenhos que se contraem por inquietação ou estranheza ou se levantam por interrogação ou dúvida, essas veias que incham por raiva ou sensualidade, vão delineando ruga após ruga o desenho que finalmente a alma imprime sobre essa carne sutil e maleável de nosso rosto. Revelando-se assim, segundo essa fatalidade da alma, que só pode existir encarnada e se manifestando através dessa matéria que é sua prisão e, ao mesmo tempo, sua única possibilidade de existência.

Sim, eis aí: com cruel e delicada exatidão, nestes retratos está, como um condenado atrás das grades, meu próprio espírito: o rosto com que observo o Universo.

Ernesto Sábato





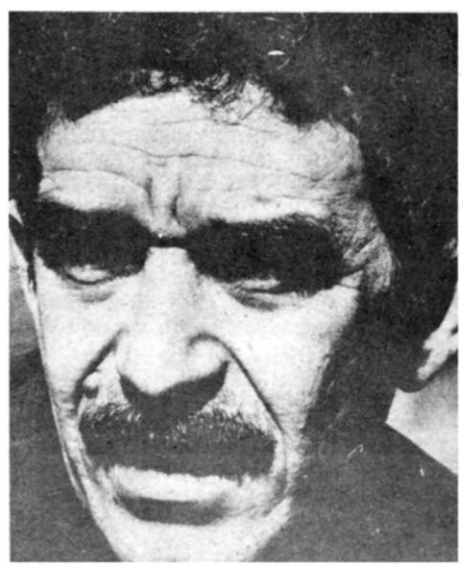
Eu, senhor, me chamo Gabriel Garcia Márquez. Lamento: também não gosto desse nome, porque é uma série de lugares comuns que nunca consegui identificar comigo. Nasci em Aracataca, Colômbia. Meu signo é Peixes e minha mulher é Mercedes. Essas são as duas coisas mais importantes que me ocorreram na vida, porque graças a elas, pelo menos até agora, consegui sobreviver escrevendo.

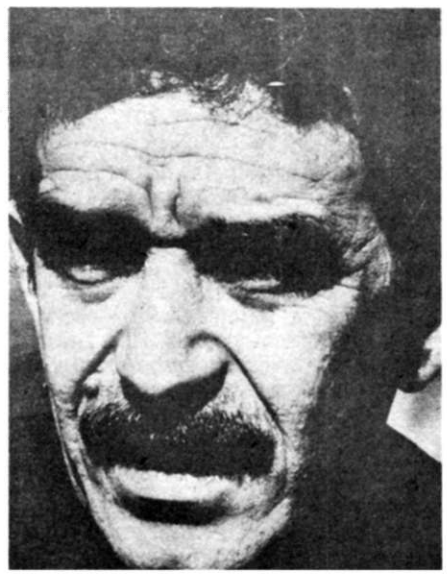
Sou escritor por timidez. Minha verdadeira vocação é a de prestidigitador, mas me confundo tanto tratando de fazer um truque, que tive que me refugiar na solidão da literatura. Ambas atividades, em todo caso, conduzem à única coisa que me interessou desde menino: que meus amigos me queiram mais.

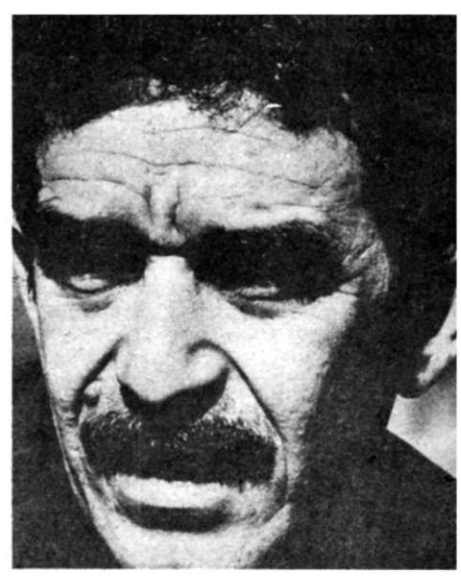
Ser escritor, no meu caso, é um método descomunal, porque sou muito bruto para escrever. Tive que me submeter a uma disciplina atroz para terminar meia página em oito horas de trabalho; luto a tropeções com cada palavra e quase sempre é ela quem sai ganhando, mas sou tão cabeçudo que consegui publicar cinco livros em vinte anos. O sexto, que estou escrevendo, vai mais devagar que os outros, porque, entre os credores e uma nevralgia, me sobram muito poucas horas livres.

Nunca falo de literatura, porque não sei o que é, e, além disso, estou convencido de que o mundo seria igual sem ela. Em compensação, estou convencido de que seria completamente diferente se não existisse a polícia. Penso, portanto, que teria sido mais útil à humanidade se em vez de escritor eu fosse...

Gabriel Garcia Márquez







Como é que vou fazer para parecer mal e ficar bem? É como quando você se olha no espelho (ou no retrato) procurando o ângulo bonito (sem que ninguém observe) para constatar que continua sendo sempre você mesmo.

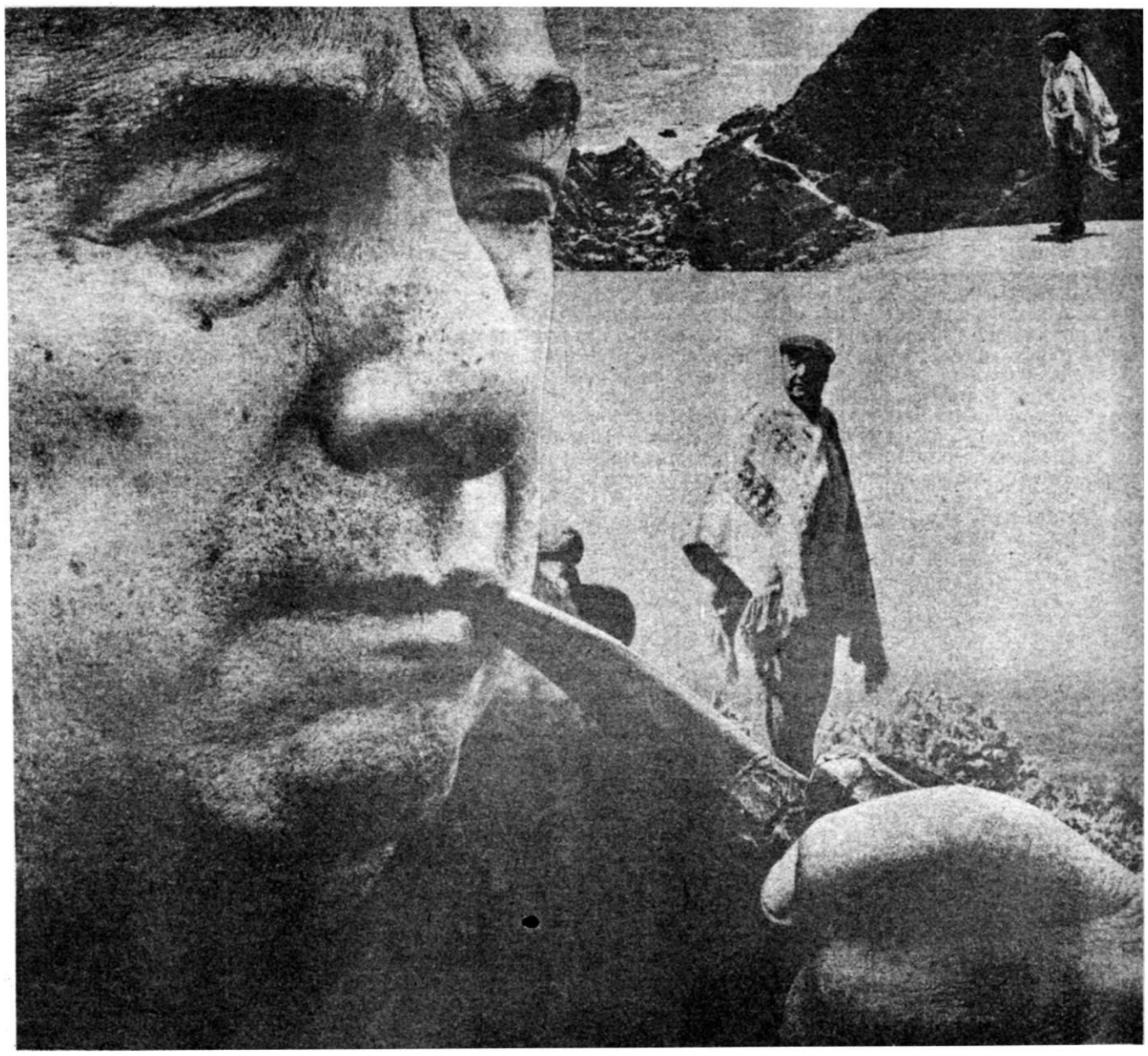
Alguns se colocam de soslaio, outros imprimirão a verdade do que quiseram ser, outros se perguntarão: como sou?

Mas a verdade é que todos vivemos nos anotando, nos espreitando, só mostrando o mais visível, escondendo a irregularidade da aprendizagem e do tempo.

Mas vamos ao que interessa.

Para mim sou ou acredito ser duro de nariz, mínimo de olhos, escasso de cabelos na cabeça, avantajado de abdomem, comprido de pernas, largo de pés, amarelo de pele, generoso de amores, impossível de cálculos, confuso de palavras, terno de mãos, lento de andar, inoxidável de coração, aficionado das estrelas, marés, maremotos, admirador de escaravelhos, caminhante de areias, ignorante de instituições, chileno perpétuo, amigo de meus amigos, mudo para inimigos, intrometido entre pássaros, mal educado em casa, tímido nos salões, audaz na solidão, arrependido sem objeto, horrendo administrador, bom de papo, discreto entre os animais, afortunado em aguaceiros, investigador nos mercados, obscuro nas bibliotecas, melancólico nas cordilheiras, incansável nos bosques, lentíssimo de resposta, espirituoso anos depois, vulgar durante todo o ano, resplandecente com meu caderno, monumental de apetite, tigre para dormir, sossegado na alegria, inspetor do céu noturno, trabalhador invisível, desordenado persistente, valente por necessidade, covarde sem pecado, sonolento de vocação, pródigo de mulheres, ativo de padecimento, poeta por maldição e **tonto de capirote.**

Pablo Neruda



Marcelino Menéndez y Pelayo — cujo estilo, apesar da quase impossibilidade de pensar e do abuso de hipérboles espanholas, foi certamente superior ao de Unamuno e Gasset, mas não ao que Groussac e Alfonso Reyes nos deixaram —costumava dizer que de todas as suas obras, a única com a qual estava razoavelmente satisfeito era a sua biblioteca: paralelamente sou menos um autor que um leitor, e agora um leitor de páginas que meus olhos não lêem mais. Minha memória é um arquivo heterogêneo e sem dúvida inexato de fragmentos em diversos idiomas, inclusive o latim, o inglês antigo e brevemente, espero, o nórdico antigo. Certa vez pensei que meu destino de mero leitor era pobre; agora, aos setenta anos, suspeito que ter lido, e relido, a balada de Maldon é talvez uma experiência mais vivida e valiosa que a de haver batalhado em Maldon. "Estão verdes as uvas", observaria Esopo, sorrindo.

O acaso (esse é o nome que nossa inevitável ignorância dá ao tecido infinito e incalculável de efeitos e de causas) foi muito generoso comigo. Diz que sou um grande escritor; agradeço essa curiosa opinião, mas não compartilho com ela. Qualquer dia desses, alguns lúcidos a refutarão facilmente e me chamarão de impostor e aproveitador, ou das duas coisas ao mesmo tempo. Quero deixar escrito que não cultivei minha fama, que será efemera, e que não a busquei nem alentei. Talvez uma ou outra peça — **El Golem, Página para lembrar o coronel Suárez, Poema de los dones, Una rosa y Milton, A intrusa, El Aleph,** — permaneça nas indulgentes antologias.

Não sou um pensador. Considero-me um homem bom e talvez um santo, o que é prova suficiente de que na realidade não o sou. Fora Juan Manuel Rosas, meu parente distante, e outros ditadores cujo nome não quero recordar, não consigo entender bem o que é o ódio. Percorri boa parte do mundo. Amo com amor pessoal muitas cidades: Montevidéu, Genebra, Palma de Majorca, Austin, São Francisco da Califórnia, Cambridge, Nova York, Londres, Edimburgo, Estocolmo... Quanto a Buenos Aires, quero-a muito, mas bem que pode se tratar de um velho hábito.

Jorge Luis Borges

Durante muitos anos acreditei que a cara era uma questão de acaso. Cheguei até a pensar que não havia razão para que a cara das pessoas inteligentes deixasse ver, de alguma forma, a inteligência (porque imaginei que ela trabalhava silenciosamente, na profundidade, sem alterar a superfície, como um redemoinho em águas mansas). Em troca, me dizia: as pessoas que necessitam de toda a sua atenção para entender as coisas mais evidentes, sem dúvida imprimem à sua cara, através de prolongado esforço mental, uma expressão aguda, ou pelo menos, alerta. Com esta reflexão, eu reconhecia que a matéria de que é feita a cara, é dócil ao espírito — vamos assim dizer — que a anima. Mas tem tanta coisa para se aprender neste mundo, que alguma coisa sempre nos escapa. Quero dizer que levei muito tempo para aprender o que ninguém ignora: que os loucos têm cara de loucos; os gênios, de gênios; os idiotas, de idiotas.

É verdade que um elemento de nossa cara é uma questão de acaso; o ponto de partida, a base, o fundamento, recebemos por via hereditária; também é certo que boa parte do resto de nossa pessoa acolhemos por herança, e que não invocamos a circunstância para fugir a responsabilidades.

Não lembro bem em que oportunidade, um fotógrafo me disse: "Você é capaz de não acreditar, mas há pessoas que não assumem a responsabilidade da própria cara." Rapidamente resolvi assumir a responsabilidade da que tenho, não sem perguntar-me sobre o que havia de certo em tão pomposa formulação. Relembrei: se influimos na evolução de nossa cara, de alguma maneira somos responsáveis. O mau é que a decrepitude também colabora nesta evolução. Mas talvez dependa de nós que a decrepitude manifeste-se mais ou menos avessa, imbecil, inescrupulosa, ávida.

Segundo a minha experiência, um observador não muito atento da própria cara, identifica-se, e por fim conforma-se com a imagem frontal que lhe propõe o espelho. Os perfis — quando os percebe — surpreendem-no talvez ingratamente, como o timbre da voz, quando reproduzida por aparelhos mecânicos.

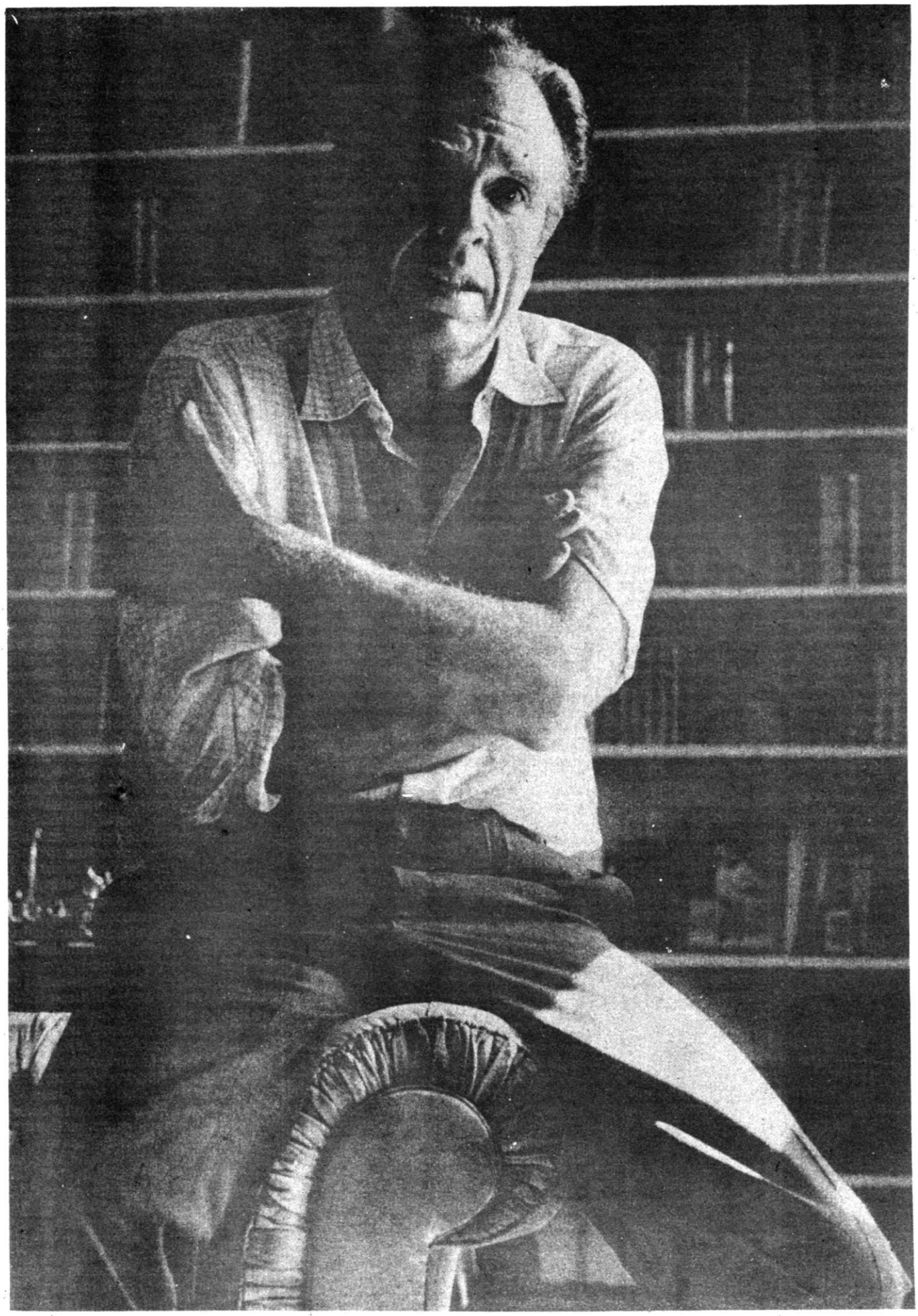
Algumas vezes pensei que minha cara não era a que eu tinha escolhido. Então eu me perguntei que cara teria escolhido, e descobri que nenhuma me convinha. A do **jovem de luvas**, de Ticiano, admirável no quadro, não me parecia adequada, pois corresponde a um homem cujo gênero de vida eu não desejo para mim. Além do mais, intuia que, nele, a atividade física prevalecia pelo excesso. Os santos pecavam por um defeito oposto: eram excessivamente sedentários. O Deus Pai eu julgo demasiado solene. As caras dos pensadores são pouco saudáveis, e a dos boxeadores, pouco sutis. As caras que realmente me agradam, são de mulher; mas não servem para trocar pela minha.

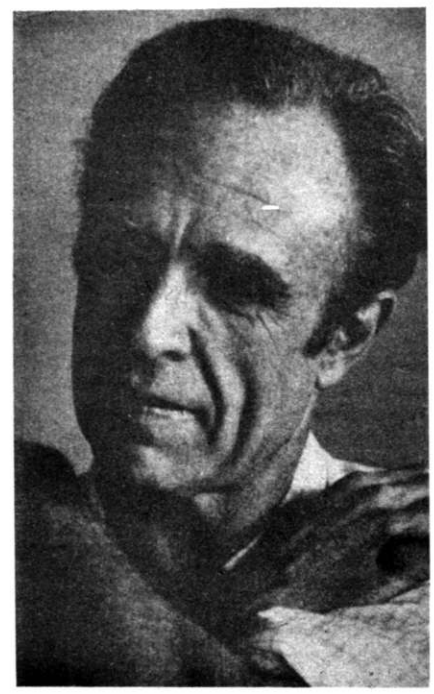
Depois desta indagação de preferências, me resignei à cara herdada. Vista de frente, no espelho, me parecia aceitável. Ainda que não assegurasse uma vontade ou poder efetivo, prometia tudo isto em vagas reservas.

Essa promessa, me desiludiu. Os anos infundiram aos olhos um enfraquecimento que aparentemente os derreteram e que tornou sua luz mais escura e triste. A mímica, própria de minha maneira nervosa, desenhou nos lados da boca, rugas em forma de arcos ou de parênteses, que transformaram o jovem leão num cachorro velho. Nunca me entendi com seus perfis. Acho que o esquerdo expressa uma remota fraqueza de meu espírito, me desagrada. No outro, o nariz cresce grosseiramente e, não sei porque, encurva-se.

Definitivamente, esta é a cara que tenho. Procurarei não agravá-la com ruindades, para investir algum dia, ainda que protegido pelo emagrecimento inevitável, a plena responsabilidade que, de algum tempo para cá, simulo diante de meus amigos, fotógrafos.

Adolfo Bioy Casares





OS LUSÍADAS

Mas o que Zé Celso, Filpo Nuñez, Darcy Ribeiro, Lefebvre e O Exorcista estão fazendo juntos em Portugal? É o que se publica nos jornais do outro lado do oceano.

DARCY RIBEIRO

"Um dos problemas fundamentais da Universidade portuguesa de hoje é o de tratar o estudante como um indivíduo, para quem as responsabilidades universitárias terminam com a licenciatura, com a obtenção do diploma. Em lugar disso, ele deve considerar que a Universidade está aberta para ele, permanentemente, e deve atrair os melhores deles para incorporar nos seus quadros como futuros professores, ou para prepará-los como quadros docentes de investigação de outras universidades e de outras instituições científicas.

Portugal vai experimentar uma expansão muito grande do ensino superior nos próximos anos. Por isso, esse procedimento é absolutamente indispensável. Vejo em Portugal muita gente assustada com a expansão das universidades. Mas essa expansão ainda é pequena, com respeito à que vai ocorrer nos próximos anos. Nesse sentido, Portugal vai precisar de muito mais professores e é preciso que esses professores não sejam formados por critérios nepóticos ou por critérios antigos, mas sim por programas regulares de pós-graduação a nível de master, e a nível de doutoramento. Isso é ainda mais importante, pelo fato de que, provavelmente, Portugal, mais do que outras nações, vai ser chamado a ajudar no esforço de Angola, de Moçambique e da Guiné, para formar suas próprias universidades."

(De uma entrevista concedida ao jornal A Capital de Lisboa, pelo ex-ministro da Educação do Brasil e primeiro reitor da Universidade de Brasília, professor Darci Ribeiro, que está em Portugal para colaborar na reestruturação da Universidade portuguesa, a convite do professor Rui Luís Gomes.)

FILPO NUNES

"No treino da tarde de hoje, entrará no relvado um homem que tem tradições no clube leixonense: o argentino Filpo Nuñes, que deu a única Taça de Portugal à coletividade, há 13 anos." **(De uma notícia publicada pelo jornal A Capital, de Lisboa, anunciando a dispensa do técnico do Leixões, o brasileiro Haroldo Campos, e sua substituição pelo argentino, naturalizado brasileiro, Filpo Nuñes.)**

ZÉ CELSO

"Vou fazer um trabalho com portugueses, brasileiros, africanos. Há uma hipótese de dar um curso de dois meses, mas nada é definitivo. Quero fazer um trabalho de movimento, de criação coletiva e descolonização. Um trabalho de ação direta para despertar para a criação coletiva. Estou interessado em desenvolver essa proposta em Trás-os-Montes. Trabalhar com o povo português é descobrir o denominador comum. Dizer como encaramos a descolonização, mudando a relação senhor-escravo, na África e em Portugal, saber o que eles pensam. O teatro em função desse contato, um trabalho com as coisas não formuladas. Não vamos tentar ensinar; eu procuro a comunicação com o que está vivo; acredito no poder do circo, do teatro como ação direta, corpo a corpo, com outros meios: fotografia, cinema, videoteipe, música, dança, festa. Eu quero encontrar a energia dessa região, despertar para a criação coletiva com pessoas que não falaram esse tempo, que têm uma maior conservação do sentido de povo, que foram massacradas e sentiram a necessidade de se entender. A função do teatro é mostrar as possibilidades, aglutinar. O teatro é móvel, cigano. (De uma entrevista a Maria da Paz "Minouche" Urbano Rodrigues, para o Diário Popular, de Lisboa.)

LEFEBVRE

Precisamos de uma civilização que preserve a nossa tradição e a nossa cultura, o que naturalmente implica numa noção nova de espaço e numa arquitetura global diferente." (De um depoimento do filósofo francês Henri Lefebvre ao Diário Popular, depois da palestra que fez no Laboratório de Engenharia Civil, em Lisboa.)

O EXORCISTA

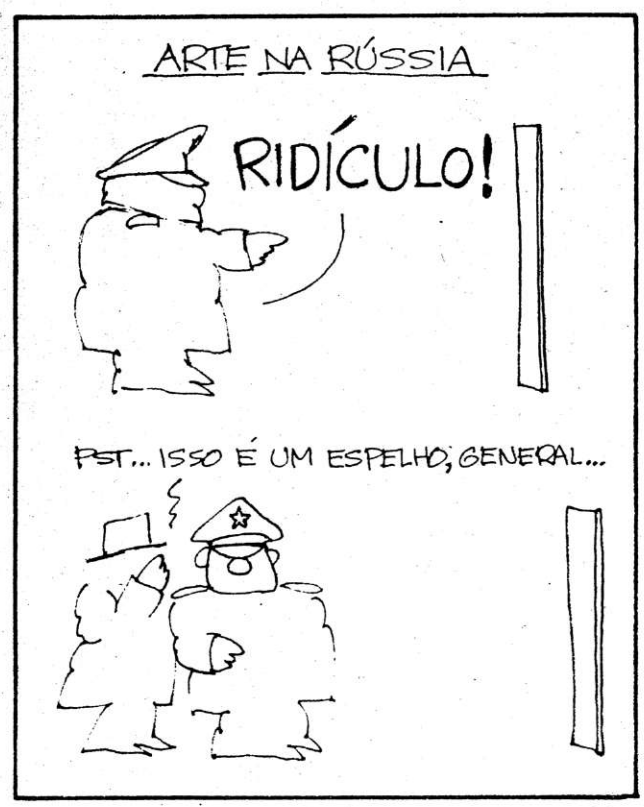
"Meu caro: espero que por isto que lhe vou dizer não venha a zurzir-me com as achas do Inferno — mas, com franqueza, você me desapontou. Era a sua primeira apresentação em público, que me **recorde, a sua primeira grande interpretação cinematográfica, a cores, e com banda sonora. No foyer, você era temido antes de começar o espetáculo. Cochichava-se pelos cantos do "Caleidoscópio" aquele misto de respeito (pela sua personalidade) e mal disfarçada ansiedade. Alguns, mais sensíveis aos prováveis efeitos malignos, mas incapazes de resistir à tentação de uma** premiere, **com toda a circunstância da praxe, terão tomado as suas precauções — quero dizer, os seus sedativos — e, discretamente, como quem não quer nada, levavam lá muito escondido um pequeno crucifixo...**

O ambiente não lhe podia ser mais propício — até nas duas ambulâncias, com os respectivos bombeiros, que a Lusomundo (esses demoníacos distribuidores...) teve o cuidado de colocar à porta do antes tranquilo restaurante, agora cinema e complexo comecial do Campo Grande, à beira do lago, não viesse a suceder que você saltasse do écran e se apoderasse de algum pacato espectador, porventura mais desprevenido.

Portanto, você dispunha, à partida, de todos os trunfos para impressionar, para se impor, para corresponder à fama que os trombeteiros da publicidade americana se esforçaram por lhe dar, antes de desembarcar nesta cidade, por obra e graça do 25 de abril.

Mas, você, absolva-me desta crueza, você falhou. Foi um demonio oportunista, palhaco. Numa palavra, você foi um demônio sem classe. Os seus truques não me convenceram. A sua interpretação foi de mau gosto. A sua revelação não vai agradar nem aos seus mais fiéis devotos servos das profundezas do Inferno.

Meu caro, se me permite, siga este conselho: mude de vida. Porque, a continuar como o vi anteontem, ainda acaba saneado." ("Credo!... Epístola ao Demônio com Sérias Reservas", de Dinis de Abreu — um dos "Onze Exercícios sobre o Exorcista", publicados pelo Diário Popular, de Lisboa.)



Luís Fernando Veríssimo

OCIDENTE x ÁRABES

ANESTESIA ANESTESIA ANESTESIA ANESTESIA ANESTESIA ANESTESIA ANESTESIA GERAL

Holly Kemp, de Richmond, Califórnia, tem 32 anos e é preta. Segundo os autos de um processo corrente no tribunal local, ela é "ligeiramente retardada", motivo pelo qual vive sob a supervisão de uma casa de assistência. Mas Holly Kemp não é tão retardada a ponto de não compreender o sentido da palavra "esterilização". Assim como um grande número de mulheres nos Estados Unidos — muitas delas pretas, muitas delas pobres, muitas delas provavelmente retardadas — Holly Kemp não quer ser esterilizada. Mais especificamente, não concorda que alguém tenha o direito de esterilizá-la contra a sua vontade — e, com a ajuda da Associação Norte-Americana para os Direitos Civis, está tentando provar isso ao juiz de Richmond.

Nesse ponto, há inteiro acordo entre ela e Nial Ruth Cox, da Carolina do Norte, que também é preta e é pobre, sendo que a principal diferença entre elas é que Nial já não tem nada a dizer ao juiz. Ela está com 26 anos, e quando tinha 17 o Estado da Carolina do Norte decretou que fosse esterilizada. Há uma segunda diferença: Nial não é sequer ligeiramente retardada. É apenas desempregada — o que, para a lei da Carolina do Norte, constituiu argumento bastante em favor da esterilização. Com base nesse tipo de raciocínio, 1.107 mulheres foram esterilizadas nesse Estado, nos últimos 10 anos.

Por estranho que pareça o raciocínio da corte no caso de Nial Ruth Cox, o processo de Holly Kemp é mais ainda. Sua esterilização foi pedida por seu pai, Joseph L. Kemp, o qual declarou ao tribunal que Holly era "sexualmente ativa" que um aborto seria perigoso para a saúde dela. Como veio Kemp a saber que Holly era "sexualmente ativa"? Foi o médico quem disse, afirmou ele. Consultado pela imprensa, o médico de Holly disse que Kemp é que lhe informara isso.

Mais: quando há conflito de interesse entre o tutor e a tutelada a lei prevê que esta tem direito a aconselhamento jurídico independente. Ao procurar recorrer a um tribunal superior contra uma primeira sentença — que decretara a esterilização de Holly— o advogado do Estado descobriu que o mais forte argumento de apelação era este: a assistência jurídica fornecida pelo Estado fora incompetente. Agora, como é que o Escritório de Advogados do Estado haveria de denunciar a incompetência do Escritório de Advogados do Estado? Holly só não ficou sem defesa nenhuma porque o advogado, num gesto de alta coerência moral, pediu a interferência da Associação dos Direitos Civis.

O mais estranho de tudo, no entanto, ocorreu no condado de Aiken, onde um tal dr. Pierce, do hospital público local, decretou que uma paciente perderia toda assistência médica gratuita se recusasse a esterilização. Seu argumento:

— Trabalho duro para pagar meus impostos. Estou cheio dessa gente que vem ter bebês que terão de ser sustentados com os dólares dos impostos.

Ninguém sabe se todos os médicos de Aiken pensam assim. Mas o fato é que, do total de mulheres sob regime de previdência social nesse condado, um terço foi submetido à esterilização.

A esterilização de retardadas, desempregadas, incapacitadas, etc., está prevista na legislação de 22 Estados norte-americanos. Segundo a Associação de Defesa dos Direitos Civis, tais procedimentos "eugênios" têm um tom "nitidamente racista", (já que a maioria das esterilizadas é de cor negra) e revela "profunda inumanidade". Mas, independentemente de qualquer consideração moral, há situações nítidas e práticas que, nesses casos, nunca foram tentadas. Uma delas leva o nome de pílula.

Percival de Souza Apresenta:

BAIXA SOCIEDADE

"Em jogo de boca, ganha quem tiver um par de 45"
(Pedro Galinha)

Meu considerado Joaquim Pires Ribeiro esteve em fins de outubro no Palácio dos Capas-preta, também conhecido por Templo de Têmis. No banco dos entrutados do II Tribunal do Júri ,ele foi absolvido pela morte dos abdallas têxteis — ou seja, o Adolfo e o Olavo, daquela firma Mitidieri. Meus considerados Negrini e Bandeira, dois advogados pedra 90, deram uma de Mandrake: criaram a tese "coação moral irresistível" e os jurados embarcaram na canoa. Assim, ele foi absolvido pelos dois crimes — os caras tinham metido a mão no bolso do Joaquim — e pela morte de sua mulher. Agora, com Joaquim em liberdade — estava em galera desde 1972 — o meu chapeta Luiz Philippe, diretor da Casa de Detenção, ex-hotel do seu Guedes, precisa arrumar um novo encarregado para a sala dos **data vênia.**

FININHO DANÇA

Não foi por falta de dar conselhos ao moço. No Paraguai, por onde dei umas bandolas, eu falei mil vezes pro moço: vê se te emenda, porque o mar não está para peixe. O **Fininho** pareceu sensibilizar-se e até me pediu para selecionar-lhe uns bons trechos bíblicos do Livro dos Livros que havia ganho quando puxou uma Penitenciária nos idos de 1970. Então, a pedidos, curti uma de teólogo.

Mas o jovem esquadrólogo passou a circular pela aí, sem nenhuma preocupação com desbaratino, e foi descontar um tutu num bank do Pari e dançou. Quando se tocou, já estava de capuz no rosto e grampos nos pulsos. Do bank e desse jeito — uóóóó! foi levado para o gabinete do sr. secretário da **justa**, que não lhe deu moleza. Estava possesso! Agora, **Fininho** está amargando uma **Penita**. E o pior: com processos paca para puxar, todos por 121. É, como diria B. Franklin, quem vive de esperanças morrerá em jejum!

Death Squad
Ou: MORTIS CENTURIA
(gostaram do latim?)

É, aquele festival de presuntos que **caracterizou os anos de 68, 69 e 70 está começando a dar a maior crépe na selva de pedra, vulgo São Paulo. Os heróis do passado são os covarde do presente, cabreiros com** a corda **que puxam e com a possibilidade de vestir calça azul ou cáqui (pijama listrado é só em filme americano, manjaram?).**

A bem da verdade, o Geraldo do Assalto é um gaiato nessa história, e realmente merecia a complacência de Têmis, já que está de olhos vendados mesmo... Pô, mas o Saad, aquele data vênia, não precisava fazer cena de teatro de subúrbio, ameaçando agredir o promotor, o meu considerado Milton Cícero — um boa gente, que briga com o intelecto, não com punhos.

Por isso, como detesto capitulações por lesões corporais, vou dar um alô pro Saad: cuidado com essa onda de machão. Se você levantar o topete com outro representante do MP (Ministério Público, seu loque) — como o meu considerado Marino, por exemplo — vai tomar uma bordoada no meio das fuças. Quem avisa, amigo é.

HOMENAGEM A PELÉ

O negrão fez seu último jogo com a Ponte, deu voltinha, verteu lágrimas de crocodilo etc. etc. No mesmo dia, o seu considerado Nordi (MM Juiz), estava na Detenção, estudando um sistema de audiência lá dentro, por determinação do presidente dos Capas Preta.

Numa dessas audiências, ele interrogou um tremendo 171, com derivações pro 155 (artigos do Código, seu trouxa) que tinha vendido um anel, caro paca, pro negrão da vila. Ocorre que o anel era mandado e o Pelé sifu: deu o tutu — um mil, dos novos — e ficou a ver navios. O vigário se fechava em copas, "não tenho nada com isso". Até que, num repente de admiração pelo gênio do futebol, declarou ao perplexo juiz:

— O senhor quer saber de uma coisa? Em homenagem ao Pelé, eu conto tudo...

CAMANDUCAIA CITY

Bola pretíssima, e toda recheada de fel, para os homens da lei que encheram um ônibus de pivetes, e deixaram-nos nus perto de Camanducaia, aprazível cidade afamada pelo Sangirard.

Foi uma tremenda sacanagem, porque ainda deram uns cascudos nos moleques, com pedaços de pau. Muita valentia! Bater em meninos indefesos e ainda com capuzes nos focinhos, para não serem reconhecidos. Aqui a expressão "focinho" é literal, porque quem fez isso não é gente: é porco! Pig! Argh!

Embora tenhamos mil considerados no DEIC, bola preta prá todo mundo. Bola preta também pro meretíssimo capa preta e bola murcha encarregado de resolver os dramas dos menores e não faz lhufas. Bola preta para Têmis toda, com venda nos olhos, espada e balança na mão, pela sua omissão. Bola preta pro pigmeu do Morumbi, que fica de braços cruzados. E bola super-preta para a sociedade, podre, corrupta e sem vergonha da qual emergem porcos de patas em riste, batendo palmas para os gênios que tiveram a idéia do ônibus. Está tudo podre. ARGH! Três vezes AAAAAAA RRRRRRGGGGGGHHHHHH!!!

JOÃO PIRATA

O parpanata, vagau de destaque no submundo, achou que estava com tudo e lascou brasa: assaltos, homicídios, latrocínios. Tanto aprontou que passou a ir ao seu encalço o temível doutor Paranhos, o majura mais afamado dessas plagas. Não deu outra: João Pirata dançou, enquanto a justa toda passou a ficar de butuca em cima do Eliezer, que também sifu. Gozado: o "Correinha" me contou que há uns seis anos ele era dedo-duro da Delegacia de Roubos. Ora, vejam só!

Pros loques: esses dois bandidões deram o pinote do Forum de Guarulhos e desde então aprontam como aprontavam antes de entrar em galéra. O Eliezer fugiu e quis fazer uma surpresa para sua cara-metade, visitando-a no dia de seu "nat". Mas eis que ele surpreende a aniversariante com um outro pinta, a bordo de um lustroso Maverick. Eliezer chegou, meteu umas azeitonas grossas entre os celebins do infeliz e deu uma tunda na mulher, no melhor estilo dos dramas possionais.

Todas as honras e glórias da cana da Pirata, que de pirata mesmo não tem nada (sequer um louro no ombro ou uma garrafa de rum) foram pro doutor Paranhos. Cruzei com o majura, e isso aconteceu no mesmo dia da cana do bandidão Pirata e no dia do nabo voador de Guarulhos prá cima do majorengo. Este, irônico, me perguntou:

— Qual das canas vocês prefere? a minha ou a do João?

FÉRIAS

Puxei o carro em setembro, andando pela aí. Podemos recomendar: o vinho do Caraça (MG), onde se serve também um bom conhaque de laranja; o ragú da Pousada de Ouro Preto (MG), com abichanada cozinha francesa; o grande japonês do Barrote, comida japa em Jacareípe, a 30 kms de Vitória (ES). E na volta, via Rio, se você estiver enjoado de peixe e camarões, não perca o macarrão da espelunca do Angelo (o nome é esse mesmo) em Cabo Frio.

Nota: não autorizo o Cotrim a reproduzir, in totum ou parcialmente, essas indicações, que são exclusivas da coluna.

De Vitória — aquela cidade capixaba onde um majorengo já disse que se forem prender todo mundo que mexe com caranga roubada, nem eu fico de fora prá fechar a porta, chegam duas notícias que interessam toda **low society** (Low-society é a gente mesmo, meu povão) do país.

Dion de Paiva (quem não conhece o Dion, que trabalhou no setor de exportação de automóveis para o Paraguai com o saudoso **Tenório Capote?**) manda dizer que estará de volta no próximo ano. Mas Dion diz que quer deixar a baixa e passar para a alta sociedade. O moço tá bacana, gente boa: tem uma fábrica de becas no 2.º DP, apeté no Bexiga e em Copacabana e uns terreninhos onde pretende criar gado, embora a turma do outro lado diga que ele quer é plantar cânhamo. Para quem quiser escrever, Dion está na **penita** da Pédra D'Água, e mVila Velha, Espírito Santo.

CANABIS SATIVA

E já que falamos de Dion e da exportação de carros para o Paraguai, aí vai uma, prá quem dorme de botina: Pedro Juan Caballero chorou bébé. S dá ganso e rato. Até as minas cantam pros homens. Olho vivo minha gente, que HC preventivo é melhor que puxar corda. E já que é hora de dar milho prá bico, uma bola branca e uma preta:

Bola branca para Telusa, odalisca de fé da boate Chacrinha. Telusa sabe das coisas, mas não bate prá ninguém. Ganhou até um fusca branco de presente de um caranguejeiro. Quem sabe das coisas da Telusa sou eu e Papai do Céu. A mina é filha de um coleguinha do Ramón Salvívar.

Bola preta para Lázaro Calonga, irmão do João (das coisas) Calonga. Lázaro vende incenso em sua loja Dos Pueblos e depois engessa. Dizem que se não fosse o irmão, que é vagabundo bom, Lázaro já tinha dançado com umas tochas de recheio. João Calonga está moscozado em Capitán Bado.

Eu sei porque meu considerado "Carlinhos" esteve lá prá conferir.

Gente boaé o Nardo, barman do Hotel Eiruzu, lá de Pedro Juan. Considerado de todo mundo, não vê, não fala, não houve. Nardo só trampa no legal. Ainda moço, já é malandro velho, não mexe com crime e não não perturba quem mexe.

São de desconsolar os preços das máquinas em Pedro Juan. Pois é, 45 lá tá custanto mais caro que na Baixada Fluminense.

Cuidado com os cata-mendigo de Pedro Juan, todos eles entregam. Você vai pensando que é plá e bola, vai ver é bola e plá. Quando eles oferecem mirra os homens já tão do outro lado da rua, de butuca nos lock que embarcam.

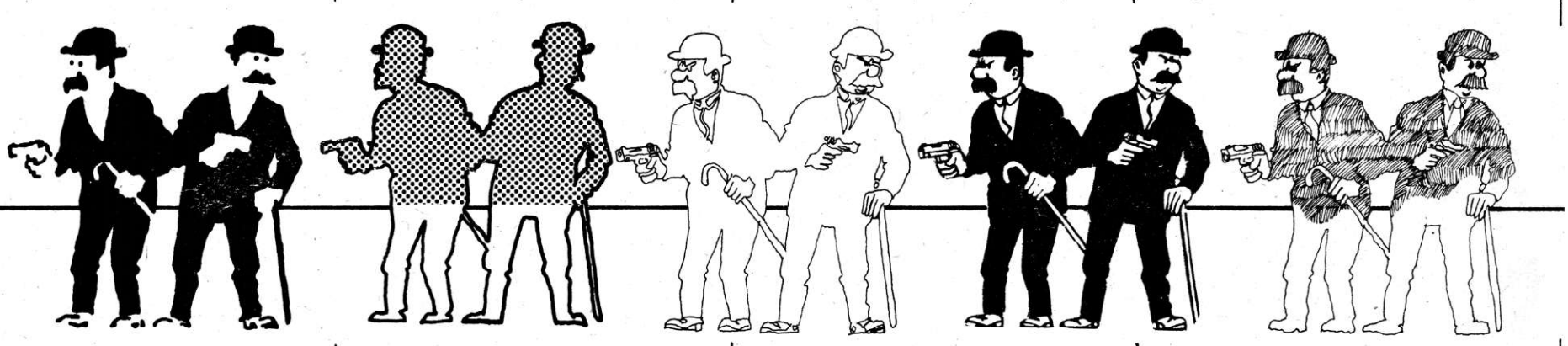
Os trutas que se dedicam a caranguejar dizem que está mais difícil passar caranga por Bela Vista, perto de Pedro Juan. Carioquinha **foi grampeado com todos babilaques em branco em cima. De quebra os homens ainda pegaram cinco mil garrafinhas com o** Carioquinha. **O moço tá puxando sua cordinha em Bela Vista.**

NOTA DE FALECIMENTO

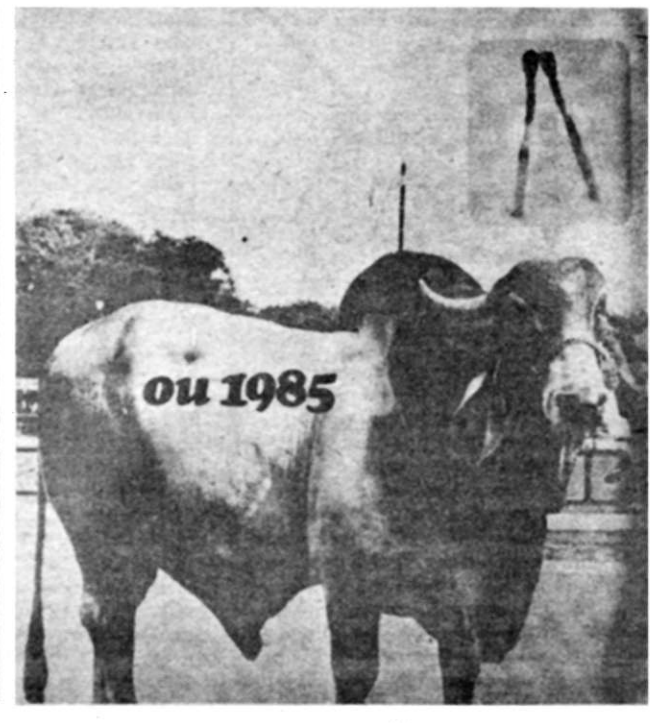
Lamento informar que o Marcílio, ex-hóspede do hotel do seu Guedes, que ultimamente dava uma de data vênia em um escritório que é uma jóia, teve sua capivara requisitada por S. Pedro. Marcílio estava pegando uma gororóba no aeroporto, quando chegaram uns pintas bravas, de máquna na mão ,mandando chumbo.

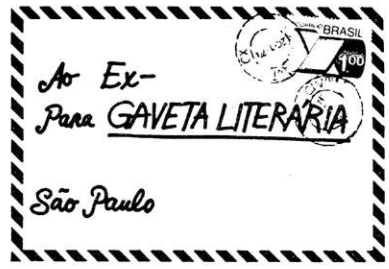
Descanse em paz, Marcílio.

Este mês não estarei dando expediente madrugal no "Papai" da Julio Mesquita. Quem precisar de uma consulta, pode me procurar no Palácio Têmis, às 3.as e 5.as, no mocó do II Tribunal do Júri. Bye bye!



CALENDÁRIO





afonso ávila diz que bastião nunes produz uma poesia de choque, de lay-out, da lei do olho. este calendário faz parte de um de seus trabalhos, o tratado geral de levitação. **ele participou do** poemação, **um encontro de poetas e criadores, realizado no museu de arte moderna do rio de janeiro, no fim de novembro.**

ex-

VOCÊ TEM GRANA NO BOLSO?

Então vê se bota alguma coisa na cabeça. EX, o jornal de Pablo Neruda, Garcia Marquez, David Cooper, Percival de Souza, Miguel Urbano, R. D. Laing, Artaud, Jane Fonda, Macalé, R. Cumb, Carlos Estevão, índios e loucos. Assinatura de seis números: 30 cruzeiros. Exterior: 45.

Aceitamos cheques em nome da EX-Editora Ltda., rua Santo Antônio, 1043, São Paulo.

ex-

Aquele texto que o Neil, o Joca, o Washington, o Otoniel, o Palhares não têm tempo de escrever prá você, nós escrevemos.
Aquele lay-out que o Klaus, o Petit, o Zaragoza, o Gabi não podem bolar prá você, porque não aceitam free-lance, nós bolamos.
Aquela reportagem que o Bob Woodward, o Carl Bernstein, o Raimundo Pereira não farão prá você, porque estão viajando, nós fazemos.
Aquele folheto que a DPZ, a Alcântara, a Mauro Salles, infelizmente não aceitam executar prá você, porque a verba é pequena, nós executamos.
Aquele jornalzinho que o Estadão, o JB, a Abril não estão aparelhados prá editar prá sua empresa, nós editamos.
Aquele livro seu que a Melhoramentos, a Nova Fronteira, a MacGraw Hill lamentam não publicar, nós publicamos.

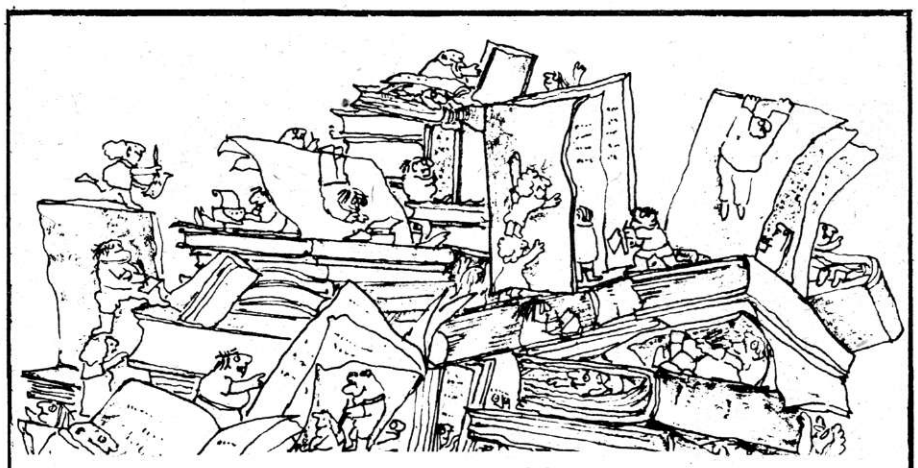
EX EDITORA
Rua Santo Antônio, 1043.

CANTINA DO
PASQUALE
massas frescas — comida caseira
Rua Martinho Prado 187

PONCHO EL PONCHO EL PONCHO
casa de lanches - cervejaria
RUA AUGUSTA nº 169
esquina da Caio Prado.

assine Opinião

AS MÁQUINAS LAVAM... VOCÊ VÊ
MAJOR SERTÓRIO 318 - DAS 8 ÀS 24



A Livraria Ciências Humanas tem books, libros, livres e livros

Inclusive aquele que o professor de Sociologia pediu e que não tem em lugar nenhum. Ou aquele que você viu no Quartier Latin e não comprou porque estava sem grana.

Pois o Raul Mateos Castell — o dono da livraria está por dentro das necessidades de cada curso.

Antropologia, Filosofia, Ciências Sociais, História — é com ele mesmo. E com sua equipe: os próprios professores dessas disciplinas.

Se você escolhe livraria pelo tamanho, não precisa aparecer: ela é pequenina. Mas, não sendo um super-mercado de livros, tem a maior quantidade de livros importantes — por metro quadrado — qu evocê pode imaginar.

Faça um roteiro de férias com o Raul. Afinal, como dizem os antigos, é a melhor época para ler e estudar. De verdade.

E se você não pode chegar até a Livraria Ciências Humanas, ela chega até você. Pelo Reembolso Postal.

7 DE ABRIL, 264. LOJA B-2
FONE: 36-9544
C. POSTAL 4439 CEP 01044

Carlos Estevão, criador do Dr. Macarra, colaborador em jornais e revistas de Minas e do Rio, morreu aparentemente há dois anos em Belo Horizonte.

PRESENTS

Um cigarro sempre amarelando na mão esquerda, o desenho escorria pela direita.

Ele também já foi brasileiro, andou de studebeiquer, desceu lá le cima com a mala de couro forrada, viveu entre Belô e Rio porque não podia chorar.

Se o dia ia bem ou mal, atravessava a noite de Gillot em punho, e de manhã era sempre um sobrevivente.

Ao completar 50 anos, respondia a um reporter, por detrás das olheiras:

— Apesar da fama, não era bem isso o que eu queria.

Entrementes, todos os meninos do interior iam ao barbeiro, sem querer viam o Cruzeiro e aprendiam que (sem querer?) as aparências enganam.

Alguns desses pirralhos nunca mais foram ao barbeiro ou folearam O Cruzeiro, mas não precisava mais.

Já sabiam olhar a mesma coisa de duas maneiras diferentes, duvidar das aparências e rir do óbvio, mesmo em decúbito dorsal; hoje ensaiam passos sobre o fio da navalha.

E se nunca mais alguém viu Sir Charles dirigindo seu possante studebeiquer, não se engane, oh boy. São apenas aparências.

AS APARÊNCIAS ENGANAM...

PRODUÇÃO DE HERMES & JADER

— PUXA... SERA' QUE FUI MESMO ATROPELADO ?

como gil vê jorge

1 jorge mautner é um homem. forte como um rochedo, claro como a água, leve como o vento. os fios elétricos, a bola de borracha, os buracos da flauta, a sola do sapato, as patas do mosquito, e o palito no meio do pirulito. jorge mautner pode ser qualquer coisa. por que ele quer ser qualquer coisa. tudo. claro que tudo é tudo e todo mundo é, diria você; mas jorge realiza, em sí, a caminhada para a consciência deste TUDO; e como ele brinca com as pedras do caminho!

2 jorge mautner é uma criança distraída e tola. sua tolice é como a lente potente do telescópio do monte paiomar: traz as estrelas para perto, para dentro, para o centro do pensar. pensar tolices de menino numa máquina de ampliar. assim é como eu já vi jorge mautner, tantas vezes, a pensar. ele é, não tenho duvidas; ele é um menino distraído que nos pede para lhe ensinar. um mestre. ele é um mestre.

3 "desafinado" foi um manifesto da alma do homem da história daquele tempo- brasil, anos 50. "tropicalia" foi um manifesto da alma do homem da história daquele tempo - brasil, anos 60. "maracatu atômico" é um manifesto da alma do homem da historia deste tempo - brasil, anos 70. 50, 60, 70,e assim por diante, caminho do corpo universal, o espirito de deus.

4 o lp de jorge mautner tem treze músicas, dele ou de parceria com nelson jacobina, um garoto dos sonhos cariocas, da aventura de ipanema. tuti moreno e chico azevedo, tocam bateria e percussão, e jorge, jacobina, roberto carvalho e eu, aparecemos aqui e ali, tocando piano, guitarra, violino, bandolim e violão. jorge canta tudo com aquele jeito de século XIX e XXI. eu gosto muito do disco. ataulfo alves se deliciaria com "matemática do desejo". os sambas são todos lindos, e, "ginga de mandinga" de parceria com o baixista rodolfo grani jr. é uma serpenteira que se desenrola enrolando todo mundo, de joão gilberto à herbie hancock. os rocktosos "guzzy muzzy", "rock da tv", "cinco bombas atômicas" e "salto no escuro" me fazem pensar que afinal pinta uma banda, aqui, tocando e soando como os rolling stones e assim mil anos luz de distância dos rolling stones, pra frente ou pra trás. aliás, do lp, eu tenho um pensamento/síntese: o disco está atras ou à frente, acima ou abaixo de qualquer crítica. para uma terra que tem jorge ben tinha que pintar jorge mautner.

beijos,

gilberto gil

ps: - rodolfo, o baixista, é uma espécie, assim, de gerson do time, observou caetano.

à venda em todas as lojas
LP 2451 051 K7 3175 051

produzido e distribuído pela
• PHONOGRAM •

DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS CRIATIVOS

Edição fac-similar realizada nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, junho de 2010.